

# SERÕES

REVISTA MENSAL  
ILLUSTRADA



## SUMMARIO

LAVORES FEMININOS. — ADORAÇÃO DOS MAGOS. — ARTE INDO-PORTUGUEZA. — MARTYRES. — DE KROONSTAD A LINDLEY. — DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — TRAGICA HISTORIA DE UM CSAR. — O PREÇO D'UM QUADRO. — MODAS. — MAL DE HERANÇA. — VARIEDADES.

VOL. II

DE JAN. A FEV. — 1902

NUM. 9

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

# SUMMARIO

	Pag.
<b>Perús.</b> — <i>Aquarella da Ex.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> MARIA SIMÕES.</i> . . . . .	130
<b>LAVORES FEMININOS.</b> — EXPOSIÇÃO REALISADA NO ATHENEU COMMERCIAL. — <i>Por VIRGINIA DA FONSECA. — Com 4 gravuras, copia de photographias.</i> . . . . .	131
<b>ADORAÇÃO DOS MAGOS.</b> — <i>Com 5 gravuras, copia de quadros.</i> . . . . .	135
<b>ARTE INDO-PORTUGUEZA.</b> — FUNDIDORES DE ARTILHERIA. — <i>Por SOUSA VITERBO. — Com 7 gravuras, copia de photographias.</i> . . . . .	139
<b>Sorrindo.</b> — <i>Estudo de J. B. GREUZE.</i> . . . . .	145
<b>MARTYRES.</b> — EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO. — <i>Por T. LINO D'ASSUMPÇÃO. — Capitulo VI — GALERO. — Capitulo VII — O SACRILEGO. — Com 3 gravuras, copia de photographias.</i> . . . . .	146
<b>DE KROONSTAD A LINDLEY.</b> — <i>Por ALBERTO MARQUES PEREIRA. — Com 3 illustrações de PINTO LEAL</i> . . . . .	154
<b>DE LISBOA A MOÇAMBIQUE.</b> — <i>Por ANTONIO ENNES. — Capitulo IX. — MOÇAMBIQUE, A FAZENDA AGRICOLA, COQUEIROS E CAJUEIROS, O MONHÉ. — (Continuação). — Com 2 gravuras, reproduções de photographias.</i> . . . . .	157
<b>TRAGICA HISTORIA DE UM CSAR.</b> — MYSTERIOS DA HISTORIA. — <i>Com 5 illustrações.</i> . . . . .	163
<b>PREÇO D'UM QUADRO.</b> — <i>Com 1 gravura, copia de quadro</i> . . . . .	175
<b>MODAS.</b> — <i>Com 4 illustrações</i> . . . . .	177
<b>MAL DE HERANÇA.</b> — ROMANCE. — <i>Segundo HALL-CAINE. — Com 8 illustrações</i> . . . . .	181
<b>VARIÉDADES.</b> — PERÚS. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PACIENCIAS. — CONHECIMENTOS UTEIS. — PROBLEMAS. . . . .	XVII

## GRAVURAS

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas, poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de	}	<b>3 numeros</b> . . . . .	<b>600</b>
		<b>6 numeros</b> . . . . .	<b>1\$200</b>
		<b>12 numeros</b> . . . . .	<b>2\$200</b>

Para o Brazil e paizes da União postal, por :

**Serie de 12 numeros (moeda portugueza) 3\$000**

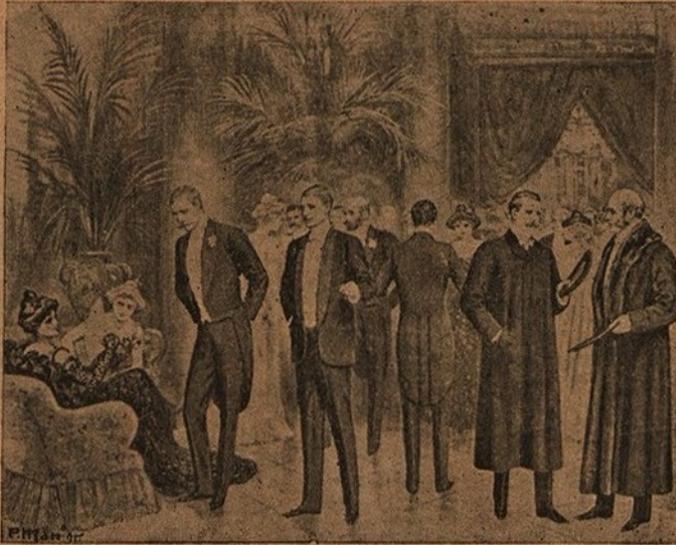
remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cábria, 7, a respectiva importancia *directamente*.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

# LOPES, LOURENÇO & C.<sup>TA</sup>

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confecções  
para  
homem  
e  
senhoras



Sortimento  
completo  
de  
tecidos  
de  
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.<sup>o</sup>

## M. A. BRANCO & C.<sup>A</sup>

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: Rua do Crucifixo, 60 a 66

Gravura heraldica e commercial — Carimbos de borra-  
cha. — Typographia e lithographia. — Bilhetes de visita.

## TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.  
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.  
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.  
Cachimbo d'ambar, espuma e raiz.  
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.  
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito  
para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

Obras litterarias e romanticas



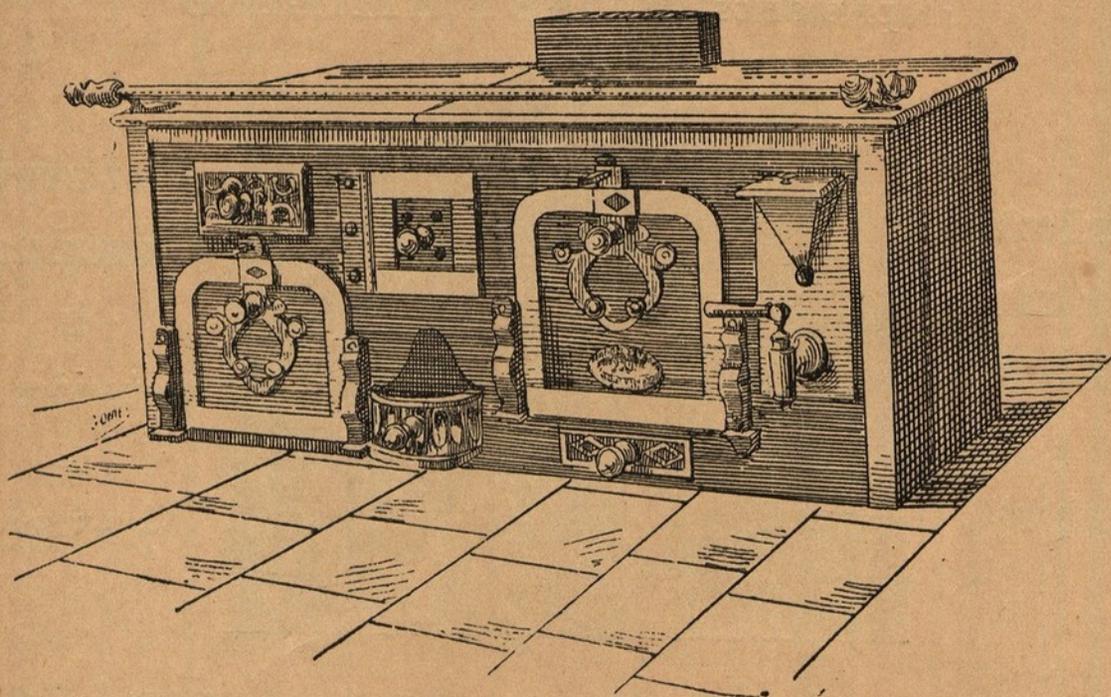
Unica casa  
creada em  
Lisboa para  
a venda de  
**Louca das  
Caldas.**

**O Gato  
Preto**

Premiada nas  
principaes expo-  
sições da Euro-  
pa e da America.  
Rua da Victoria  
LISBOA

# MANUFACTURAS DE FERRO. COBRE E BRONZE

## MANUEL PATRONE

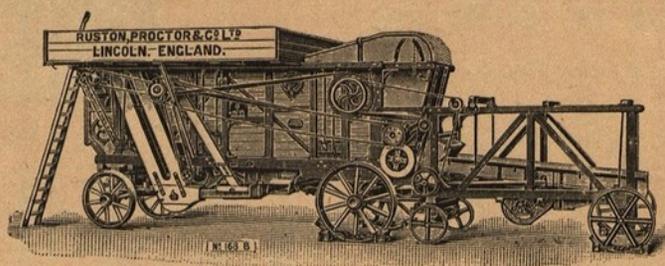


Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

**RUA DE S. PAULO, 109**

# Debulhadoras e Locomoveis

RUSTON, PROCTOR & C.<sup>o</sup>, L.<sup>TD</sup>



Agente geral em Portugal e colonias

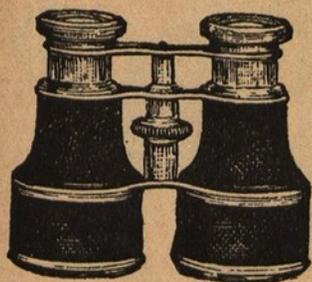
**CARLOS CORRÊA DA SILVA**

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

# J. J. RIBEIRO & C.<sup>A</sup>

INSTRUMENTOS DE OPTICA E CIRURGIA  
TOPOGRAPHIA, ASTRONOMIA, ETC.

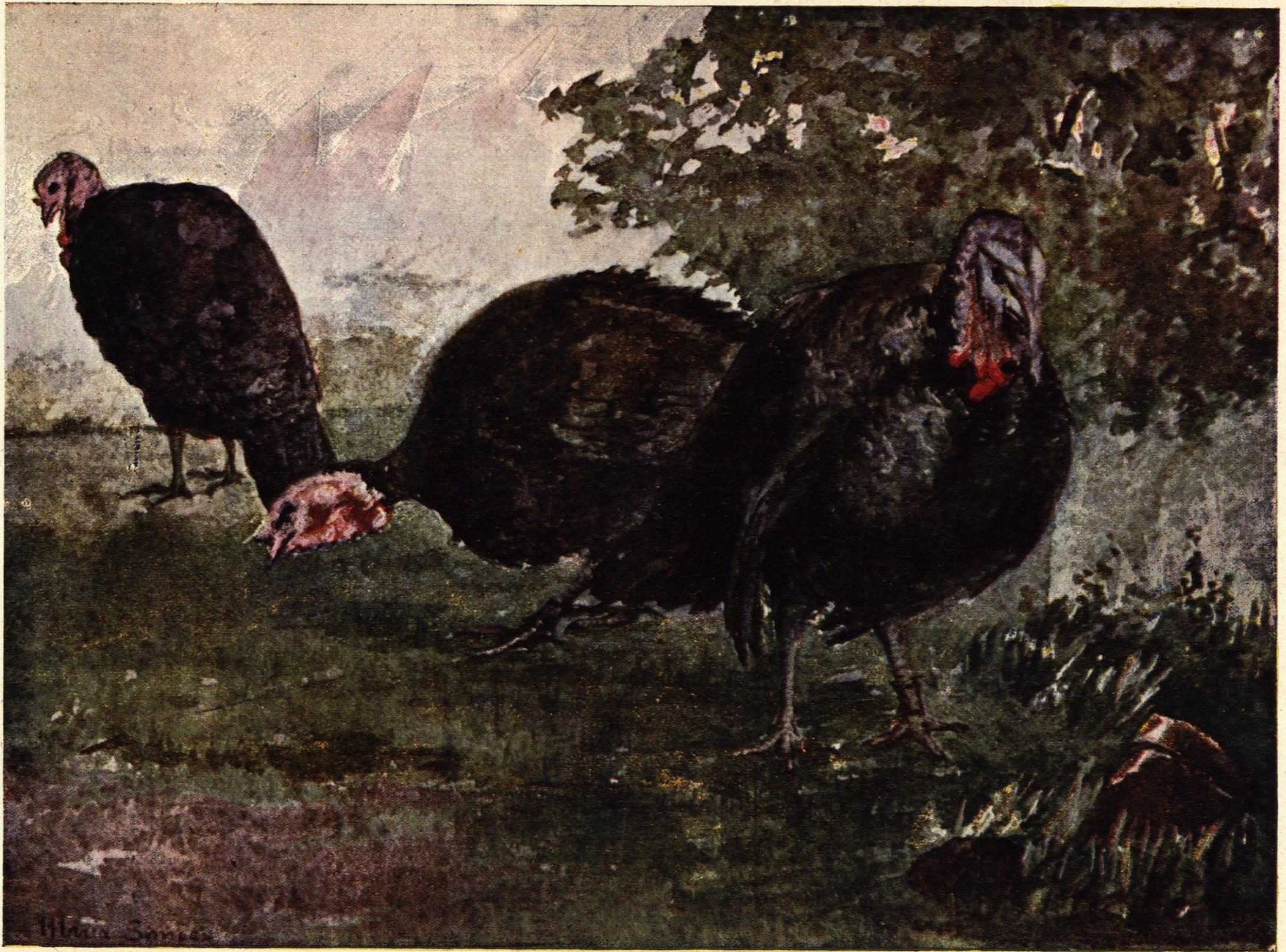
Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia  
OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES



222, RUA AUREA, 226

LISBOA





*Clichés de P. Marinho & C.<sup>a</sup>*

AGUARELLA DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. MARIA SIMÕES

*Impressão typographica dos SERÕES*



SALA DA EXPOSIÇÃO — ASPECTO GERAL

# LAVORES FEMININOS

Exposição realizada no Atheneu Commercial

*Entre os numerosos meios de que a mulher, dona de casa ou mãe educadora, se socorre para dar, na sua influencia bembazeja, ao lar domestico aquelle aspecto confortavel e alegre que prende sympathias e impõe respeito e estima, avulta, como mais visivel a olhos extranhos, a decoração artistica da casa, do seu interior, onde abundem os lavores proprios. Felizmente desenvolve-se entre nós a predilecção pelo cultivo da pintura applicada a mil objectos de uso decorativo, praticada pelas senhoras e pelas meninas, n'um renascimento de gosto e de educação muito para louvar. Não é somente na capital que se denuncia este animador movimento; é tambem na provincia. Demonstrou-o, ha pouco, a exposição da Figueira. Confirma-se ainda pela exposição no Atheneu de que em seguida se dá noticia e se reproduzem alguns aspectos.*

**N**A renovação mental de que a sociedade portugueza tão urgentemente necessita, um grande papel deve pertencer ás mães, porque é em casa, indirectamente, que se recebem as primeiras noções, a verdade ou o erro sobre a vida.

Onde a mulher fôr apenas a depositaria da tradição e da rotina, nunca poderão surgir novas gerações, aptas para o trabalho intellectual do nosso tempo, ávido de conquistas, ansioso de soluções que conduzam á felicidade. Onde a mulher é collaboradora do homem em todos os seus nobres progressos

scientificos, as gerações produzem uma obra redemptora como na assombrosa civilisação americana.

Entre nós, infelizmente, a mulher é habitualmente afastada de todo o movimento intellectual e artistico, o que representa um terrivel elemento de atraso.

Tudo quanto altere essas desoladoras normas torna-se merecedor da mais viva sympathia. Está n'este caso a exposição de pintura promovida pela distincta professora D. Helena Fontes nas salas do Atheneu Commercial. Vinte e sete alumnas expozeram cento e

setenta e dois trabalhos, o que representa um grande esforço de boa vontade, e uma bella prova de applicação. Mas não se limitou a isso o resultado do esforço da illustre professora.

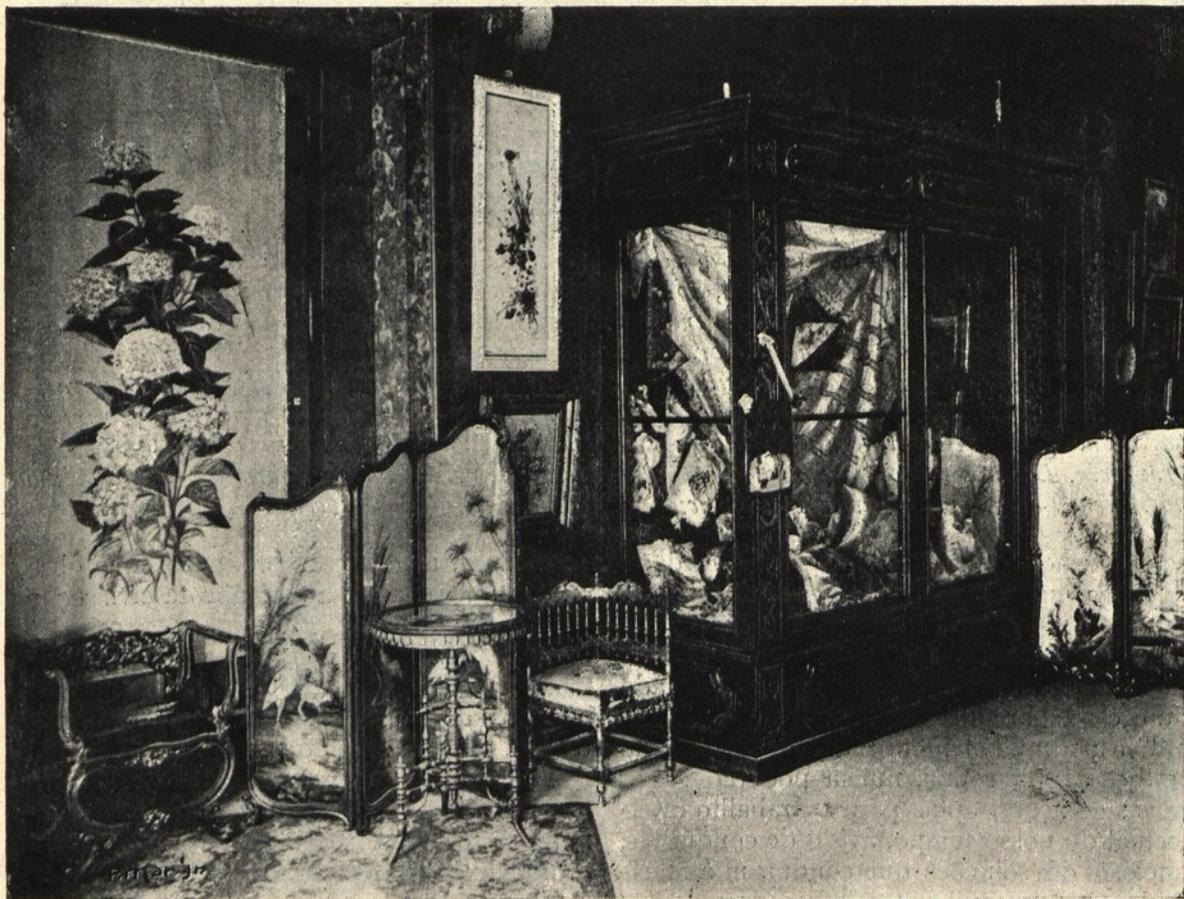
Milhares de senhoras percorreram as salas onde se ostentavam os trabalhos, tiveram occasião de os vêr, de os discutir, de os tomar para assumpto de conversações, tendo assim ensejo de interessar-se pelas novas applicações de tantas actividades.

Estudos de alumnas, muitas d'ellas com poucos mezes de curso, não podem criticar-se como quadros de artistas feitos, onde ha que apreciar o assumpto, o processo, o intuito social, sem o qual a arte, digna d'este nome, se abate e desmerece.

As producções das discipulas da sr.<sup>a</sup> D. Helena Fontes, a qual já tem exposto no Gremio Artístico e no antigo Grupo do Leão, pódem dividir-se em duas cathogorias principaes: as applicações e os estudos, o ornato das pequenas coisãs que fazem o encanto de um interior, e as tentativas de composições colhidas do natural.

N'um rapido exame notaremos osseguintes: quadros com girasoes, alcachofras e papoulas, de D. Maria do Carmo Vaz de Albuquerque; um *porte-brosses* com um ramo de cha-

gas e uma carteira com uma figurinha Luiz xv, de D. Laura Schroter Batalha de Carvalho um *sachet* de setim com passaros e uma espadella com paisagens de D. Amalia Schroter Batalha de Carvalho; retrato a crayon, flôres, paisagem com passaros e uma almofada com chrysantemos, de D. Alice Samora d'Eça e Almeida; um biombo em quadro com aves, um quadro com papoulas, um *écran* com cysnes, e um *pouf* com rosas e malmequeres, de D. Leopoldina Danin Lobo Antunes; stores com hortenses e cannas da India, de D. Elisa Fernandes e Silva Gomes; uma cadeira com figuras Luiz xv e um *écran* com rosas, de D. Beatriz Leal Wintermantel; uma sombrinha (rosas) e um espelho (rosas e lilaz), de D. Claudina Horta Machado; uma meza (rosas) de D. Anna Pereira Mendonça de Freitas; um biombo em setim (flores) de D. Sarah Antunes Monteiro; um retrato e uma colcha, de D. Julieta Maia; marinha, de D. Alice Santos; uma cadeira (chrysanthemos), de D. Georgina Santos; retrato e botões de rosa de D. Bertha Brito Macieira; uma almofada (lyrios) de D. Carlota Brito Macieira Viegas; flores e uma paisagem, de D. Elvira Barroso; retrato e uma meza (rosas), de D. Esmeralda Nunes Frade; um *porte-journaux* (hera e



SALA DA EXPOSIÇÃO — UM CANTO



Elizabethe gr

EXPOSIÇÃO DE LAVORES FEMININOS

myosotis), de D. Etelvina d'Albuquerque Corrêa; uma cadeira (flores), de D. Margarida Morgado; uma jardineira (flores), de D. Maria Emília Tabora Trigueiros de Martel; um biombo (girasoos, peonias e lyrios), de D. Maria José Roma Machado; uma guitarra (paisagem), de D. Maria Julia de Mendonça; um desenho, de D. Maria Novaes Souto Maior e Athaide; uma cadeira (flores), de D. Marianna Morgado; paisagem de D. Zulmira Nunes Frade; um desenho de D.

Maria da Purificação Pina Vidal. Era excelente o aspecto da exposição e de grande alcance o seu efeito moral.

Não porque o ensino da pintura seja de influencia decisiva no futuro de um povo, mas porque é mais um esforço tendente a erguer o nível intellectual da mulher portugueza.

Educar o gosto, crear o habito do estudo, é preparar o cerebro para a aquisição dos principios scientificos em que se baseia a existencia das modernas sociedades.

VIRGINIA DA FONSECA.

Entre as diversas associações de instrução e de recreio que se desenvolvem em Lisboa, em demonstração, bem patente e contraria ao dizer commum, de que a iniciativa particular pouco alcança e logo esmorece nos seus esforços perseverantes, destaca-se o Atheneu Commercial, o qual, fundado em 1880, no momento da celebração do tricentenario de Camões, teve periodos de desfallecimento e de abandono, mas, pouco a pouco, tem resurgido,

lor scientifico, como os drs. Miguel Bombarda, Silva Telles, Sabino Coelho e tantos outros. De par com a instrução escolar, abrem-se as aulas de diversão e educação physica, como a esgrima, a gymnastica, a musica, a dança, a carreira de tiro.

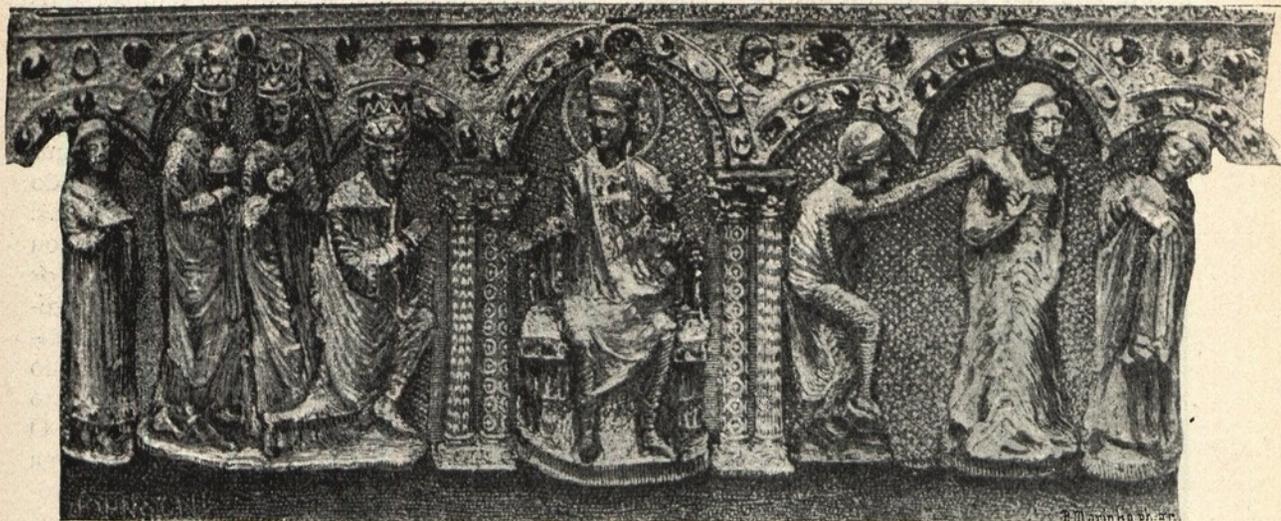
Juntamente com o cultivo dos exercicios sportivos, como a velocipedia, organisam-se excursões pelo paiz, inicio de viagens proveitosas em apprehender pela vista conhecimentos rapidos. Sempre sollicito em promover toda a iniciativa util, o Atheneu faculta as suas salas a exposições especiaes, como a da imprensa pela occasião dos festejos do centenario da descoberta do caminho maritimo para a India, como a de rendas, bordados e outros labores femininos, effectuada em abril de 1897, por iniciativa do Atheneu, o qual alcançou exito verdadeiro e justo, dando vigoroso impulso ao movimento educativo n'este ramo muito especial da industria caseira e da arte applicada á decoração. Ao lado das suas salas de jogos communs n'estas sociedades,



FACHADA DO EDIFICIO DO ATHENEU COMMERCIAL

prosperando e contando actualmente cerca de seiscentos socios empregados no commercio. Além das aulas de portuguez, de inglez, de francez, de geographia, de calculo e contabilidade commerciaes que mantêm, promove com particular cuidado e interesse, á similhaça de institutos similares extranhos, a realisação de conferencias, a que dão relevo o saber e a eloquencia de homens de alto va-

o Atheneu tem o seu gabinete de leitura e a sua já valiosa bibliotheca com obras de insruccão e de entretenimento intellectual. Assim esta benemerita associação concorre brilhantemente, dentro dos seus fins estatutarios, para o melhoramento da intellectualidade e da educação d'uma numerosa classe social, trabalhadora e cooperadora na formação da riqueza publica, como são os empregados no commercio.



FRONTAL D'UM ALTAR NA CATHEDRAL DE COLONIA, POR MEISTER STEPHEN. SEculo XV

## Adoração dos Magos

A NARRATIVA evangelica dos Magos, que do oriente vieram adorar o Menino Deus em Bethlem, tem sido thema predilecto da arte christã. Nenhum outro assumpto da historia sagrada ou profana tem obtido mais numerosas e variadas representações.

Nos muros das catacumbas, nas esculturas dos sarcophagos, nos mosaicos das basilicas, nas capellas de sumptuosos palacios ou em modestas igrejas, em azulejos decorativos, em calices dourados, nos embutidos das portas, nos pulpitos de marmore, na pintura dos tectos, em bronzes burilados, em relicarios, em toda a parte, onde a arte christã se assignalou e floresceu, encontra-se o episodio da adoração dos Magos, descripto atravez dos seculos, n'uma ininterrupta serie dos mais variados aspectos.

Curioso exemplo de como o decorrer dos tempos permite a alteração profunda da narrativa original, e de como a phantasia artistica substitue a pouco e pouco a simpleza dos factos primitivos, e complica n'um trabalhoso bordado de tradições, de lendas, de mythos e de velhos poemas a verdade historica, adornando a por vezes, interpretando-a outras, e de-

turpando-a muitas. Todavia a imaginação artistica illumina a crença, soffre a suggestão das epocas, inspira-se nas tendencias do momento e fixa interpretações ou modalidades fugitivas que se fundiriam na bruma das idades passadas, se o pincel do artista pintor não as conservasse na tela, o escopro no marmore ou o buril no bronze trabalhado.

O episodio dos Magos, tal como nos é narrado pelo evangelista S. Matheus, é breve e simples. Conta-nos que, quando Jesus nasceu em Bethlem, uns forasteiros chegaram a Jerusalem. Não diz o numero d'elles, nem a raça, nem lhes determina posição social; mas conclue-se facilmente, pela consideração com que foram recebidos na cõrte de Herodes, por tra-



D'UM FRESCO DAS CATACUMBAS DE ROMA. SEculo III (PRIMEIRA METADE)

zerem comsigo arcas de thesouros, e porque os denomina Magos, serem pessoas de elevada jerarchia e distincção. Mago significa discipulo de Zoroastro e membro da ordem sacerdotal da Persia, doutrina e ordem n'aquelle tempo extensamente espalhada nas nações orientaes. O motivo que, segundo S. Matheus,

lias sacerdotaes que serviam no templo, e os escribas do povo, quer dizer os doutores da lei, depositarios dos livros santos e interpretes das escripturas divinas; e perguntou-lhes se os prophetas haviam designado onde nasceria o Messias. Respondeu-lhe o conselho unanimemente que Bethlem era o lugar designado

pelos prophetas. Para alli mandou Herodes seguir os Magos, tendo previamente inquerido desde quando elles tinham visto o signal no ceu. O evangelista narra em seguida em breves versiculos a jornada dos Magos, guiados pelo signal que de novo lhes appareceu, o encontro com o menino Jesus, e a offerta de myrra, de ouro e de insenso, em forma de preito e de adoração. Finalisa a narrativa, explicando o regresso dos Magos ao paiz d'onde tinham vindo, sem visitarem novamente Herodes, por suggestão d'um sonho.

Compreende-se sem grande esforço reflexivo como a piedade e a imaginação inventiva foram pouco a pouco completando a breve narração do evangelista; como os Magos subindo em jerarchia se fizeram reis; como das tres offerendas resultou o numero



UM DOS MAGOS NO **Viaggio** DE BENOZZO CAZZOLI, FRAGMENTO DOS FRESCOS DO PALACIO RICCARDI, EM FLORENÇA. SEculo XV

deram a Herodes da sua viagem, foi o de terem visto no ceu um signal que lhes annunciava o nascimento do rei dos judeus e vinham portanto a adoral-o. Não fixa o evangelista, se o signal foi uma estrella ou muitas, um cometa, ou outro qualquer meteoro fugitivo.

Conta que Herodes, preocupado com esta nova, convocou os principes dos sacerdotês, quer dizer os chefes das vinte e quatro fami-

d'elles; como do estudo das civilisações orientaes e do seu conhecimento mais ou menos phantastico provieram as innumeradas representações dos Magos e de suas comitivas; como a lenda a cada um deu nome, e com este a origem, e a raça; como na eloquencia commovedora dos monjes pregadores se poetizou a grandeza simples do trecho evangelico, significando o abatimento humilde da distincção

realenga e da sabedoria orgulhosa perante o berço do pequenino Jesus.

Ao mesmo tempo, a investigação científica, na ousada contraprova das prophcias indiscutíveis, encontrou o apparecimento do signal no céu, que, para a sabedoria dos Magos, indicava o nascimento do Messias e os guiou na viagem, na notavel conjunção de Jupiter e de Saturno, raro acontecimento sideral que se deu pouco antes do anno do nascimento de Christo e se repetiu no anno seguinte, unindo-se ainda o planeta Marte á conjunção dos outros dois. Sobre este phenomeno celeste são extremamente curiosas as observações de Kepler em 1604, e os modernos estudos dos velhos registos chinezes. A astronomia veio confirmar a verdade da narrativa do evangelho de S. Matheus, se o espirito do crente podesse admittir-lhe a sombra d'uma duvida.

A arte christã apoderou-se do assumpto e illustrou-lhe os mais pequenos pormenores, ao sabor da phantasia e da concepção dos melhores artistas. As gravuras d'este artigo exemplificam varios aspectos da adoração dos Magos, atravez dos seculos, principiando n'um fresco das catacumbas de Roma, pintado na primeira metade do III seculo, e no qual dois Magos (o numero d'estes tem variado de dois a seis) apresentam á Virgem, sentada com Jesus nos braços, as offerendas em pratos dourados. Os Magos, cujo vestuario attesta a vinda do Oriente, ainda não tem alli distincção alguma que lhes determine realeza. A corôa apparece somente no grande mosaico de Santo Apolina-ro e Novo em Ravenna, no VI seculo.

Depois, na obra dos grandes mestres da arte,

encontra-se sempre este assumpto ou pelo menos um incidente cuidadosamente tratado, sob todos os aspectos do sentimento devoto, e da magnificencia da côr, do idealismo imaginoso ou do realismo paciente, da simplicidade ingenua ou da intensa concepção dramatica, como pôde têl-os concebido o engenho artis-



A ADORAÇÃO—QUADRO DE PEDRO PAULO RUBENS, NO MUSEU DE ANVERS. SEculo XVI (fím)

tico de Stephen, de Hans Memling, de Fabriciano, de Ticiano, de Veroneso, de Rubens, de Rembrandt, e de tantos outros.

Entre os mais curiosos citamos os frescos de Benozzo Gazzoli, representando o *Viaggio* dos Magos, no palacio Riccardi em Florença. Este pintor florentino era sem duvida uma excellente creatura, muito temente a Deus, piedoso e correcto na sua vida, mas demasiadamente desejoso de pintar tudo quanto na terra

e no mar houvesse visto e admirado. Assim, encarregado por Cosmo de Medicis de decorar a capella do seu palacio com a historia evangelica da visitação dos Magos ao Menino Jesus, entregou-se mezes e mezes, á luz de lampadas, que a capella era interior, ao trabalho de cobrir toda a parede com a pintura da mais magnificente e da mais extranha pro-

cessão que a phantasia lhe suggeriu. Corseis curveteados, guerreiros magestosos, pagens gentis, caçadores seguidos de galgos ligeiros, atraz de veados e de leopardos, tudo ia caminhando por entre rochedos escarpados, rios, montes e valles, á sombra de arvores esguias ou de emplumadas palmeiras. Benozzo Gazzo- li para alli foi amontoando retratos dos grandes da época, nas personagens do variado sequito, e até achou logar para o seu proprio escrevendo o nome na orla do gorro. A figura principal, porém, é

sem duvida a de Lorenzo de Medicis, ainda moço, aquella que mais tarde foi chamado o *magnifico*, montado sobre um soberbo cavallo branco, n'uma vaidosa attitude de rico senhor florentino, figurando um dos Magos.

Para complemento da illustração d'este artigo, reproduzimos a celebre *Adoração* de Rubens, existente no museu de Anvers, quadro pintado, segundo a tradição, em treze dias, superiormente composto na disposição das fi-

guras, na escolha dos typos, e na harmonia de tons, e caracteristicamente expressivo da dupla maneira do grande mestre que traduzia nas suas télas religiosas a robustez pagã da fórma exuberante, sua inspiradora; — igualmente reproduzimos o quadro de Grão Vasco, existente no museu d'arte ornamental das Janelas Verdes, para exemplo da escola portugueza,

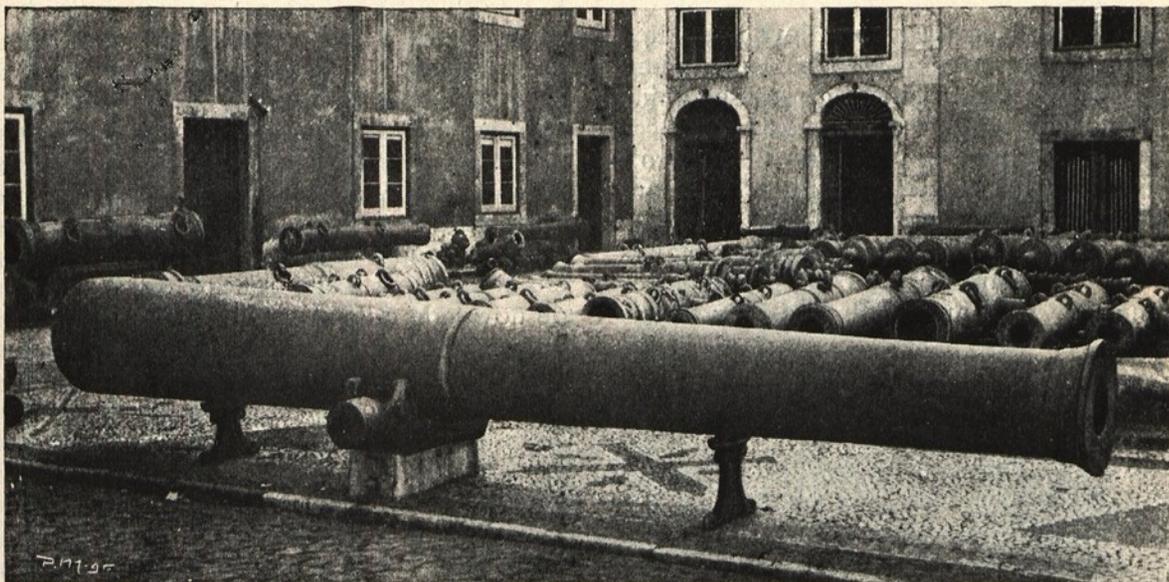
e queriamos, mas não nos foi possivel conseguir, dar ainda uma reproducção directa da larga e suggestiva composição do nosso Sequeira, quadro que pertence á collecção do sr. Duque de Palmella, havendo no museu apenas o cartão que não se presta com proveito para a sua comprehensão geral, facilmente, á reproducção photographica, na qual se apagam as figuras numerosas que rodeiam a Virgem e dão ao quadro uma magnificencia de composição verdadeiramente notavel.

A seu tempo serão estudados com

largueza os pintores portuguezes; agora vieram sómente fornecer commentario á evolução da narrativa evangelica, sempre impregnada das influencias do meio e do tempo, completando-se e transformando-se sob o influxo da varia phantasia do artista sempre illuminada pela piedade simples do christão, com a luz divinamente bella da conjuncção sideral que assignala o nascimento do *Pro-*  
*mettido*.



A ADORAÇÃO — QUADRO ATTRIBUIDO A GRÃO VASCO  
NO MUSEU DE BELLAS ARTES. SEculo XV



A CELEBRE PEÇA DO CERCO DE DIU — MUSEU DE ARTILHARIA

# Arte indo-portugueza

## FUNDIDORES DE ARTILHARIA

DIVERSOS escriptores estrangeiros têm propalado a existencia d'uma *arte indo-portugueza*, applicando esta expressão não só aos monumentos architectonicos, mas tambem aos productos de algumas artes industriaes. Nos catalogos do *South Kensington Museum* vereis designada a procedencia de alguns objectos, sobretudo dos que fazem parte do mobiliario, como indo-portugueza.

Em meu humilde parecer, esta ideia é uma these, admissivel sim, mas que carece de demonstração. Ainda ninguem nos disse, creio eu, em que consiste essa alliança da arte indiana e da arte portugueza, qual a sua influencia mutua, quaes os elementos com que uma contribuiu para o enriquecimento ou para a modificação da outra. Aonde existem os trechos caracteristicos que nos demonstram essa confraternidade? Foi nas linhas geraes ou apenas na ornamentação que a arte europeia se deixou influenciar pela arte oriental?

Como se vê, o problema não é singelo nem tão facil, como á primeira vista se poderia suppôr; pelo contrario, é complexo e envolve muitos pontos, que é preciso estudar devidamente, antes de lhe dar a definitiva resolução. Belem, a Batalha, Thomar, são os tres principaes monumentos, em que se pretende observar o influxo do orientalismo artistico. Convem todavia advertir que nenhum dos

architectos, que dirigiram as obras d'aquelles edificios foram alguma vez á Asia, e por isso não poderiam receber a impressão directa dos templos budhicos. Boytac, João de Castilho, Danzinho, Bolonha, os Arrudas e outros, sahiram, é certo, do continente, mas para ir visitar as praças d'Africa, onde foram dirigir a construcção de importantes obras militares. Ceuta, Arzila, Tanger, Mazagão, Çafim, não eram cidades de importancia monumental, mas continham, por certo, edificios que não deixariam de ser considerados com attenção por um artista. E' de crêr até que a influencia arabica ou mourisca não fosse extranha aos nossos architectos. De Ceuta, touxe D. João I, como despojos da conquista, doze columnas de marmore, que offereceu ao convento da Carnóta, proximo de Alemquer, aonde ainda se conservam. No Museu do Carmo, vê-se uma grande bacia ou tanque de pedra, trazido de Mazagão. Não serão estes os unicos testemunhos e vestigios da nossa passagem e estada militar no littoral de Fez e de Marrocos.

Tem-se apresentado como argumento comprovativo ou favoravel da these, o predomínio do elephante na nossa ornamentação monumental. O famoso pachyderme vê-se com effeito nos tumulos da capella-mór de Belem, mas ninguem se atreveria a dizer que esta parte da igreja, tão caracterisadamente classica e que tanto se destaca do restante

do edificio, suggira a mais leve ideia de architectura oriental. Tambem o monumento de D. José I apresenta o gigantesco animal, e ninguem dirá que elle exprima outra coisa senão o symbolismo da Asia. Francisco de Hollanda, o amigo e fervoroso admirador de Miguel Angelo, sectario do classicismo e todo elle embebido nas maravilhas da arte italiana, fez do elephante o principal ornamento de uma fonte monumental, que deixou desenhada na sua *Fabrica que fallece á cidade de Lisboa*. Não seria porém para admirar que os nossos esculptores o reproduzissem ao vivo, quando é certo que durante muitos annos elle teve a sua jaula no Terreiro do Paço, e passeava pelas ruas de Lisboa, como fazendo parte do sequito real de D. Manuel.

Citei já alguns architectos que foram ás praças d'África: outros houve, e de merecimento, que foram ás regiões do Oriente, onde deixaram de si boa memoria, mas não consta que, no seu regresso, exercessem a sua actividade na patria, em obra de grande vulto. Thomaz Fernandes, tão gabado por Afonso de Albuquerque, Francisco Pires que mereceu os elogios de D. João de Castro, Simão de Ruão e Julio Simão pertencem a esta pleiade. Eram sobretudo architectos militares, mas empregavam-se tambem na construcção de templos e outros edificios.

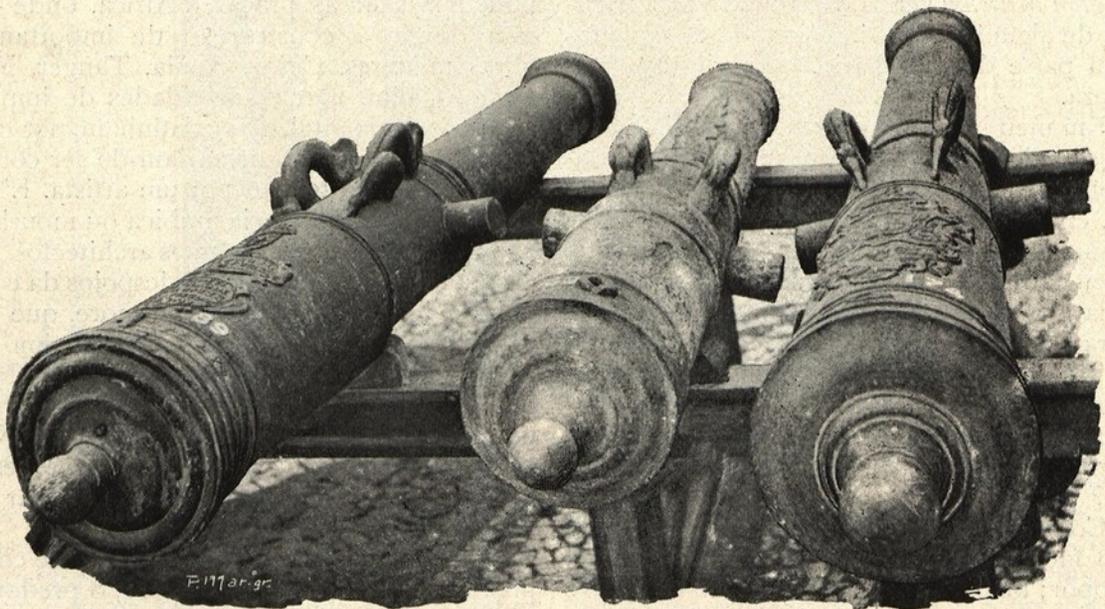
Não me custa admittir, antes me parece rasoavel acceitar, que os nossos descobrimentos, não só os indianos, mas os da Africa e

primir cunho e nova orientação ao movimento artistico. Os variadissimos e extranhos productos ethnographicos e de historia natural que todos os dias eram trazidos a Lisboa, das mais remotas paragens, nas galés dos nossos navegadores, não só espantariam o vulgo, mas causariam admiração em todos. Por conseguinte nada mais logico que vêr-se em toda a parte um reflexo d'esse espirito de novidade e de aventura. Ahi está como o *orientalismo* penetrou na corrente do nosso sentimento esthetico. E quando digo orientalismo, dou a esta palavra uma significação latitudinaria, envolvendo n'ella o resultado de toda a nossa vasta e dilatada odysseia.

Para se avaliar até que ponto chegou esta influencia, seria necessario proceder ao estudo comparado da nossa flora e da nossa fauna ornamental, e n'este sentido, para bem se determinar, deveriamos dividir esse estudo em tres periodos, o primeiro dos quaes abranteria desde os inicios da monarchia até á conquista de Ceuta: o segundo desde este feito até á empresa de Vasco da Gama; o terceiro, finalmente desde o descobrimento da India até aos fins do seculo XVI.



Isto pelo que respeita á grande arte, especialmente á architectura. No tocante ás artes industriaes a transfusão mutua fez-se mais extensiva e intensivamente, graças á activa



PEÇA FRANCISCO DE TAVORA (CENTRO) — MUSEU DE ARTILHARIA

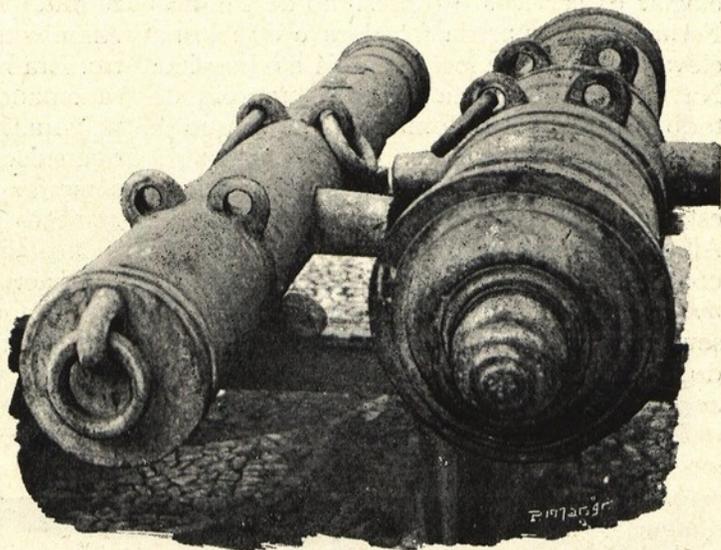
da America, actuando poderosamente na mentalidade portugueza, excitando a nossa phantasia, necessariamente haviam de im-

multiplicidade das relações mercantis em seguida ao descobrimento do novo caminho maritimo. As nossas naus não vinham uni-

camente carregadas com as especiarias e drogas orientaes, mas conduziram desde logo, já como elementos de tracto commercial, já como recordações e mimos pessoaes, os tapetes da Persia, as porcellanas da China, os pannos pintados, as sedas caprichosamente bordadas, os charões, os bambús, os bronzes, os moveis embutidos, o marfim rendilhado e esculpido e muita outra sorte de artefactos e curiosidades. Pela sua parte a industria occidental ostentava tambem os seus primores. Nos presentes com destino aos potentados, cuja amizade ou cuja alliança desejavamos captivar, figuravam as peças de setim e de velludo, os gomis de ouro, os espelhos, as armas, etc. Os nossos capitães vestiam-se dos mais ricos trajos, fulgurantes de pedraria e de botões de ouro, pendentos do pescoço os seus collares esmaltados, pendentos da cintura as espadas de punho ricamente cinzelado. Quando recebiam, a bordo dos seus navios, a visita de algum regulo, o convez convertia-se n'uma sala real, paramentada com pannos de ráz, formando as paredes lateraes e, sob um toldo de velludo ou de setim, sentavam-se elles na apparatusa cadeira de espaldar, cercados da sua comitiva fidalga, dos seus homens d'armas, dos seus atabaleiros e charamellas, que misturavam os sons dos seus instrumentos festivos ao troar bellicoso da artilharia.

Algumas das industrias indigenas, como a ourivesaria, procurariam imitar as fórmulas europeas, não só por um prurido de novidade, mas pelas encommendas especiaes que os nossos lhes fariam. A tradição artistica prevaleceria, os processos fundamentaes continuariam a ser os mesmos, mas a influencia da civilização europea, sobretudo pelo lado religioso, havia necessariamente de se fazer sentir. O christianismo, já por meio da evangelização, já por meio da força, procurava estabelecer o seu dominio, e os artifices da terra, quer por vontade, quer por violencia, tinham de sujeitar-se e de adaptar a sua indole ás novas aspirações e exigencias. Em Portugal, apesar da vandálica dispersão continua do thesouro accumulado durante seculos, ainda se encontram nas egrejas e oratorios particulares, muitos objectos de culto taes como, paramentos, cofres de filigrana de madreperola e de outras substancias, relicarios e estatuetas de marfim, etc. No Museu das Janellas Verdes conserva-se, d'esta pro-

cedencia, o relicario que pertenceu ao Convento Carmelitano da Vidigueira, onde se enterrou D. Vasco da Gama, e na igreja da



PEÇA LVIS (ESQUERDA) — MUSEU DE ARTILHARIA

Graça, de Lisboa, um lindo cofresinho de ouro, em filigrana, presente da viuva de Mathias de Albuquerque, que fôra governador da India.

Que algumas das industrias orientaes se aclimassem entre nós, é tudo quanto ha de mais presumivel, não só por effeito de imitação, mas de apprendisagem directa. Muitos indigenas vinham ao reino, já como serviçaes, já como escravos, e aqui de certo, dando provas da sua habilidade, ensinariam as suas artes. Os vice-reis da India costumavam mandar de presente ás rainhas, mocinhas d'aquellas terras, as quaes, sem duvida, mostrariam na côrte as suas prendas, sobretudo como bordadeiras. Os vestigios d'esta corrente não são difficeis de encontrar ainda hoje em Lisboa, onde ha marceneiros e reparadores de moveis antigos, cuja paciente pericia faz recordar a dos chinezes.

Postas estas ideias preliminares sobre a maneira que eu imagino mais rasoavel de interpretar a expressão *Arte indo-portugueza* e de lhe determinar o verdadeiro alcance tractarei agora d'uma industria que floresceu nas nossas possessões indianas, e da qual existem alguns specimens, que attestam o desenvolvimento e perfeição que attingiu. Refiro-me á fundição de artilharia.

Assim que os nossos resolveram estabelecer-se definitivamente na India e pôr pé em terra, logo a feitoria se converteu em

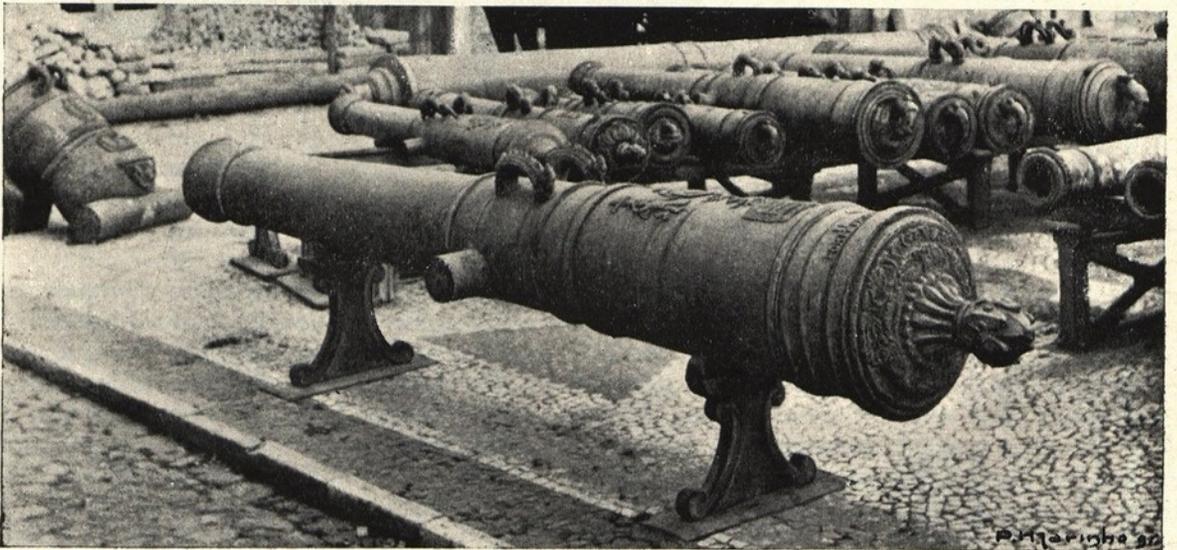
fortaleza. Architectos e mestres de obras, comprehendendo o pensamento dos nossos conquistadores, os coadjuvaram briosamente. Affonso de Albuquerque não se cançava de elogiar os serviços e o prestimo de Thomas Fernandes. A par da fortaleza e da feitoria elevaram-se desde logo a igreja e o hospital. Na cidade, destinada a ser o emporio de todo o nosso vasto dominio, já se vê que se alargaram as edificações.

Gôa ennobreceu-se com os seus arsenaes e estaleiros, estabelecimentos que Affonso de Albuquerque já encontrára por occasião da conquista, mas que se ampliaram depois. As *ferrarias* gôanas tiveram fama, e de um de seus mestres, Pero Fernandes, falla Diogo do Couto com elogio, chamando-lhe *grande engenheiro*.

Tanto na primeira como na segunda con-

documentalmente, os nomes de outros fundidores, que exerceram a profissão na India, mas cujos trabalhos se perderam. N'este caso, por exemplo, está João Luis, que residiu por muitos annos na India, desde Affonso de Albuquerque até D. João de Castro. Era homem de grande e variada aptidão, salientando-se tambem como fabricante de polvora. E' possivel que seja d'elle uma peça que existe no Museu de Artilharia, assignada sómente com o nome *Luis*. Tem o n.º 17, no respectivo Catalogo.

No tempo do governador D. Nuno da Cunha, a fundição de artilharia tomou grande incremento e perfeição, a ajuizar, pelos exemplares que nos restam, os quaes tanto se distinguem pela grandeza e elegancia das fórmas, como pelas ornamentações artisticas. Em Diu, na couraça pequena, existia uma

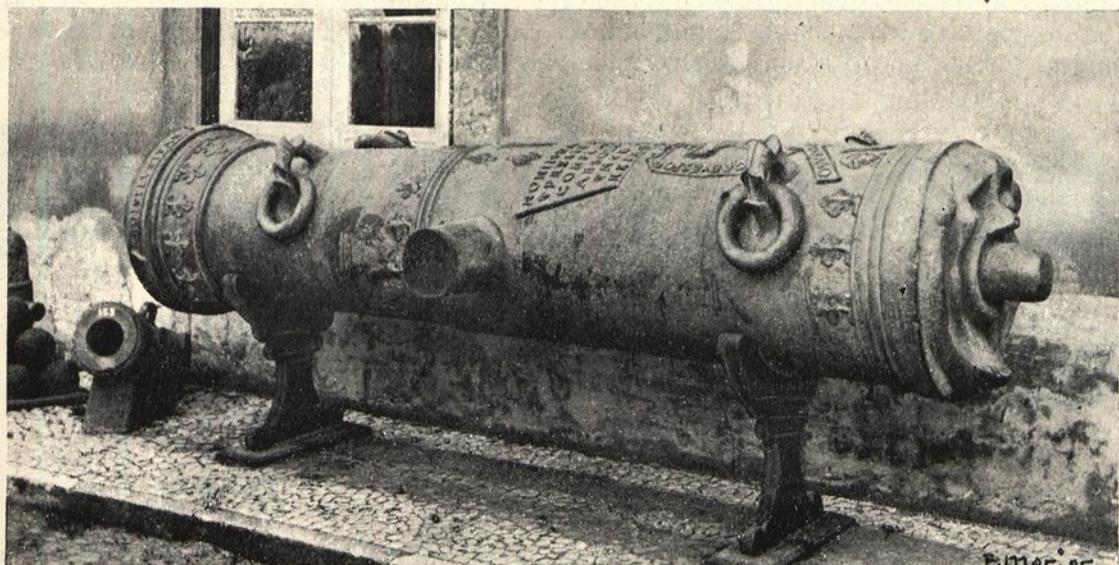


PEÇA TELLES DE MENEZES — MUSEU DE ARTILHARIA

quista de Gôa, Affonso de Albuquerque ficou senhor de grande esbulho militar, assim em espingardas e peças, como em outras armas. De tudo isto mandou amostras a el-rei e junctamente os operarios que as fabricavam, para que em Lisboa mostrassem praticamente o que sabiam e o que valiam. Este facto, a ter-se, como é de crêr, realisado, vem confirmar o que acima asseverei no tocante á vinda a Portugal de artifices orientaes. Os fundidores e espingardeiros nativos continuariam a trabalhar no arsenal de Gôa, mas as peças que hoje possuímos teem todas a rubrical-as um nome de portuguez ou pelo menos de europeu a nosso serviço. Vieram até nós productos devidos aos seguintes officiaes: Fernando Anes, Reimão, João Vicente e os Bocarros. E' de advertir que se conhecem,

peça de bronze com a roda de Santa Catharina, e o seguinte letreiro: *Foi fundido este tiro na era de 1535 por mandado do governador Nuno da Cunha*. O auctor occultou o seu nome, mas, felizmente, nem todas as obras da mesma época são anonymas, tendo chegado ao nosso conhecimento o nome de dois artifices de incontestavel valia—Reimão e João Vicente.

Do primeiro não alcancei, nas minhas investigações archivistas, mais nenhuma noticia, e se não fôra ter marcado nominalmente a sua obra, teria cahido no abysmo do perpetuo esquecimento. Não sei tambem se teria outro appellido, ou se Reimão seria o nome baptismal. E auctor de uma grande bombardarda de bronze, de 13 palmos de comprido e 3 de diametro na bocca. Na borda tem este

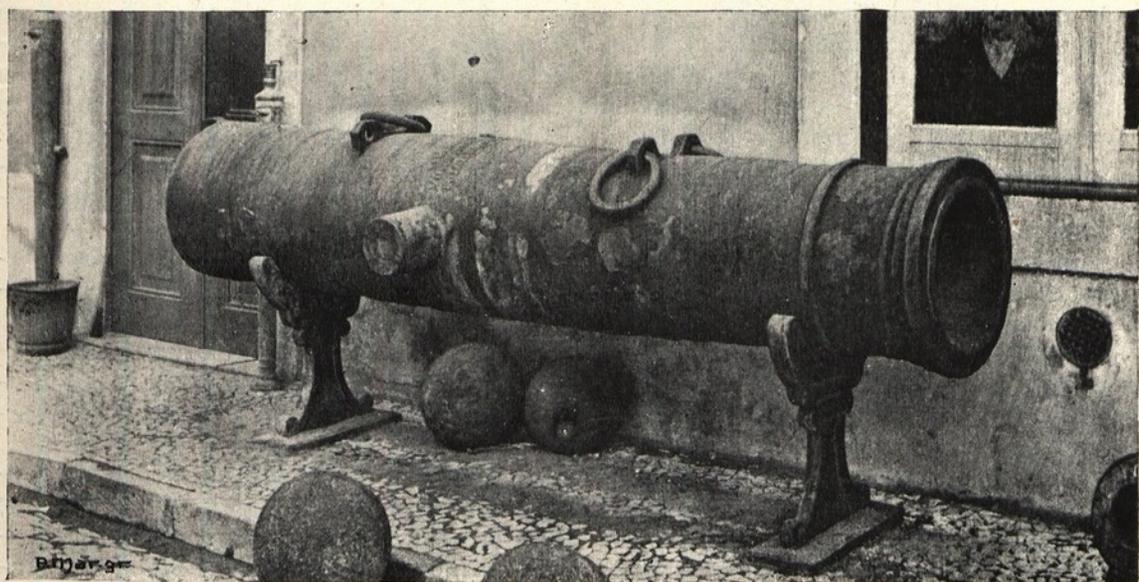


PEÇA REGIS LUSITANI FAMULUS — MUSEU DE ARTILHARIA

leiteiro : *Regis Lusitani famulus*, como quem em vulgar quer dizer que é servo do rei de Portugal. Bom e leal servidor ! No terço anterior ostenta as armas reaes portuguezas entre quatro esferas, lendo-se por baixo das armas esta inscripção : *Nonu da Cunha presidis jussu conflatum et absolutum an MDXXXIII (1533). Reimon me fecit*. Não acaba aqui a ornamentação artistica e epigraphica da peça, pois no terço posterior tem um tigre em relevo, com uma inscripção em volta cuja interpretação mais aproximada da verdade parece ser : *Eu sou o tigre esforçado que por do me mandou paso*. Sim, o tiro mandado fabricar a Reimão por Nuno da Cunha não era

apenas o servo obediente do rei de Portugal, era o tigre esforçado, que passava raivoso por onde o mandavam. Bella heraldica e arrogante divisa a d'esta peça !

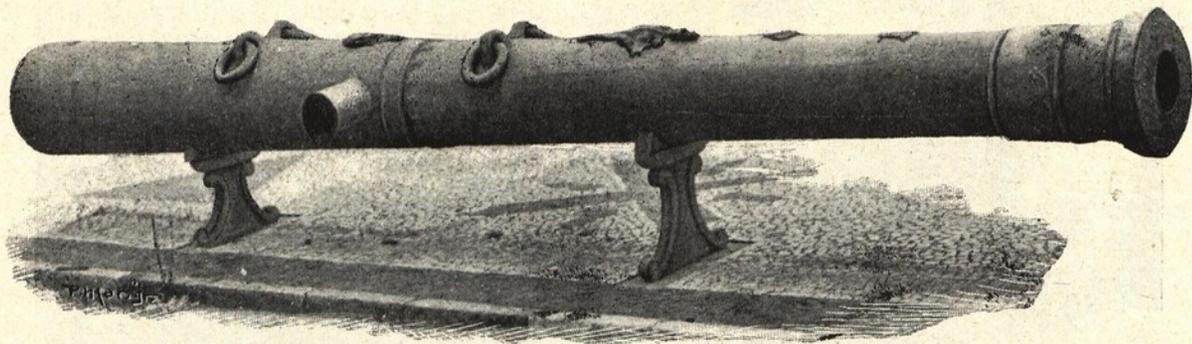
Outro fundidor, que rivalisava com Reimão, e que trabalhou tambem ás ordens de Nuno da Cunha, foi João Vicente. Havia comtudo bastantes annos que já andava na India onde prestou, pela sua variada aptidão muitos e importantes serviços. Conservava-se ainda alli em 1546, no governo de D. João de Castro, sendo n'aquelle anno mestre da fundição de Gôa. Nuno da Cunha chamou-o em 1532 a Cochim para alli estabelecer uma casa de fundição. Fabricou muita artilharia, mas de



BOMBARDA DE ADUELLAS DE FERRO, CHAMADA FERNANDO EANNES — MUSEU DE ARTILHARIA

todos os seus trabalhos balísticos só nos resta a formosa peça denominada de Santa Catharina, por ter em relevo a sua imagem. Veio

Nos fins do seculo XVI apparece na India uma dynastia ou familia de fundidores, cujos membros se vão succedendo uns aos outros.



PEÇA CHAMADA DE SANTA CATHARINA — MUSEU DE ARTILHARIA

de Damão para o nosso Museu Militar, onde tem o numero 168. É de bronze, de calibre 35, e, além da imagem da santa, tem um dragão, uma esphera e o letreiro que diz: *Joannes V<sup>te</sup> faciebat gubernate Nuno da Cunha ano 1537.*

João Vicente não era só bom official do seu officio; manejava tambem a penna, cartecendo-se frequentemente com el-rei. Da sua correspondencia resta apenas uma epistola, mas, por signal, bem interessante. N'ella faz a sua auto-biographia enumera os seus serviços, queixa-se da má paga que tem recebido, e dá conta dos dissabores e rivalidades d'um fundidor allemão que o queria matar, mas que não realisou o seu intento, morrendo antes. Esta carta é datada de Gôa a 16 de outubro de 1539, e publiquei-a na integra, no meu opusculo *Fundidores de artilharia.*

Junctamente com a peça de Reimão veio no transporte *Africa* para Lisboa uma bombardarda de aduellas de ferro, que estava em Diu e que se guarda hoje no nosso Museu Militar. A inscripção diz que fôra feita por Fernando Anes ou Eanes, mas não declara o anno em que a fabricou, e como não conheço nenhum documento que lhe diga respeito, por isso não me julgo habilitado a fixar a epoca da sua actividade. Em 1525 havia em Cochim um fundidor chamado Francisco Eanes, que não sei se seria irmão ou parente do Fernando.

A peça de Fernando Eanes offerece uma legenda, que tem dado que fazer aos interpretes, mas parece que se reduz a este hendecasyllabo, de linguagem aliás incorrecta, mesclada de hespanholismo: *Eu etor forte amoros darei morte.* Ha aqui indubitavelmente uma allusão ou reminiscencia classica. A peça comparava-se a Heitor, o forte capitão troyano, prompto a dar cabo dos mouros, como aquelle dos gregos.

São os Bocarras. O chefe era Francisco Dias, que vejo apenas mencionado com estes dois nomes, mas que tambem usaria sem duvida o appellido da familia. Em 1589 recommendava a côrte de Lisboa ao governador D. Duarte de Menezes que continuasse a fundir mais artilharia, e que para esse effeito mandava dois fundidores, visto Francisco Dias, que lá estava, achar-se doente e acabado. Succedeu-lhe seu filho Pero Dias Bocarro a quem o governador D. Duarte de Menezes nomeou fundidor de artilharia, nomeação confirmada por el-rei a 12 de outubro de 1590. D'este official existe uma peça no nosso Museu Militar (n.º 41) que tem a seguinte inscripção: *Da cidade de Goa. Fez em o a. de 1623 P. D. B.*

Conhecem-se mais dois Bocarras, sem duvida descendentes dos anteriores. De um d'elles, Manuel Tavares Bocarro, existe no Museu Militar, sob o numero 42, uma peça que tem o escudo ladeado por dois anjos, um dos quaes, o do lado direito, tem sobre a cabeça uma esphera armillar, e o outro, uma cruz. Por baixo das armas reaes um leão coroado. Lê-se n'ella a seguinte inscripção: *Antonio Telles de Meneses, governador da India, a mandou fazer, no anno de 1640, por Manuel Tavares Bocarro.*

O derradeiro Bocarro, de que tenho noticia, chamava-se Jeronymo Tavares. Foi nomeado mestre da fundição de artilharia do estado da India, pelo visorei Luiz de Mendoça Furtado e Albuquerque, conde de Lavradio, sendo confirmada a nomeação em carta regia de 21 de novembro de 1674.

Contemporaneo d'este, ou talvez seu successor, foi Salvador da Costa, de que, no nosso Museu Militar, existe uma peça (n.º 169) mandada fundir pelo governador Francisco de Tavora, conde de Alvôr, que governou a India durante os annos de 1681-1686.

Pela rezenha que acabo de traçar se vê que foi bastante productivo e importante o movimento das *ferrarias* indianas no tocante á fundição de artilharia, como se prova, não só pelos documentos, como pelos exemplares, que opulentam hoje o nosso Museu Militar. A collecção de peças de origem indo-portugueza é notabilissima, e mais consideravel seria, se não fôra o desleixo e o vandalismo de certas autoridades ultramarinas, que vende-

ram ou mandaram fundir muitos e valiosos specimens. Para corôa d'esta collecção, lá está tambem a celebrada peça de Diu, que, se não é um monumento a attestar a pericia dos nossos arsenaes, é comtudo, e mais ainda, o trophéu glorioso colhido pelos nossos soldados no desbarato e despojo dos inimigos.

A inscripção arabica que a ornamenta, é a certidão da sua procedencia historica.

Cascaes, 7 de setembro de 1901.

SOUSA VITERBO.

---



---

### SORRINDO...



ESTUDO DE J. B. GREUZE



# MARTYRES

## EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

### CAPITULO VI — GALERO

FILHO de rustica d'uma aldeia d'além Danubio, suspersticiosamente e fanaticamente pagã, Galero, além de supersticioso e fanatico era feroz e cruel. Impetuoso na satisfação dos impulsos animaes, entregava-se a elles com toda a selvageria do seu temperamento, sem nenhum dos requintes de arte, elegancia de espirito com que gregos e romanos disfarçavam vicios, ou attenuavam torpezas. Baixo, grosso, obeso até a deformidade, cabellos crespos, tez clara, barba espessa, nariz achatado, fulminante o olhar vago, tinha o gesto rapido, a voz aspera e as palavras terrificas. Os que d'elle se approximavam sentiam gelar-se-lhe o sangue nas veias, e atterrava a quem o via. O proprio Diocleciano, senhor do imperio, augusto, filho de Jupiter e seu sogro, temia-se d'elle como d'um deus irado. Se quando voltou derrotado pelos persas, Diocleciano o obrigou a caminhar a pé, ao lado de seu carro, como se fôra um prisioneiro vencido, ou liberto de pouca monta, quando depois venceu aquelles mesmos persas, que lhe tinham destroçado o exercito, e o imperador, louvando-o por carta, lhe deu o tratamento de *cesar*, esperando elle ser investido na dignidade de *augusto*, teve como resposta estas arrogantes palavras: — Então vou ficar *cesar* toda a vida?

E em represalia ameaçadora, tomou logo as pomposas autonomasias de *persico*, *medico*, *armenico*, *adiebenico* e filho de Marte!

Deante de tal homem não admira que Antiochia tremesse.

Predispunha-a ao terror, ao medo, á sabujisse o clima quente, humido e debilitante, o goso ininterrupto dos prazeres luxuriosos, e a deliquescencia moral que produz a ociosidade. Aggravava-se o mal com a união deleterea da corrupção brilhante da Grecia com a molleza efeminada da Syria; ao mesmo

tempo que a fusão das escorias de varias raças pervertidas, que lhe trouxeram o virus de todas as loucuras orientaes, e com ellas lhe envileceram a alma, a faziam ingrata, cobarde, insolente, disposta a ser instrumento servil do cesarismo. Assim, era destituida da mais elemental noção do que fosse uma patria. Vivia sem respeito pela familia; sem tradições a venerar; accentuando a toda a hora o seu desdem pela honestidade das mulheres, pelas qualidades masculas e corajosas dos homens, pelas cãs da velhice.

Dava, porém, a todos estes aleijões repellentes e baixos, a todas as ignominias particulares a certas povoações levantinas um verniz seductor, uma exteriorisação elegante e artistica. Amava as luctas rethoricas da palavra, aprazia-lhe a discussão arguta e subtil, sentia goso num luxo culto, artificialmente bello, composto d'uma variedade infinita de elementos, que lhe vinham de todas as partes do mundo, e se accumulavam sem methodo nem ordem, caracterizados mais pela profusão da riqueza, pelas pretenções magnificentes do que pela selecção do gosto. Collocada ás portas do oriente era o collector que dava vazão ás mais infimas torpezas moraes.

Galero Cesar, dizendo-se sem segurança em Nicomedia, onde ao tempo residia a corte imperial, saira d'alli para se installar em Antiochia, como quem procura refugio numa cidade amiga, que, aliás, bem sabia com que rigores se puniam sedições christãs.

No inverno que tinha passado, Galero estivera em Nicomedia incitando Diocleciano a perseguir os christãos. Como se fossem conspiradores tramando contra seu rei, os dois fechavam-se no aposento mais recondito do palacio longas e demoradas horas, durante ás quaes os *magister officinorum* declaravam que elles não recebiam nem falavam, qualquer

que fosse o pretexto ou necessidade; e os trinta famulos, que cumpunham a ordem dos silenciarios, formavam nas immediações do quarto uma immovel e muda parede de isolamento.

Ninguém, comtudo, o extranhava, porque já na corte imperial estava em adiantado uso a etiqueta servil, semi-sacerdotal do orientalismo. A pessoa do imperador começava a ser em vida objecto de culto, de resguardo sacro, e ninguém já se dirigia a Diocleciano senão de rastos, olhos no chão e palavras raras.

Em demoradas discussões passavam horas e horas estudando e planeando a maneira de sustar o desenvolvimento sempre crescente e invasor do christianismo.

Evidentemente Jesus era deus; mas um deus malefico, inimigo de Roma, um deus com bastante poder que tinha resistido á grande perseguição de Decio, e cujos sectarios se manifestaram sem pejo nos trinta annos que se lhe tinham seguido. Convinha expurgar o mundo romano d'aquelle fermento dissolvente, aniquilar de vez a seita intolerante, que não admittia no seu pantheon os deuses do imperio, não sacrificava em sua honra, e até, para menosprezar a memoria divina dos imperadores, prohibia que os seus membros fossem augustaes.

Diocleciano, prudente e astuto, hesitava perante a conflagração geral que Galero queria provocar. Ao seu espirito calculista repugnava ir perturbar esse estado de paz romana porque tanto trabalhara. Via-se cercado de christãos, que o serviam com amisade e dedicação, quer nos empregos de confiança administrativa, quer nos postos superiores do exercito, e ainda nos mais elevados cargos palatinos. Mas, ao mesmo tempo, não deixava de ver que a nova religião trazia a indisciplina ao exercito, o que fôra por demais demonstrado com a legião thebana, que, por seus escrupulos de crença ia compromettendo o exito d'uma guerra, e que foi preciso castigar severamente. Que a sociedade politica estava prejudicada pela resistencia dos christãos ao exercicio dos cargos publicos, e principalmente pelas doutrinas subversivas inculcadas nas massas escravas e proletarias e até nos eunucos, o que seria a destruição da familia, pela falta de guardas e servos de confiança, e um perigo para os amos expostos ás suas intrigas, que tantas e taes eram já que chegavam ás mais elevadas alcovas nupciaes. Finalmente o exclusivismo da crença christã podia accelerar a divisão do imperio, que elle procurara manter uno, sacrificando á integridade d'este a do proprio poder.

Depois de muitos conciliabulos foi ouvido o consistorio sacro, perante quem iam as

questões que eram da antiga competencia do senado. Alli dividiram-se as opiniões, ficando em minoria os que seguiam as tendencias do imperador. Já o adivinhavam cançado, e não admira que fizessem a côrte ao sol nascente.

Consultaram-se os oraculos; e o de Apollo fez ouvir ao fundo d'uma caverna, com voz lugubre, extranhas e quasi inintelligiveis palavras, annunciando «que os justos, que então habitavam a terra o impediam de dizer a verdade».

Quem eram esses justos?

Foi interrogado o sacerdote do deus, sobre tão incomprehensivel queixa da parte de uma divindade, e elle indicou os christãos como taes, e concluiu que, «ficando, por culpa d'essa gente, banida a adivinhação da terra, forçosamente os homens haviam de cair em todos os males.»

Com tal resposta ficou abalado o animo do velho soldado, do politico habil; mas ainda assim não se decidiu a decretar a perseguição pela qual Galero instava com um fanatismo e um odio verdadeiramente ferozes.

Venceu, por fim, a pertinacia d'este.

No dia das festas terminaes, foi publicado o edito, cujas reproducções, afixadas nas paredes dos templos, nos pretorios das basilicas e nas portas das egrejas, determinavam que as assembléas christãs ficavam absolutamente prohibidas; — que as egrejas deviam ser arrasadas; — os livros e manuscriptos que nelas se guardassem reduzidos a cinzas; — os christãos de ordem elevada perderiam todos os seus privilegios e cairiam na condição de gente infame, em consequencia do que poderiam ser sujeitos á tortura, perseguidos, incapazes para intentar acção perante qualquer tribunal, embora por injuria, adulterio ou roubo. Quanto aos que pertencessem á aristocracia, ou á classe official perderiam a liberdade, se continuassem a ser christãos; os escravos nunca poderiam ser libertos. Revoltaram taes prescripções. Manifestaram-se descontentamentos; revoltas de palavra. Um christão, palatino de alta categoria, arrancou o edito e rasgou-o; outros crivaram as suas disposições de chascos.

Galero ia aproveitando todos os incidentes para fazer aggravar as penalidades; mas Diocleciano teimava em não derramar sangue, julgando sufficientes as medidas edictadas.

Dragava-se n'aquelle tempo o porto artificial de Seleucia, perto de Antiochia. O trabalho era duro, violento e por tal fórma conduzido que as fachinas soldadescas que o executavam mal tinham tempo para comer e ainda menos para dormir. Um dia revoltaram-se. Debalde Eugenio, o official que as

commandava, as quiz fazer entrar na ordem. Os sediciosos, dispostos a subirem para Antiochia, que sabiam desguarnecida, não fizeram caso d'elle, nem das suas exhortações, e apontando-lhes as espadas ao peito deram-lhe á escolha: ou morrer ou segui-los. No primeiro caso, era um momento emquanto lhe lançariam o cadaver ao Oronte; no segundo, no mesmo tempo seria acclamado imperador. Para salvar a vida, escolheu o imperio. Não o tinham conseguido tantos outros e pela mesma fórma?

Então envolveu-se no primeiro pedaço de purpura que lhe veio á mão, tirado dos hombros d'um idolo, e marchou com os sediciosos para Antiochia.

Era longo o caminho, facil e abundante o saque. Desordenados corriam comendo aqui, bebendo acolá, roubando em toda a parte; e foi caíndo de bebedos, que uns quinhentos homens estafados e sem forças chegaram a Antiochia. Tinham mais vontade de dormir do que de pelejar; e assim que chegaram á ilha da cidade nova, formada por dois braços do Oronte, e onde se eleva o palacio imperial, investiram com elle, e dentro em pouco dormiam nos atrios, nos triclinios, em todos os sitios e logares onde tinham caído, ou que instinctivamente escolheram.

Sabendo isto, reuniram-se os magistrados da cidade e determinaram aproveitar-lhes a embriaguez para se desfazerem d'elles. Homens e mulheres armaram-se com os instrumentos que lhes vieram ás mãos; marcharam pela calada da noite, caíram d'improviso sobre os sediciosos, não deixando um unico com vida, e como sepultura deram-lhes a corrente do Oronte.

Galero attribuiu a sedição da soldadesca aos christãos, e Diocleciano, por uma destas aberrações incompreensíveis, mandou entre-

gar ao algos os chefes que tinham defendido e conservado a auctoridade imperial!

Ainda a commoção d'este incidente não estava esquecida, quando, sem que ninguem o esperasse, no silencio da noite, rebentou um incendio no palacio de Nicomedia, habitado pelo augusto e seu cesar.

Só depois de muito trabalho e de grande destruição é que o sinistro conseguiu ser dominado.

Quinze dias depois, o incendio reaparece

mais devastador. Galero, que já tinha accusado os christãos de terem sido os incendiarios, renova as accusações; embora muitos affirmassem que o primeiro incendio fôra devido a um raio, e o segundo ao rescaldo mal apagado, e que no trabalho da extincção a gente de Galero nada fizera, ou se o fez foi para levar mais alimentos ao fogo. A fim que as suas accusações tivessem mor peso, retirou-se ostensiva e rapidamente de Nicomedia, deixando sua mulher, Valeria, no palacio, e partiu com toda a sua comitiva para Antiochia, declarando a seu sogro, que lhe não appetecia morrer assado.

Eis o homem que

Antiochia recebera dentro das suas muralhas.

Eil-o que chega, com o olhar torvo e vago, coberto o enorme peito com rezulente coiraça, de figuras d'ouro em relevo, cinzeladas com precioso artificio; purpura nos hombros largos, traçada e com a ponta flutuando ao vento, loiros cingindo os cabellos crespos, guiando os cavallos do seu quadrigo de triumpho, recamado de ouro sobre um fundo de vermelho vivo, a caminho do templo de Jupiter Capitolino, cercado e escoltado pelos seus amigos e confidentes a cavallo.

A custo a brigada de lictores ia abrindo



LICTORES

espaço por entre a multidão; e talvez o não conseguisse se esta não fosse á viva força fendida e rechaçada pela impetuosidade com que as centurias dos protectores domesticos, espada fincada no flanco, escudo em guarda, formados em columna cerrada, iam marchan-

do a passo de carga, impetuosos, arrogantes, cegos. E o povo comprimido, a ponto de ser esmagado d'encontro ás paredes, mal lhe restava folego para gritar:

— Viva Cesar! Viva Galero! Gloria ao filho de Marte.



#### CAPITULO VII — O SACRILEGO

QUASI ao fim da grande Avenida, antes de chegar á Porta do Noroeste, e ao cimo d'uma escadaria de amplos degraus perfilam-se oito esbeltas columnas corinthias de capiteis de marmore com as volutas, acanthos e cauliculas doirados, onde assenta o epistyllo, soberba architrave sobre que corre o friso, com suas metopes de bronze representando deuses, heroes e sacrificios. Sobre depois o frontão, terminado no ápice por uma *Victoria* d'asas erguidas e braços abertos distribuindo coroas. O seu fundo, enriquecido por um alto relevo de figuras colossaes, é um primor de estatuaria e um encanto de composição, principalmente quando, como n'aquelle momento, o sol dava valor e tom, com os seus contrastes de muita luz e muita sombra, ás diversas figuras que o enchem, taes como Jupiter num quadriga entre Juno e Minerva, tendo á direita Neptuno e a formosa filha de Nereu na concha puchada por tristões, e á esquerda Apollo, a quem fazem cortejo as nove musas nas attitudes e com os emblemas que as caracterisam.

Contrapondo-se a este portico, o principal, e que olhando para o nascente, forma o resguardo anterior dum edificio rectangular d'apparencia massissa, eleva-se, na parte posterior, outro de eguaes amplitude e contes-tura, ligados ambos e communicando por duas galerias lateraes, de forma que, a coberto, se pode andar num espaço largo em volta do corpo central, que é o templo de Jupiter Capitolino, recinto mysterioso da divindade, reservado aos sacerdotes e aos que lhe levam offerendas.

A monotonia das paredes exteriores, sem aberturas, é attenuada pela saliencia d'altas molduras que as carpanelam, e cujos recortes elegantes e sobrios estão valorisados pela intensa claridade do dia. Grinaldas de flores e festões de murta cercam os medallhões que apainellam bustos de deuses e de imperadores, que vão pelo friso fora, em intervallos certos, correspondendo cada medallhão a um entre-columnio. Nos fustes das columnas enlaçam-se em espiral troncos de

hera, ligando palmas verdes e ramos de loiro, e de oliveira.

A multidão dos magistrados locaes, com as solemnes togas de bandas de purpura, os palacianos, as deputações estrangeiras, e os notaveis da cidade accumulam-se nas galerias, deixando, porem, livre o escadorio, devidido em dois lances, por meio dum largo e espaçoso patamar. Aqui se eleva o altar dos sacrificios cruentos, quadrado, enfeitado de hera, a planta consagrada a Jupiter, e onde já flammeja a labareda dos troncos de pinheiro. A seu lado a credencia, ou mesa sagrada, com os utensilios e instrumentos de sacrificio, e a *anclabris*, outra mesa sobre que se collocará a victima, depois de morta, para ser aberta.

Os victimarios, nus da cintura para cima, com os saiotos de franjas, resguardados por aventaes, facas e cutellos nas bainhas a tira-collo, cabeças coroadas de loiros, acabam de conduzir um toiro, que tem de ser immolado, e procuram todos os meios de o fazer estar quieto, para parecer que por proprio instincto se dedica, como hostia voluntaria; porque seria de mau agoiro se tivesse ido á força até o altar, e de terrivel presagio se lá chegado d'alli tentasse fugir.

Na multidão que enche a galeria formam-se grupos, onde se discutem, até á subtileza tão querida de orientaes e gregos, as formulas e o ritual do sacrificio. Os velhos praxistas, aferados ás praticas d'uma liturgia tão pura como obsoleta, bebida na theologia explicada outr'ora por Varrão, da qual já Cicero sorria, e que Augusto mal conseguira restabelecer, affirmam que, em vez de um toiro, mais convinha sacrificar tres carneiros a Jupiter.

— Pois sim, objectam outros lidos nos classicos, mas o que sacrificou Eneas, quando na Tracia lançou os fundamentos d'uma nova cidade?

— Por isso mesmo, respondem os praxistas, já as personagens de Macrobio chasqueavam do caso dizendo: «Ora ahi temos um pontifice,— porque não havia duvida que Virgilio quiz fazer do filho d'Anchises um pontifice — que sabe menos do que qualquer camilo.»

— Como se enganam! Se Eneas fez asneira, não a fez Virgilio, porque, por ter sacrificado um toiro, os deuses taes e tão terriveis pre-sagios permittiram, que o sacrificador teve que retirar-se quanto antes.

— Tristes e miseraveis deuses cuja omnipotencia se melindra com o sangue que se lhes offerece, importando-se tão seriamente que elle seja d'um toiro ou d'um bode, d'uma porca ou d'um cabrito.

Estas palavras, pronunciadas com voz firme e vibrante, em tal logar e naquella occasião, determinaram um silencio d'espanto, rapido, temeroso, e todas as attenções do grupo se fixaram no interlocutor.

Era o diacono Romano.

Está pallido, a phisionomia mostra-se mortificada, como quem vem de curtir dores. O vestuario roto, enxovalhado como quem saiu d'uma lucta; e se não fossem as calliculas ostensivas nos hombros e nas fimbras da tunica, que o denunciam como christão, dir-se-hia um desses muitos parasitas que faziam profissão de philosophia cynica, para encontrarem, com um jantar, desculpa ao desarranjo e porcaria dos vestidos.

Um dos do grupo interpellou-o:

— Quem és tu que tão irreverentemente zombas dos deuses?

— Um simples mortal, tão ignorante que, conhecendo vós outros uma infinidade de deuses e deusas, com filhos, netos e parentella varia, qual d'elles mais odioso e ridiculo, eu só conheço um unico Deus.

— E chama-se?

— Deus!

A turba começava a chasqueal-o, empurrando-o de uns para outros, com tal violencia que, escapando-lhe um pé, foi rolando pelo lanço da escadaria, parando dorido, mortificado e ferido na cabeça apenas no grande patamar. N'este momento soaram as trompas e clarins, ouviram-se gritos, imprecações e gemidos de gente esmagada, uma onda de povo reflue comprimida, e as centurias dos protectores domesticos, avançando com impetuosidade, abrem larga clareira na massa humana, dando logar a que consiga chegar ao sopé da escada o quadrigo de Galero. Apea-se este a custo. Ao seu espirito supersticioso occorreu imitar Claudio, subindo os degraus do templo de joelhos; mas, filho de Marte, julgou que era humilhar-se de mais. Então vae subindo com passo pesado e incerto, no meio das inclinações profundas e de baixa adoração de toda a gente, seguido pelos seus inseparaveis favoritos Dasa, seu sobrinho, Severo, o mais vil dos cortezãos, e Licinio, que o excedia em ferocidade.

As portas de bronze do templo, com os seus dois leões rompantes pintados a côres vivas, que até ali se tinham conservado fechadas, abrem-se de par em par e a multidão clama: Salve, Jupiter! O flamine dialis, as flaminicas e todo o corpo sacerdotal, formando longas theorias, de tunicas de purpura, occupam de um e outro lado os espaços entre as columnas que dividem o sanctuario em tres naves, as duas lateraes cobertas, a do centro aberta, e por onde entra a luz a jorro, visto que o templo era hyptero, o unico proprio para o deus do raio, do sol, do ceu e da lua. Os neocros, collocados de um e outro lado da porta, ensopam os hysopes, feitos de crinas de cavallo atadas a um cabo e aspergem Galero e sua comitiva com agua lustral, haurida nos aquinarios, enquanto os musicos do templo, tangendo as flautas de buxo, as guitarras e lyras fazem ouvir uma melodia lenta, sem expressão nem colorido.

Galero e os seus avançam, sem nem sequer lançarem os olhos para o fino e engraçado mosaico do pavimento, onde ha centauros, satyros, nymphas, scenas d'amor lubrico e bucolico, ornatos de bellos meandros, e dirigem-se para a estatua de Jupiter, perdida na semi-obscuridade da sua cella, formada pela abside, com que termina a nave central. Sobem tres degraus, passam para dentro da teia, formada por uma balaustrada de marmore negro com applicações de oiro lavrado, e deixam que o imperador se adeante para o idolo.

Domina e impressiona aquella estatua gigantesca o pequeno cesar que d'ella se tem approximado. Elle, que se fez chamar filho de deus, sente um invencivel terror ao encarar as feições accentuadamente severas do rosto divino, trabalhadas com uma extraordinaria força d'expressão em marfim pallido, á maneira do Jupiter olympico de Phidyas, tendo as rosetas das faces avivadas a vermelhão. O corpo a nu é eburneo, os cabellos e o manto em que se envolve de oiro, o throno em que se senta de ebano, com incrustações de marfim e recortes de oiro fosco. Na dextra empunha o raio que fulmina, e na sinistra sustenta uma estatua da Victoria, tão grande que se deixasse cair da mão a corôa, que lhe é attributo symbolico, por certo esta esmagaria Galero, que reverentemente curva o joelho e beija o pé ao deus.

A luz quente e franca que entra pela nave central mal illumina a estatua d'uma fórmula extranha, deixando-a, ao fundo da capella, banhada numa claridade mysteriosa, que se diffunde com menos intensidade nas naves lateraes, onde as estatuas das duas absidiolas quasi mal se distinguiriam se não fôra a luz de centenas de brandões, profusamente es-

palhados pelo chão, em candelabros de bronze finamente cinzelados. Esta luz vermelha, fundida com a luz branca do sol, dá singular valor ás chapás de ouro que forram alguns logares das paredes, donde pendem ex-votos, tropheus e bandeiras, e subindo e attenuando-se até os encaixotamentos dos tectos, feitos de vigotas de cedro lavradas, ahí illumina suavemente os fundos das almofadas pintadas a côres vivas e cruas.

Galero levanta-se, e frente a frente com o idolo, extendendo o braço direito e voltando para o deus a palma da mão com o pollegar unido ao indicador, murmura palavras de supplica. Volve sob os seus passos, aproxima-se da ara, onde arde um pequeno fogo, tira da acerra, que um dos camilos lhe apresenta, alguns grãos d'incenso com uma colherinha e deita-os no fogo.

Sobe o fumo, aproxima-se o flamine sacrificador com a tunica branca atada na cintura, verbena de hera coroadando-lhe a cabeça, acompanhado da flaminica, vestida de vermelho, apertando o longo veu de lã azul que lhe cobre a cabeça com uma corôa de folhas de carvalho. Erguem todos as mãos ao idolo, e o flamine, cobrindo a cabeça, entôa a oração propiciatoria :

«Jano bifronte, reza elle, tu que guardas a porta por onde entram todos os deuses no Olympo, sede-nos propicio e intercede junto do pae celeste para que attenda as nossas supplicas. E tu, Jupiter soberano, a quem acção alguma de nós outros mortaes é indifferente, que do alto dos ceus vês o mar coberto de vellas, a vasta extensão da terra, os rios, os montes, os povos e os animaes, tu que á tua beira governas e mandas nos deuses, lança sobre nós teus olhos, e se a nossa devoção t'ô merece, concede-nos o teu auxilio e o teu soccorro.»

Terminada a oração, Galero e a comitiva saíram do templo e desceram ao patamar do escadorio onde se ia consumir o sacrificio.

As aguias, insignias e estandartes erguem-se ao som da musica marcial e veem agrupar-se ao redor do cesar, e logo o sacrificador exclama com voz potente, que domina todos os ruidos da multidão :

— Que as linguas fiquem captivas!

A ordem do flamine, impondo silencio, é logo attendida, todos os ruidos cessam, e a multidão, sobre que o sol dardeja, aviventando as mil côres que a matizam, fica immovel como se um cataclismo a petreficára.

Dois popas tomam da encalabris, onde se achavam dispostos todos os utensilios e instrumentos necessarios para o sacrificio, uma lavanda que approximam do flamine. Extende este as mãos, que purifica na agua

que sobre ellas lança um dos ministrantes, e enxuga-as a uma toalha de linho. Ao mesmo tempo, um dos victimarios aspergia a victima com agua lustral, e outro deita-lhe sobre a cabeça farinha de trigo torrada, misturada com sal, e com a mesma polvilha o altar, as facas e cutellos, que os cultrarios tiram das bainhas, bem como os outros instrumentos dispostos na credencia.

Impacienta-se o animal. Cruzam-se os olhares inquietos temendo presagio sinistro, e Galero carrega o sobr'olho terrivel, sentindo calafrios de medo e impetos de colera.

Um dos ministrantes entrega ao flamine a faca que elle apressada e obliquamente corre pelo dorso do animal desde a cabeça á cauda. Depois corta-lhe uma mecha dos mais cumpridos pellos de entre cornos e lança-os ao fogo. Já do prefericulo se tinha despejado o precioso vinho para o simpurio de barro, no qual o sacrificador toca com os labios. Offerece-o depois a Galero e aos que se achava junto d'elle, entornando o resto sobre a cabeça do toiro, que os victimarios, fazendo esforços sobrehumanos, procuram conservar tranquillo, o que mal conseguem, agrupando-se uns ao redor d'elle e assim mascarando outros que, deitados por terra, lhe seguram pés e mãos.

Ergue o sacrificador as mãos sobre as chamas do altar e supplica a Jupiter, omnipotente, grande, bom, eterno protector de Roma que propicio e bemfazejo accete aquelle sacrificio, e que a sua vontade soberana não ponha limites na terra á grandeza do imperio romano». Depois, invocando os lares d'Augusto, ora por Diocleciano, Galero e seus socios do Imperio, e pelas familias d'aquelles que o serviam e lhe sacrificavam.

Quatro vezes é repetida a oração, e quatro vezes o sacerdote, pondo a mão na bocca, anda ao redor do altar; findo o que um dos cultrarios, erguendo a maça pergunta :

— Faço ?

E a um signal affirmativo do flamine descarrega uma pancada entre os chifres da victima, tão certa e tão vigorosamente applicada que o toiro cae atordoado. Outro culturio acaba de mata-lo, enterrando-lhe a sera, de cabo de marfim com virolas d'ouro, no pescoço, sangrando-a assim nas grossas arterias.

Jorra o sangue para um e mais vasos em que é recebido. De novo reina profundo e receoso silencio, emquanto os ministrantes, extendendo o toiro sobre a encalabris, o abrem assim que o sacrificador, no meio d'uma chuva de flôres que sobre elle despejam as sacerdotisas, voltando os açafates, libou com o sangue da victima derramando algumas gottas, sobre as chamas crepitantes do altar,

e Galero se aproxima para repetir a libação, Romano, que sem ninguém dar por elle se tinha levantado e chegara quasi ao altar, corre para o principe e com voz, em que se junta ao horror do culto pagão a ancia do martyrio, exclama :

— Que essa libação aos deuses infernaes seja o teu pacto de morte com elles !!

Se o raio, rasgando as nuvens, tivesse fulminado o sacerdote, o terror não seria maior na assistencia.

Galero, num movimento de colera, levanta inadvertidamente o braço, e o sangue da victima, entornando-se por todo elle, mancha-lhe com uma pasta viscosa o aço da armadura e a purpura do manto. Resa um grito de terror, milhares de braços se erguem implorando a clemencia de Jupiter, e á roda do cesar caem todos de joelhos.

— Os teus dias estão contados, Galero, diz a voz sonora do diacono e será na podridão do teu corpo, caindo-te a carne fedorenta a farrapos roida pelos vermes, que has de ser castigado. Causarás horror e nojo; e depois de morto, raros os que ousarão approximar-se de ti, para levarem os teus restos á fogueira, onde contaminarão no proprio fogo, que tu do purifica !

Mal a voz se calou, o sacrilego foi cercado e arrastado d'ali para fóra, pelo meio d'um rasgão da turba que o amaldiçoava e o maltratava.

Continuaria o sacrificio ?

O flamine, fitando o céu por algum tempo, como quem espera uma inspiração, ou um indício, acabou por servir nova taça de sangue a Galero, que então libou.

Serenaram os rumores, causados pelo sacrilegio e restabeleceu-se o silencio ritual.

Aberta a victima, tiradas, lavadas e examinadas as entranhas, polvilhadas com farinha, são conduzidas á ara e lançadas ao fogo, onde o sacrificador as vae libando com vinho e azeite.

Crepitam nas chammas as visceras quentes, lançando para o ar um fumo negro; nos thuribulos queima-se novo incenso, que se enovela em branca fumarada; erguem-se num impeto marcial estandartes, aguias e insignias, e a musica junta as suas vibrações penetrantes e cruas ao côro de cem vozes que entoam o hymno sagrado em honra de Jupiter.

Está terminado o sacrificio, só falta a oração final, que o flamine se apressa em recitar, erguendo as mãos sobre a ára :

— Oh ! Vesta, mãe, a ti, a quem é dedicado o fogo puro, tirado dos raios do sol, que jamais se extingue, e que em teus altares deve ar-

der eternamente, tanto nos templos que te são dedicados, como no imo sagrado dos nossos lares, sede-nos propicia, espalha tuas benções e beneficios tanto sobre os principes que governam, mantem e defendem o imperio, como sobre o povo e familias de todos.

E voltando-se para os assistentes, reenviou-os com esta unica palavra:

— *Licet.*

Retirou-se Galero, pallido, com o olhar coruscante, atravessando a multidão tão silenciosa agora, como fôra entusiasta e

gritadora á chegada. Os da comitiva procuram disfarçar com a insolencia provocadora dos olhares a perturbação que lhes causou o sacrilegio, e é de veras preocupados que tanto elles como os sacerdotes se dirigem para palacio, afim de celebrarem, no costumado festim, o final do sacrificio.

Apoz elles retiraram-se os popas, victimarios, cultrarios e outros ministrantes, carregados com os restos da victima, que vão vender nos açougues e tascas que gerem.

Escoa-se a multidão, perdendo a pouco e pouco o involuntario constrangimento, distraíndo-se na vista das lojas que se iam abrindo, e assim restituindo a vida normal ao grande centro. Ao mesmo tempo passa, com as mãos amarradas, Romano a caminho das masmorras do palacio real. Os pagãos que o viam apupam-o e dirigem-lhe chufas; os chris-



UM SACRIFICIO

tãos baixam os olhos, com medo de encarar aquelle olhar de fogo vivo que os fulmina, e elle deixa-se conduzir sem resistencia, sem invocar sequer os privilegios do seu nome illustre.

Chegado á prisão, os soldados empurraram-o para um antro escuro.

Ora, desde que elle caminhava entre a escolta, que o seguia uma mulher com uma creança nos braços, e o foi acompanhando até á prisão.

Consentiram os soldados que ella passasse, e entrasse como prisioneira no carcere, e o chefe da escolta segreda-lhe:

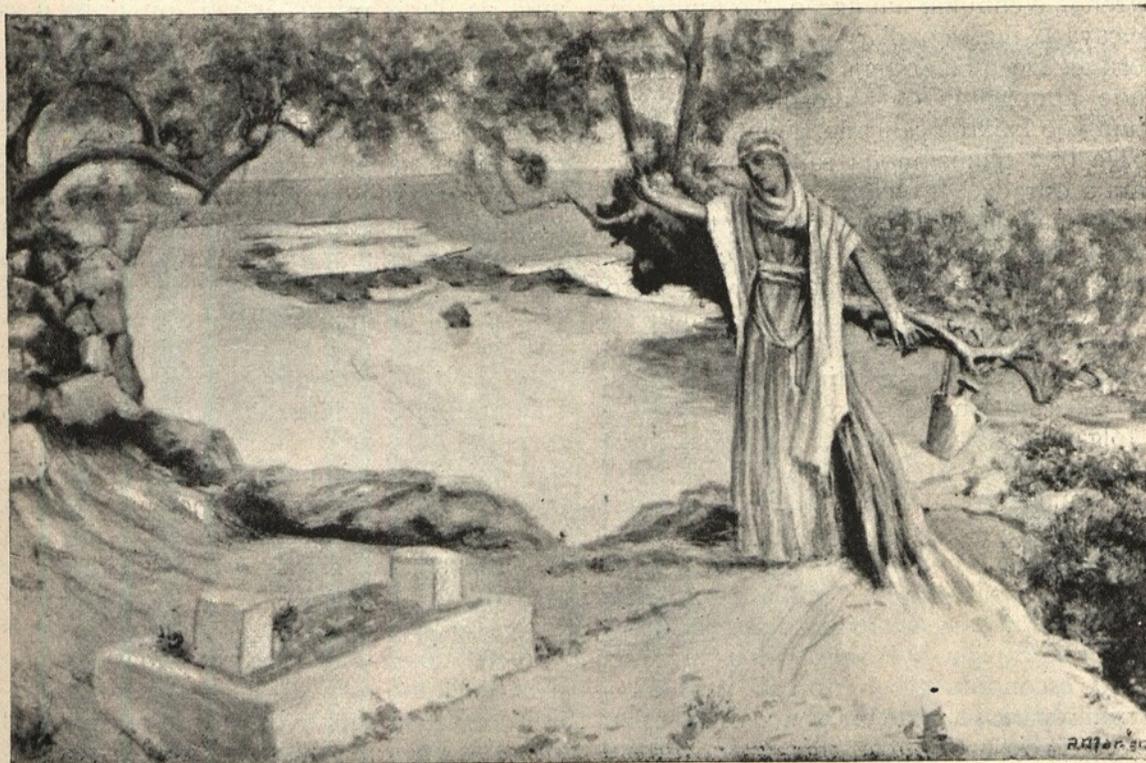
— Vae, anima-o, e ao romper d'alva sae, para vêres como elle vence no pretorio.

— Obrigada, irmão, disse ella. E entrando e chegando-se junto de Romano, tira do regaço uns fructos seccos e uma cabaça com agua, e diz-lhe:

— Come e bebe, porque has-de ter fome e sede!

(Continúa)

*Thiemo d'Assumpção*



UM CEMITERIO NA SYRIA



lencia; e  
 todavia a atmos-  
 phera continuava quente,  
 de uma calma extrema. — Cer-  
 tamente fôra illusão da vista.

• • •

**P**ELO calor torrido, sob um ceu limpo de nuvens, estendia-se a paisagem, cortada pela longa fita branca e areenta d'uma estrada. Aqui e allí pequenas elevações de terreno. Nenhuma habitação. Ao fundo, começava o massivo d'árvores d'um pequeno bosque. De quando em quando, na serenidade abrazadora da atmospherá, deslizia n'um vôo baixo e cansado, alguma ave.

De traz d'uma moita saltou um homem para a estrada.

Novo ainda, forte e atarracado, trazia impresso no rosto, coberto de espessa barba preta, a expressão d'um caracter viril e arrojado. Cobria-lhe a cabeça um chapéu de feltro de largas abas; por sobre a véstia, ou blusa, uma cartucheira a tiracollo, e, por cima das calças, até meio joelho, umas botas altas e folgadas. Na mão direita empunhava uma carabina.

N'aquelle ponto a estrada elevava-se com o terreno. O homem, sahindo do seu esconderijo, olhou por longo espaço, para o horizonte que d'aquelle sitio podia descobrir, e, ou porque tivesse satisfeito a sua curiosidade; ou por se cançar do exame, voltou para o seu posto, escondido e coberto pela verdura. — Quem reparasse então um pouco melhor para o terreno circundante, notaria um movimento singular e estranho nas sebes e outras moitas que o cobriam. Dir-se-hia que alguma rajada de vento soprára n'aquelle instante com vio-

Era ha mêzes e no sul d'Africa, em pleno theatro da guerra.

Ladysmith fôra libertada e o orgulho britânico voltava a respirar desafogadamente após as duras privações por que tinha passado.

No quartel general inglez em Kroonstad, o tenente William Locke recebêra ordem para levar a French, em Lindley, uma communição importante. Além do que verbalmente era encarregado de lhe transmittir, seria portador de papeis que do maximo interesse era não se perdêrem, porque continham o plano da marcha combinada de todo o exercito em direcção a Pretoria, na qual o corpo de tropas do valente coronel inglez tinha a prestar uma coadjuvação imprescindivel.

Vinte homens de escolta acompanhavam o tenente.

A missão era importante e perigosissima.

Occupada de pouco tempo quasi toda a republica orangina, todavia a submissão dos habitantes não offerencia garantia alguma de sinceridade, de modo que, embora não encontrasse no caminho nenhum troço de boers de algum dos commandos que ainda corriam o paiz, era muito possivel que procurasse obstar-lhe a marcha algum bando de camponezes armados que lhe sahissessem á frente, vendo-o tão pouco acompanhado e longe de soccorros.

O moço official inglez não tivera ainda

ocasião de se evidenciar durante a guerra. Entrára em pequenas escaramuças sem importancia. Chegava-lhe agora a vez, não para assistir a uma grande batalha mas para jogar a vida em lance talvez mais grave e arriscado. — Não obstante, William Locke, firme e resolutu, recebeu as ordens e os papeis que tinha de transmittir a French, e, meia hora depois, elle e os seus homens galopavam em direcção a Lindley.



Pela estrada branca e poeirenta, batida pelos raios d'aquelle sol ardentissimo, os cavallos resfolegavam de cansaço, cobrindo-se de espuma na penosa e dura corrida que levavam.

A' frente dos seus companheiros, Locke, fitando sempre o caminho que tinha a percorrer, attento á menor particularidade de terreno, sentia o suor cobril-o inteiramente, emquanto, aos solavancos do animal, os copos da espada lhe batiam com violencia no quadril. Ao alcance da mão direita, tinha a pistola d'um dos coldres.

Diante d'elle os lanços d'estrada succediam-se interminavelmente. O calor era extraordinario n'aquelle dia; com certeza alguma trovoadas se preparava para a tarde, renunciando uma proxima mudança d'estação. Mas, com a attenção presa no fim que o

Com a cabeça em braza, o olhar ferido d'aquelle immensa claridade, Locke sentia atraz de si o respirar arquejante dos soldados e o galopar exaustivo dos cavallos. — De quando em quando, levando a mão ao peito, sentia, sob a farda, o masso de papeis cuja particular importancia lhe fôra communicada ao partir.

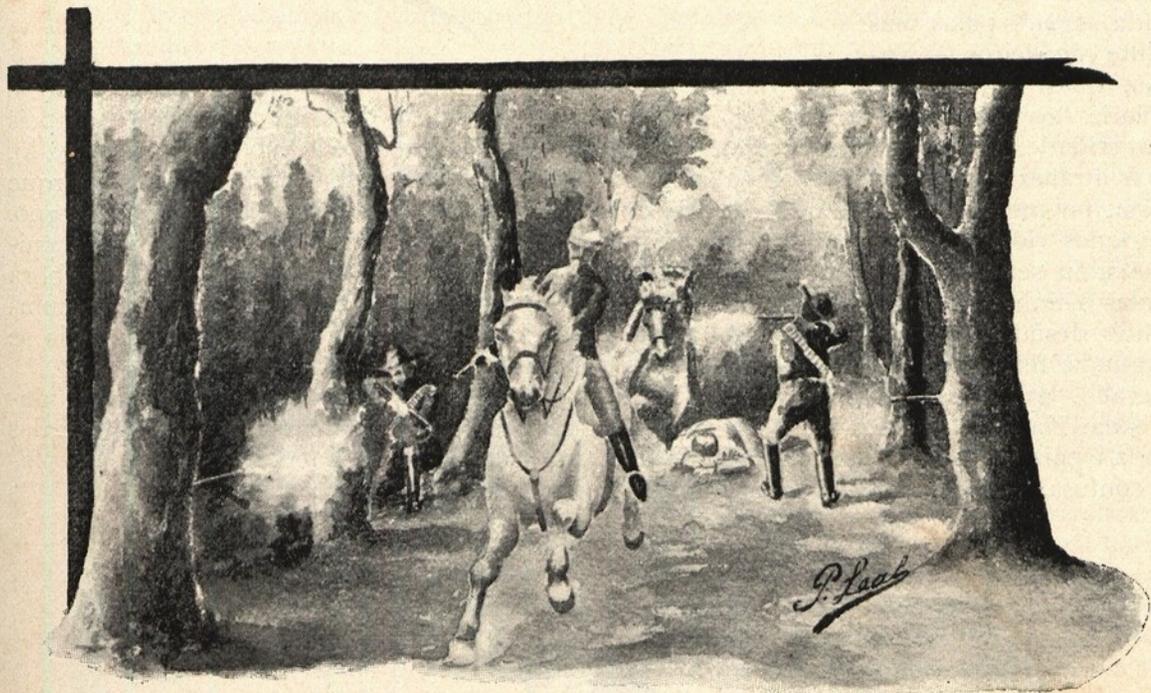
Quasi metade do caminho fôra galgado. Á direita tinham já deixado um pequeno bosque, cuja approximação tanto preoccupára o official. Mas nada apparecêra. O maior silencio, a maior quietação reinava por toda aquella natureza esbrazada.

Para diante, a estrada, constantemente egual, estendia-se como uma longa fita branca, subindo a pouco e pouco com o terreno, ladeada aqui e alem por pequenas elevações, cobertas de sébes e outros massiços, mais ou menos espessos.

E foi justamente quando o galopar dos cavalleiros entrou n'esse ultimo lanço que uma centêna de homens armados cobriu aquellas elevações, surgindo como do chão, d'um lado e outro do caminho, por um largo espaço que os inglezes tinham a percorrer.



Era a morte? — Quando menos o ficar prisioneiro? — Tudo isto passou pelo espirito do moço official. — A morte? Que lhe impor-



levava, o official nenhuma preocupação sentia do estado atmospherico. Desabassem embora sobre elle as cataractas do ceu, elle havia de seguir para diante, custasse o que custasse.

tava! Cahiria combatendo, até ao ultimo sopro de vida, dando tambem a morte a alguns dos contrarios. — Mas, na sua situação, nem uma cousa nem outra lhe podia convir, não por si, era soldado, sabia qual o seu devêr e

não recuava ante elle. A prisão, essa, em caso algum, nunca a accitaria; pela vergonha de entregar a sua espada, sempre pensou que devia preferir a morte. — Mas, n'aquella occasião, não se tratava de entregar, nem de combater. Necessitava, custasse o que custasse, ir para diante e ir com vida. Outro interesse, superior ao seu dever de soldado, o obrigava a fugir ao combate. Se as ordens que levava não podessem sêr transmittidas, se os papeis fossem apprehendidos, compromettia a marcha do exercito inglez e talvez que o exito da campanha.

Abaixando a cabeça, sem querêr ouvir a intimação dos boers, que não tinham ainda disparado um tiro e lhe propunham a rendição, na certeza de que aquelle pequeno grupo não ousaria resistir-lhe, — Locke picou de esporas e investiu para a frente, n'uma carreira desesperada, seguido pelos seus vinte cavalleiros. — Então, quasi immediatamente, rompeu a fuzillaria dos dois lados da estrada. Era uma temeridade, era uma loucura pretender seguir atravez d'aquella chuva de balas. Também, no mesmo instante, Locke sentiu dois choques violentos, um no braço direito que descahiu sem força, e outro na nuca. Duas balas o tinham alcançado. Mas, não se sentindo desfallecer, embora calculasse grave a segunda ferida, picou desesperadamente o cavallo, que partiu n'uma carreira desenfreada. Nada se via aos lados do caminho; toda a paizagem corria-lhe pela vista, desfeita e confusa. — Então, terceira bala, certamente

dirigida ao cavallo, veio ainda ferir o official n'uma das coxas.

Locke sentia o sangue innundar-lhe o peçoço e corrêr-lhe pelas costas.

Finalmente, passára a zona perigosa. Os boers já lhe ficavam para traz.

Então voltou-se, a vêr se era ainda seguido pelos seus homens, ou se estes, mais mal montados, viriam a maior distancia. Nem um só o acompanhava. Todos tinham ficado no caminho, prostrados pelas balas das Martini Henry.

• • •

Quando á presença de French trouxeram em braços, exangue, um moço official, que, pouco antes, custosamente se apeára do ca-



vallo, — o coronel inglez viu-o, pallido e tirar de dentro da farda um masso de papeis trémulo, diante d'elle, o olhar quasi apagado, que lhe entregou com a mão esquerda porque a direita lhe pendia inerte ao longo do corpo.

E, quando French o quiz confiar ao cuidado dos cirurgiões, pois o via ferido, embora o não suppozesse mortalmente, Locke, cumprido o seu devêr, cahiu para não mais se levantar.

Tardiamente, mas com segurança, produzia o costumado effeito uma das muitas balas que as carabinas boers reservavam aos officiaes inglezes.



# De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

## CAPITULO IX

### Moçambique — A fazenda agricola — Coqueiros e cajueiros O monhé (Continuação)

A FACHA marginal da bahia de Moçambique está retalhada, principalmente a norte e oeste da ilha, em grandes propriedades agricolas, que, para além das Cabaceiras e do Mossuril, se estendem até a bahia de Conducia. E' esse o regimen de propriedade que prevalece nos territorios onde chega a sombra da autoridade portugueza; pequenos cultores indigenas, em terrenos possuidos pelos cultivadores, só existem nos arredores das povoações das Cabaceiras e do Mossuril. E para além da estreita zona que se pode considerar policiada, não existe propriedade regularmente constituída; os regulos consideram-se senhores do solo, e os povos usufruem o mais ou menos livre e gratuitamente, levantando a habitação onde lhes apraz e fazendo sementeiras onde imaginam que mais rendosa será a colheita, hoje aqui, amanhã acolá, para aproveitarem as virgindades originaes ou refeitas dos torrões.

Essas grandes propriedades marginaes são quasi todas antigas, datam dos tempos da escravatura. Modernamente, a actividade agricola dos colonisadores quasi se tem reduzido, no districto de Moçambique, a recolher o fructo do trabalho alheio; raras explorações novas se emprehenderam, e até poucas concessões de terrenos foram requeridas, e ainda menos aproveitadas. As proprias fazendas feitas nem sempre encontram quem as grangeie, e muitas cairam já n'um abandono de que é triste documento a ruina das suas moradias. Por isso estão depreciadas. Compram-se ou arrendam-se por quantias inverosimeis milhares e milhares de hectares de terrenos plantados, por falta de capitaes e por falta, ainda maior, de iniciativas arrojadas e laboriosas.

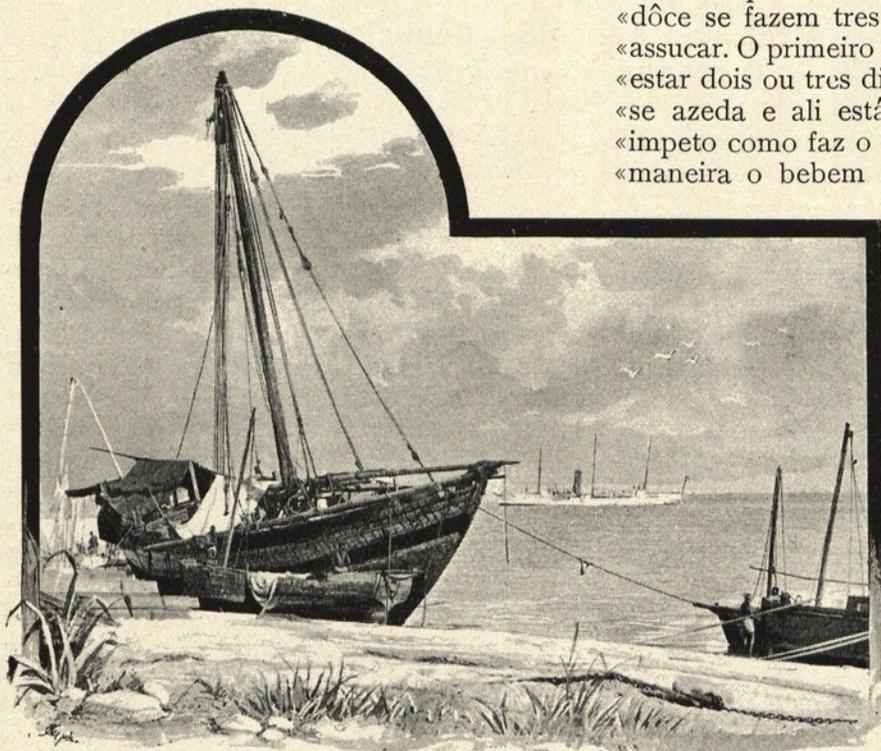
A fazenda agricola, no districto de Moçambique, é, por via de regra, um palmar de coqueiros e um pomar de cajueiros, a que a natureza ajunta grupos de mangueiras frondosas e outras arvores, fructíferas sim, mas cujo fructo não figura nos roes dos productos mercantis. As culturas arvenses são especialidades dos indigenas. O grande proprietario manda semear, quando muito, hortaliças para a

sua mesa e mãos cheias de mandioca, de milho, de feijão chibamba ou preto para sustento dos serviçaes. Se em tempos passados os europeus pediram á terra variadas producções, como a do algodão, que Sebastião do Lago tornou obrigatoria, passaram depois a contentar-se com o côco e o caju, e só agora um ou outro se lembra de cultivar café. Não querem culturas trabalhosas. A terra — dizia-me um fazendeiro indio das vizinhanças da Cabeceira Grande, — tem força de mais; affoga em hervas todas as sementeiras. E' preciso cavalafundo muitas vezes e mondar incessantemente, o que exige numerosos braços, e os braços dos negros são caros, indolentes e incertos; é mais o tempo em que estão bebedos do que aquelle em que trabalham, andam sempre por batuques e festanças, fogem quando se aperta com elles, se chegam a juntar algumas rupias vão gastal-as na ociosidade, ainda quando se sujeitem produzem pouquissimo. O meu interlocutor preferia mandar buscar á India gente para os trabalhos indispensaveis de sua exploração; com essa, sim, podia-se contar, era sobria, era applicada e submissa, mas tinha o grave onus do transporte. Tambem havia que contar com as devastações da *muchem* e com os estragos da intemperie; umas vezes faltava agua, outras vezes as chuvas torrencias revolviavam e arrastavam as terras léves. Portanto, não valia a pena emprehender arroteios. Nunca dariam o que davam o coqueiro e o cajueiro, abençoadas arvores que não pediam trabalho nem cuidados, e até se multiplicavam por si mesmas!

Esta é a linguagem de todos os agricultores do districto. Não ha nada como o côco; nada ha como o cajú!

O coqueiro é explorado de muitos modos, e é explorado hoje como ha tres seculos. Frei João dos Santos descreveu essa exploração com tanta propriedade, que substituo a noticia que d'ella poderia dar pela da *Ethiopia Oriental*, que, além de outras superioridades, tem o merecimento archeologico. «O fructo natural que d'estas palmeiras se colhe são «côcos: os quaes nascem no alto da palmeira

«em cachos, e ha cachos quo têm sessenta  
«côcos e mais, e muitas palmeiras que tem  
«dez e doze cachos. Estes se criam dentro  
«d'umas cascas grossas, do comprimento  
«d'um covado ao modo de bainha, a que os  
«cafres chamam tombos . . Do miolo do  
«côco fresco se tira leite com que cosem ar-  
«roz, ralado com um ralo e bem lavado em



MOÇAMBIQUE — UM PANGAIO Á DESCARGA

«duas ou tres aguas, e espremido entre as  
«mãos, de modo que lhe façam lançar toda  
«a humidade que tem . . Este miolo de cô-  
«co, depois de secco e avellado se chama co-  
«pra, e serve aos gentios de mantimento, e  
«assim o comem com arroz em lugar de con-  
«ducto, o qual é muito bom e sabe como  
«avellãs. D'esta copra se faz azeite muito  
«excellente, pisando-o em certos engenhos,  
«ou lagares. . . Se querem que a palmeira  
«dê vinho em lugar dos cachos, tomam os  
«tombos em que estão os cachos encerrados,  
«e cortam-lhe as pontas quando já estão para  
«arrebentar, dos quaes começa logo a gote-  
«jar uma agua solta e clara, como cá faz uma  
«vide de parreira quando a pódam. A qual  
«agua é um licor suave e dôce, quasi como  
«mel, e assim fresco se bebe e é muito medi-  
«cinal, refresca e engorda. . E este é o pri-  
«meiro vinho da palmeira, a que chamam  
«sura dôce. Ha muitas palmeiras que tem  
«quatro, cinco e seis tombos d'estes, que es-  
«tão sempre estillando sura, e cada um d'el-  
«les dá cada dia meia canada pouco mais ou

«menos d'este licor, o qual se recolhe em pas-  
«nellas, que penduram debaixo dos tobo-  
«cortados, e n'estas panellas está pingando  
«sempre emquanto duram os mesmos tom-  
«bos, que é pouco mais ou menos vinte até  
«trinta dias, e antes que se acabem vão nas-  
«cendo e creando-se outros tombos, de modo  
«que sempre as palmeiras tem ou poucos ou  
«muitos que estillam sura . . D'esta sura  
«dôce se fazem tres vinhos e vinagre, mel e  
«assucar. O primeiro vinho se faz deixando-o  
«estar dois ou tres dias em algum vaso, onde  
«se azeda e ali está fervendo com grande  
«impeto como faz o mosto das uvas, e d'esta  
«maneira o bebem ordinariamente os mais

«dos gentios, e com  
«elle se embebedam,  
«se bebem muito de-  
«masiadamente, por-  
«que é muito famo-  
«so. O segundo vi-  
«nho se faz estillan-  
«do esta sura azeda  
«com um engenho a  
«modo de lambique,  
«a que chamam bali,  
«e todo o licor que  
«d'ali sahe estillado  
«é o segundo vinho,  
«a que chamam ur-  
«raca. O qual é mui-  
«to melhor que o  
«primeiro, mais forte  
«e famoso, quasi co-  
«mo a aguardente, e  
«embebedamais que

«a sura azeda. O terceiro vinho se faz  
«d'esta mesma urraca, deitando-lhe den-  
«tro passa de uvas pretas em quantidade  
«que tinja o vinho, e nas pipas está fer-  
«vendo com esta passa vinte ou trinta  
«dias. . . A este chamam vinho de passa. O  
«vinagre se faz d'este vinho, quando se dam-  
«na, ou da mesma sura, deixando-a azedar  
«muitos dias, ou das balsas que ficam nas  
«pipas. . . O mel se faz da sura dôce, logo  
«quando se colhe da palmeira, o qual cosem  
«muito bem ao fogo em um tacho ou cal-  
«deira, e ali ferve tanto, até que fica em  
«ponto, do modo que se faz o arrobe do  
«mosto das uvas. . . D'este mel se faz o as-  
«sucar, deixando-o ferver no fogo tanto até  
«que se coalha de todo, e fica duro, indo-lhe  
«sempre tirando a espuma, que faz emquanto  
«ferve. E depois de tirado do fogo se acaba  
«de apurar e aperfeiçoar fóra, curando-se ao  
«sol, como se faz ao assucar de canna.»

De todas estas *utilidades* do coqueiro, a  
que se devem juntar as do *palmito*, que é  
comestivel, do cairo, de que se fabricam cor-

das e capachos, da madeira, que se emprega em construcções, — só uma não sei que ainda hoje seja aproveitada, o de produzir *vinho de passas*; e a extracção do que Frei João dos Santos chama mel e assucar só é praticada pelos indigenas em reduzida escala. Outros productos do coqueiro adquiriram, porém, maior importancia mercantil e industrial do que tinham no fim do seculo XVI, e são esses os que os fazendeiros principalmente exploram.

O miolo secco, a *copra*, de que n'essa epoca só os negros e os colonos, naturalmente, extrahiam azeite, é actualmente materia prima de industrias que, especialmente na França (Marselha) e na Hollanda (Rotterdam) e na Allemanha (Hamburgo), emprega milhares de braços e milhões de capital, e constitue por isso um dos artigos mais avultados da exportação de Moçambique. Dá só o trabalho de colher o côco, partil-o, extrahir-lhe o miolo e deixal-o seccar ao sol, e cada kilogramma de copra vale, nos portos da provincia, 30 ou 40 réis, preço este que assegura, por cada palmeira, um rendimento médio de cerca de 400 réis. Além d'isso o côco vende-se fresco, na terra, para usos alimentares, a 20 réis a panja de cinco, e tem largo consumo por ser elemento indispensavel do universalizado caril e de outros preparados de culinaria ou de confeitaria, assim indigena como europea.

Mais ainda não é o côco o mais rendoso producto do coqueiro. Nas panellas em que se recolhe a seiva é que pinga dinheiro. A sura doce é quasi de privativo consumo domestico, porque azeda em poucas horas; mas a sura fermentada — a *urraca da Ethiopia*, — e a sura destillada, tem tanta procura nos mercados que a producção nunca a satisfaz, o que lhe eleva fabulosamente os preços. Lavrada a sura em anno propicio, um bom coqueiro póde render 4 ou 5 libras, e contam côcos de muito superior rendimento. Tão avultado é elle que, se a natureza o consentisse, a cubiça humana não deixaria medrar um só côco nos palmares!

No interessante livro de João Coutinho, *Do Niassa a Pembe*, calcula-se que uma sementeira de 1:000 coqueiros pode custar durante oito annos, isto é, até que as arvores frutejem abundantemente, 88\$000 réis comprehendidas as despezas de guarda e conservação, e que se d'ella vingarem 800 pés assegurarão, só em côcos, um rendimento annual liquido de 308\$000 réis, que se multiplicaria por oito ou dez sendo o palmar lavrado á sura. E' attrahente! Todavia, tanto tem esmorecido no districto de Moçambique o espirito apprehendedor, que raras planta-

ções de palmares têm sido feitas nos ultimos annos em larga escala, naturalmente porque os escassos e cobiçosos capitaes que se applicam á agricultura não querem esperar seis ou oito annos pelo juro, ainda que prometta ser mais usurario do que o das casas de *prégo* de Lisboa!

Com o esbelto coqueiro compete em receitas — mal ganhas receitas! — o folhudo cajueiro. Creio que esta especie foi introduzida, na provincia, da America ou, mais provavelmente, da India, em tempos remotos, porque não dão noticia d'ella os velhos chronicistas que tão por miude descreveram as producções da costa oriental de Africa; mas se assim foi alastrou-se como escalracho. Hoje sombreia milhares e milhares de hectares de terreno, porque não exige cultura e porque fornece materia prima para bebedeiras. O seu formoso fructo não tem quasi valor como alimento; mas dos copiosos succos que encerra fabricam tantas bebidas como da seiva do coqueiro. Frescos, acabados de espremer da *maçã*, são refrigerantes, de sabor agradável e nada intoxicantes; mas raro vão ao mercado. Fermentados lisongeiavam mais o paladar do indigena, e já constituem um artigo de commercio; mas é principalmente a aguardente de cajú, o producto da destillação do cajú, que enriquece o fazendeiro. Não pode haver droga mais nauseabunda, a julgar pelo aspecto e pelo cheiro. Cheira exactamente a terebenthina. No tempo de destillação, quando o mercado de Moçambique se enche de bojudas talhas de cajú, e todas as lojas são adegas de cajú, e pretas acoradas vendem cajú ás esquinas das ruas e a bocca de cada indigena é uma chaminé de vapores de cajú, acredita-se que toda a cidade, até as entranhas dos seus habitantes, foi pintada de fresco. Mas a população é doida pela fetida beberagem. Emquanto ella dura, e felizmente é só poucos mezes, ha perpetuo jubileu de borrachos; os amos não podem contar com os criados, nem os officiaes com os soldados, nem os mestres com os artistas; avoluma-se a estatistica dos furtos, multiplicam-se as desordens, desaffogam-se os gaudios em incessantes batuques, despejam-se os mealheiros dos laboriosos, os indigentes vendem os andrajos não podendo vender os corpos, a policia anda n'uma roda viva, e a aguardente do cajú alcança preços inacreditaveis, superiores ao do vinho do Porto. Termo medio, uma quartola de 90 litros vale 10\$000 réis.

Compreende-se, pois, que os agricultores estimem o cajueiro. Em Moçambique diz-se que uma propriedade tem tantos mil pés de cajueiro, para dar idéa da sua riqueza, como

no Douro se diz que tem tantas mil cepas. O anno agrícola é bom ou mau conforme a producção do cajú. A officina essencial e capital d'uma fazenda é a distillação, onde o cajú é pisado, os succos fermentam em vasilhas e passam depois para os alambiques, que funcçionam em permanencia durante alguns mezes. As despesas d'esta operação a pouco montam. Só a *noz* ou *castanha* — o appendice reniforme da maçã, — que os negros comem assado, e o summo fresco, pagam a apanha; o fogo alimenta-se com lenha que está á mão de todos, e os processos do fabrico, sendo quanto possivel rudimentares, não exigem pessoal dispendioso. Não ha ninguém, nem o negro mais boçal, que não saiba destillar! São, pois, liquidas todas as receitas do cajueiro, — os seus productos nem soffrem empate. Nunca ficou uma colheita em deposito; isso sim! Tão pouco soffrem os riscos, as demoras, e os trabalhos de exportação; quanta aguardente se produz toda é absorvida nos logares do fabrico, e mais que fosse. Não ha, em toda a provincia, outro negocio assim, nem o de aguardente importada com que se fazem tres garrações d'um só, vendendo-se a agua que para isso se lhe accrescenta ainda por maior preço do que se pagou pelo alcool.

Os fazendeiros, portanto, não querem cultivar senão cajú e côco, e esses serão os unicos ou os principaes productos abundantes da agricultura *civilisada*, enquanto alguns phenomenos economicos ou uma legislação fiscal e policial não arruinarem o coqueiro e o cajueiro. A cultura do cafezeiro em Moçambique não passa d'uma curiosidade, confinada nos quintaes. Só tive noticia d'um proprietario da terra firme, um europeu laborioso e emprehendedor, o sr. Candido Soares, que tomou amor á preciosa planta que está opulentando Angola e S. Thomé, e já colhe algumas saccas de café. Estê agricultor pertence a uma familia que representa, com singular distincção, o que se pode chamar a fidalguia colonial de Moçambique; descende essa familia, sem mescla de sangue indigena, d'um alto funcçionario da provincia, Pedro da Costa Soares, que n'ella falleceu em 1780, e ficou vivendo nas suas vastas propriedades patrimoniaes, ageitando-se á tarefa de sua laboriosa administração e ao viver africano, sem perder as virtudes e as prendas patriarchaes portuguezas. Uma d'essas propriedades, a Choca, encosta os seus alterosos palmares, as suas densas florestas de cajueiros e mangueiras, á margem da bahia de Conducia, n'aquelle ponto alta e cortada quasi a pique sobre o mar. Em todas aquellas redondezas não ha sitio mais aprazivel, pela majestade do arvoredado, pela am-

plidão do panorama, pelo frescor das aragens e das sombras, e pelas memorias que conserva de antiga prosperidade agrícola da terra e do viver largo, mas proficuo, dos seus povoadores portuguezes; por isso é uma estação fixa de romagens festivas ou estudiosas.

Os grandes proprietarios da terra firme não são só europeus, nem representam todos antigos colonos, como essa familia excepcional; recentemente tambem alguns asiaticos, e até alguns indigenas opulentados, se teem distrahido do commercio para explorarem fazendas agricolas, sendo em regra mais felizes no emprehendimento do que os brancos, por serem mais diligentes, mais cubiçosos, mais sobrios, e terem maior azo de empregar nos trabalhos gente da India. Perto da Cabaceira Grande vive e trasteja um indio, de Damão, que em curtos annos se levantou da indigencia á categoria de grande e poderoso agricultor. Estes fazendeiros ou vivem sempre nas suas terras, nas moradias nobres, tantas vezes apalaçadas, que em nenhuma faltam, ou residem em Moçambique tambem uma parte do anno, quando não ha serviços agricolas a dirigir. Essas casas, as officinas ruraes, — quasi sempre toscos barracões de alvenaria cobertos a telha, — as casas de malta, grupos de cubatas dos trabalhadores, são as unicas construcções que nas fazendas interrompem a continuidade dos palmares e das florestas; nunca fechadas por sebes ou muros, nem sequer demarcadas, em regra, por quaesquer balizas artificiaes.

Para além, no sentido do interior, d'esta região, que se póde chamar da grande cultura arborea, dispersam-se as pequenas culturas dos indigenas, que — é triste dizê-lo, — são precisamente as que fornecem ao commercio a maior copia de artigos de exportação. Os negros pedem á terra o seu sustento quotidiano, e para o obterem, semeiam ou plantam, a par do coqueiro e do cajueiro, mandioca, maxoeira, mapira, milho, alguma canna saccharina, muitas especies de feijão, e outros vegetaes cuja producção é de exclusivo consumo local; mas é tambem a sua lavoura rudimentar, feita com instrumentos primitivos e até á mão, que manda aos portos montões de amendoim e de gergelim, que lá vão buscar as industrias europeas para d'elles fabricarem oleos, copiosamente empregados na saboaria, na perfumaria, em mil preparados, e que nós todos bebemos quasi quotidianamente como azeite de oliveira. Vão lá dizer a um marselhez que este azeite tem melhor sabor do que o oleo de amendoim!

Sem as colheitas dos indigenas, só para elles remuneradoras, Moçambique não teria

que exportar, a não ser algumas mãos cheias de copras, mas o proprio trabalho agricola dos indigenas não tem sido encaminhado para aproveitar os generos ricos, que a natureza lhe offerece quasi gratuitamente. Assim, medrando espantosamente na Macuana diversas arvores, e em especial muitas trepadeiras, de cujos troncos se extrahе *borracha*, e conhecendo quasi todos os macuas os processos da extracção, quotidianamente praticados pelos seus visinhos do Nyassa, poucos bolbos d'esse estimado artigo accodem hoje aos portos do districto de Moçambique, e ninguem lá pensou ainda em promover ou emprender a cultura regular das especies que a produzem. Tabaco: á ilha de Moçambique e á costa fronteira vem tabaco do interior, onde superabunda, grosseiramente manipulado pelos indigenas em grossas tranças feitas das folhas da planta torcidas e comprimidas, que depois enrolam sobre si, formando grandes rodas, furadas no centro. Estas rodas vendem-se por uma bagatella, a menos de 200 réis o kilogramma. Da qualidade do tabaco que as compõe não posso informar,

porém, só os indigenas o aproveitam. Homens, mulheres, creanças, fumam-n'ó em compridos rolos, quasi sempre de fórmula pyramidal, que envolvem em delgadas folhas secas de bananeira; mas nunca se cuidou, sequer, de averiguar se esse tabaco que faz as delicias dos cafres podia ser vantajosamente introduzido nas fabricas europêas, ou sequer portuguezas. A canna saccharina é uma golodice, mais nada; dá-se como presente, *saguete*, juntamente com a gallinha classica. Tambem os indigenas ainda não poderam achar proveito em colher, ao menos, o café que cresce e amadurece nos mattos á beira das suas palhotas, e quasi ignoram que o anil, a urzella, e muitos outros productos espontaneos ou faceis do seu uberrimo solo, se elles os juntassem em quantidades commerciaveis, lhes dariam mais pannos vistosos, mais fiadas de contaria, mais armas e polvoras n'um anno do que lhes dão em dez as pobrissimas culturas de amendoim e de gergelim a que, coitados, dedicam a pouca actividade que impõem á indolencia nativa. Gergelim, amendoim, alguma copra é quasi tudo



MOÇAMBIQUE — O MONHÉ NO INTERIOR

pois nunca pude fumar-o, tão forte é; mas dizem melhores entendedores que se recommenda pelo aroma e pelo sabor. Bom ou máu,

quanto o sertão macuano envia a Moçambique, desde que fugiram para regiões mais entranhadas e mais septentrionaes os elephan-

tes, que ainda no principio do seculo XVII iam ás praias das Cabaceiras farejar, com as trombas estendidas, as gentes novas que povoavam a ilha, e que a subtilidade do seu olfato estranhava por não cheirarem a *catinga*.

O estado da agricultura define a natureza do commercio. Realmente só exporta amendoim, gergelim, copra; tudo mais são bagatellas. Importa quasi todos os artigos necessarios á vida dos europeus, incluindo gado de Madagascar para o talho, e até . . . arroz para sustento dos indigenas! O valor da importação excede sempre e em muito o da exportação; ao *deficit* occorre o Estado por meio dos seus gastos e das suas munificencias.

Este commercio está, principalmente, nas mãos dos asiaticos. E' vêr os arruamentos de Moçambique. Estão guarnecidos de lojas, tantas que causa espanto como se sustentam n'uma terra onde se não vê viv'alma, a não serem almas de tanga; e as lojas de venda a retalho são entremeadas por casas de grosso tracto, umas de aspecto soberbo, que parece denunciar vastos armazens atulhados de marfim e especiarias, e ás vezes só armazenam teias de aranhas, outras com mesquinha apparencia de baiucas de ferro-velho, que disfarçam depositos abarrotados de fardos e saccarias: aquellas são, geralmente as dos europeus, estas as dos baneanes e mouros. Nos estabelecimentos de venda a retalho vende-se tudo: calçado e bolachas finas, sedas e aguardente, louças da India ou da China e meias de algodão, conservas e guarda-soes. Os sortimentos capitaes são de fazendas para os pretos, e conservas e licores para os brancos. As armações pobres e toscas, no estylo das que nossos avós usavam na rua da Alfandega, são ornamentadas pelas pilhas scintillantes de lataria e pelas etiquetas coloridas das garrafas; ha lojas que offuscam a vista, quando os clarões do petroleo acceso rebrilham nas latas. Paredes de peças de algodões estampados completam, com os seus tons asanhados, a decoração das humildes quitandas, sempre cheias como ovos de muitas gemmas, e por detraz dos balcões, por cima das rumas de peças de louçaria, por entre bambinellas de *pannos* pendurados no tecto, entrevêm-se, dentro de dezenove portas por cada enfiada de vinte, caras macillentas de indios scismadores, scismadores dos melhores processos de enganarem os freguezes. Os logistas europeus contam-se, contam-se de côr. De vulto são dois, as firmas Mendonça & Silva,

e Pinto & Rodrigues, nenhuma das quaes se occupa, porém, exclusivamente, do commercio a retalho, e que das relações mercantis com o governo tiram os mais valiosos proventos. Ambas têm casas grandiosamente sortidas, que nenhuma outra desbanca em conservas e em vinhos; mas fazem-lhes invencivel concorrencia as tribus dos *monhés* de todas as seitas, e estes proclamam como seus patriarchas os Jumás, Grande e Pequeno, donos de verdadeiros museus commerciaes mais espanejados, nababos mercantis, um dos quaes é tão rico que escandalisou os manes dos seus avós com a prodigalidade de construir um predio com cantarias lavradas. Caso este nunca visto na Africa Oriental, desde que para lá navegam pangaios com carregações de cobiça e avareza de feitio humano!

D'esta legião de logistas destacam-se as grandes casas exportadoras, duas das quaes pertencem ás opulentas firmas de Marselha, Regis, e Fabre, ambas respeitaveis, millionarias, antiquissimas na provincia, por cujos portos espalharam succursaes, e as chamadas *Casa hollandesa* e *Casa allemã*, tambem sizudas e poderosas. Estas occupam-se especialmente de comprar os productos da provincia, as sementes oleaginosas, e exportal-as para Marselha, Hamburgo, e Rotterdam, e só accessoriamente, e em algumas das succursaes, vendem por miudo artigos de importação. Houve tempo em que estiveram quasi sós em campo; serviam-lhes os asiaticos de intermediarios junto dos indigenas. Vendiam-lhes ou fiavam-lhes fazendas com que elles, internando-se no matto adquiriam as producções indigenas, que depois compravam ou recebiam em pagamento. Mas os tempos mudaram. Os indios, que d'antes não exportavam nem importavam commummente, cobraram alento e capitaes para se empregarem n'essas operações, e hojenão só estão emancipados das casas europeas, senão que competem com ellas. Mais ainda. Tendo-se desenvolvido as industrias na India, e especialmente as industrias textis, a ponto de suplantarem em barateza e em acabamento os da propria Inglaterra, os seus artefactos asoerberaram os mercados de Moçambique, e toda a importação de tecidos, a mais avultada, cahiu por completo nas mãos dos baneanes e dos mouros. Os proprios agentes e representantes de firmas estabelecidas em centros industriaes da Europa vão geralmente comprar aos *monhés* os algodões de que precisam para as permutações com os indigenas.

(Continúa).





TRAGICA  
HISTORIA  
DE UM CSAR

*Das diversas paginas mysteriosas da historia que aqui teem sido transcriptas, nenhuma offerece talvez tanto interesse, pela extranheza dramatica do caso, como a narrativa que segue: onde se faz rapida memoria do advento ao throno da Russia, d'um aventureiro sympathico, cujo destino tragico commove, e cujo exito ephemero parece ser devido á poderosa influencia da Companhia de Jesus.*

NA RUSSIA, no anno de 1591, por altas horas da noite, o embaixador da rainha Elisabeth de Inglaterra, sir Jeronimo Horsey, foi despertado do seu somno por fortes pancadas no lado exterior do portão da sua casa.

Pensando que a sua ultima hora estaria chegada, pois elle sabia bem qual o estado agitado e perigoso da sociedade moscovita desde a morte de Ivan o terrivel, o embaixador chamou os seus criados que o rodearam em numero de quinze e todos se muniram de pistolas e outras armas. Depois d'isto, e só depois, aventurou-se a sahir ao pateo que n'aquelle tempo circumdava todas as moradias moscovitas e approximou-se do portão.

Uma voz do outro lado chamou-o fallando em russo, voz de homem como tomado de pavor.

— Oh! meu bom amigo! — sir Jeronimo, deixe-me fallar comsigo!

O inglez avançou para muito perto da porta, cautelosamente abriu o postigo de vigilancia e reconheceu á luz do luar, em pé do lado de fóra, um nobre boiardo, Athanasius Nagoy, irmão da csarina Maria, a viuva de Ivan.

— O csarino Demetrius morreu! continuou na mesma voz de horror o visitador da meia noite.

Demetrius era seu sobrinho, e irmão mais novo do novo csar.

— Foi degolado, pelas seis horas, pelos diaks; um dos seus pagens confessou na tortura, que por incitação de Boris; a csarina está envenenada e ás portas da morte; os seus cabellos, as unhas e a pelle estão-se-

lhe desfazendo. Ajude-me, meu amigo! E por amor de Deus dê-me algum remedio bom!

Entre os ignorantes moscovitas d'aquelle tempo, o inglez gosava da reputação de ter conhecimentos medicos como ainda até hoje teem entre os tartaros e os arabes. Logo que o embaixador percebeu qual era o pedido, correu a casa, e arranhou um pequeno frasco de balsamo do que lhe déra a propria rainha Elisabeth, e uma caixa cheia de um preparado conhecido pelo nome de triaga de Veneza.

— Aqui está o que tenho. Peço a Deus que lhe faça bem — disse.

E, ainda contrariado por ter de abrir o portão, diligenciou passar os remedios ao irmão da csarina por cima do muro do pateo.

Depois de os ter recebido, o preocupado boiardo seguiu precipitadamente pela noite, em quanto que Horsey voltava para dentro para assentar o memoravel accidente no seu diario, n'aquelle bello inglez que ainda hoje póde ser lido pelos curiosos no manuscripto conservado no *British Museum*.

Taes foram as primeiras noticias que chegaram a Moscow d'aquelle mysterioso acontecimento que ficou um enigma para a posteridade. A tragedia tinha succedido na cidade de Uglitch n'um logar remoto, a cem milhas de distancia. Por que meios chegara a noticia a Athanasius Nagoy? Que verdade haveria na horrivel e concisa narrativa que trouxera á meia noite ao enviado de Elisabeth? A resposta a esta pergunta talvez podesse ser fornecida por uma commissão de

inquerito, mandada áquella cidade pelo proprio Boris, a quem o tio de Demetrius denunciára como instigador do crime.

A negra figura de Boris Godunov ergue-se na historia da Russia com a mesma funesta proeminencia da do conde Godwin na historia de Inglaterra: semelhante ao conde Saxonio, Boris era sogro do piedoso e fraco csar que cingia então a corôa. Similhante áquelle, monopolisara todo o poder do Estado, que elle governava com a autoridade de um regente. Como Godwin, era tambem um habil estadista e defensor do seu paiz contra os estrangeiros, ou dos temidos tartaros ou dos destestados polacos. Mas egualmente como elle era accusado de horrendos crimes, movidos, como então se pensava, por uma desmedida ambição que tinha a mira no throno.

A raça dos antigos csars de sangue de Rurik hia desapparecendo. Os seus ultimos representantes eram o joven csar Feodoro e seu meio irmão de dez annos, Demetrius. A mãe de Demetrius tinha sido a setima mulher de Ivan, e a igreja orthodoxa não permittia mais de quatro casamentos. Sobre este ponto de vista, Boris diligenciara fazer considerar o pequeno csarino como illegitimo; mas os moscovitas amavam a dynastia real tanto quanto odiavam Boris, portanto este projecto falhou. Depois correram boatos, denunciando o pequeno principe como um monstro de crueldade, e declarando que elle soffria de epilepsia. Estes boatos ainda assim não poderam abalar a cega idolatria popular que não tinha sido apagada pelas atrocidades do *terrivel* Ivan.

O maximo que Boris poude conseguir foi mandar o moço csar com sua mãe para a pequena e isolada cidade de Uglitch. O seu exilio n'aquelle sitio foi partilhado por dois irmãos da viuva csarina, Miguel e André Nagoy. Boris tinha um agente em Uglitch, um tal Bitiagofski que era empregado como thesoureiro da casa do pequeno csar. Este homem e os seus auxiliares eram os *diaks*, aos quaes se referira Athanasius Nagoy e nenhuma estima os prendia aos criados do palacio. Era esta a situação quando succederam os casos que se vão agora descrever.

Um palacio moscovita n'aquelle tempo apresentava uma grande similhaça ao primitivo grupo de cabanas, rodeadas de baluartes grosseiros, que formaram a morada de Attila e que ainda hoje formam as habitações do *khan* asiatico. Similhante ao celebre Kremlin de Moscow, consistia, não de um unico e immenso edificio, mas de numerosas construcções separadas e destinadas a salas de

reunião, quartos de dormir, cosinhas, cavalariças, tudo situado dentro d'um espaçoso recinto rodeado de muralhas de tijolo ou de pedra. Em similhante pateo era facil perder-se de vista uma creança em qualquer recanto das construcções; e egualmente facil para o ladrão ou para o assassino entrar por qualquer lado despercebido.

N'este pateo do palacio de Uglitch, o pequeno Demetrius brincava n'uma tarde de maio com mais quatro rapazes. Era justamente a hora depois da refeição do meio dia; tanto que seu tio, Miguel Nagoy, estava ainda dentro de casa á mesa, bebendo. A csarina tinha ido para os seus quartos, deixando uma governante e duas criadas a cuidar no principe.

Demetrius, tinha nas mãos um pequeno punhal e divertia-se a enterrar-o no chão. Os seus quatro companheiros de folguedo estavam perto d'elle. Havia portanto ao todo sete pessoas para lhe observar os movimentos. Comtudo houve um instante em que o herdeiro do throno da Russia desapparecera da vista de todos.

Quanto tempo durou esta ausencia e o que succedeu durante ella nunca se explicou. Mas as trez mulheres declararam depois que, quando o viram em seguida, estava deitado no chão com uma ferida na garganta e morto.

Alarmada pelos gritos d'ellas, a csarina correu precipitadamente para o local e ao vel-o exclamou que seu filho fôra assassinado. Louca de pezar, a infeliz mãe pegou d'um pau e bateu na governante, accusando-a de dar entrada na côrte aos assassinos. Na mesma occasião denunciou Bitiagofski como auctor do attentado. Chamou pelo irmão Miguel que appareceu acompanhado dos que o rodeavam. Começou de tocar a rebate o sino da igreja vizinha e os habitantes de Uglitch vieram em multidão ao logar da scena.

Entre os chegados, estavam Bitiagofski e seu filho. Com suspeitosa presença de espirito o agente de Boris esforçou-se por serenar o tumulto, e começou de explicar em altas vozes que a creança tinha cahido sobre o punhal ou faca n'um ataque epileptico e que se matára involuntariamente.

Mal a enraivecida csarina lhe ouviu a voz, voltou-se para elle e exclamou: — Eil-o, ahi está o assassino! — As suas palavras foram o signal do massacre. Bitiagofski e seu filho foram levados de rastos para um dos edificios do palacio, e mortos no mesmo instante. Depois seguiu-se uma horrivel caçada a homens, na qual, todos que tinham ligação com o odiado diak, foram perseguidos pelas ruas da cidade e mortos. O corpo da creança foi conduzido para a igreja e uma victima foi levada atraz d'elle e offerecida em sacrificio.

O massacre só terminou, quando o clero interferiu, diligenciando salvar algumas mulheres, que a populaça ainda não tinha despeçado.

Tal foi a narrativa official da tragedia, incluída no inquerito dos commissarios imperiaes, a qual, extorquida ou fabricada por elles, continuou a tomar-se por verdadeira. Conforme esta fonte de informação, parece que Miguel Nagoy, convencido tarde de que não havia provas contra Bitiagofski offercera ao official de justiça de Uglitch valiosa peita para collocar um punhal tartaro ao lado do corpo do homem assassinado. Parece que a csarina tambem abandonara as suspeitas contra os agentes de Boris. Denunciou depois duas outras victimas, a ultima das quaes accusou de ter enfeitado o filho, levando-o portanto a matar-se; e expressou remorsos em ter tido parte na execução summaria de Bitiagofski.

Foi notavel a sentença passada por Boris em nome do csar. A csarina viuva foi convidada a retirar-se para um convento. Os Nagoyes simplesmente prohibidos de entrarem em Moscow. Mas todo o pezo da vingança recahiu sobre os agentes inferiores do massacre. Duzentos cidadãos de Uglitch foram executados. Muitos mais tiveram as linguas cortadas, ou encerrados em carceres. O resto dos habitantes da cidade foram exilados para a Siberia, e a mesma sentença foi pronunciada contra o sino que deu o signal para o morticínio.

Tanto quanto a versão d'este extranho acontecimento pode exonerar Boris da suspeita de ter instigado o assassinio de Demetrius, foi empregado em sua justificação. A theoria de uma morte accidental, da qual os Nagoyes se apoderassem, como pretexto, para vingar o seu odio pessoal sobre o innocente Bitiagofski, foi logicamente deduzida da narrativa dos commissarios. Mas aquella explicação não convenceu o espirito popular da Russia e nunca foi aceita como verdadeira pelos historiadores.

Tentando desenredar a verdade da falsidade n'esta narrativa, começa-se logo com o duvidoso factó do massacre do agente de Boris pela populaça de Uglitch. Aquelle massacre era por si só a mais grave accusação contra Boris. Deve notar-se que o verdadeiro fim do chamado inquerito era rebater qualquer accusação, demonstrando a innocencia de Bitiagofski. A prova d'isto está na propria sentença, onde aquelles, que podiam realmente ser responsaveis pela morte de Bitiagofski, foram apresentados, negando as suas sus-

peitas, para escapar ás penas correlativas. Não podendo por forma alguma fazer calar a populaça de uma cidade, foi portanto transportada para além das montanhas Uraes, por cima das quaes nenhum som podesse vir revelar a verdade do que houvesse succedido n'aquella tarde em Uglitch. A evidente falsidade da narrativa deduz-se ainda do suicidio de Demetrius. A idéa de que uma creança de dez annos se podesse suicidar ou morrer por cahir sobre uma pequena faca, envolve varias impossibilidades praticas. E' praticamente impossivel para qualquer morrer de repente por cortar accidentalmente o pescoço. Mesmo em casos de suicidio deliberado, a victima não acaba subito e padece por algum tempo; em outras palavras sangra para morrer. Aqui o depoimento da governante diz que tinha apenas por segundos tirado os olhos da creança quando a viu depois morta no chão.

E' desnecessario insistir nas outras improbabilidades do caso e nas varias contradicções entre o succedido e a primeira noticia chegada ao irmão da csarina em Mascow na noite em que elle batera á porta da moradia do embaixador inglez. O ponto que se oppõe abertamente á supposta evidencia da inquirição, é aquelle em que toda a testemunha,



*Louca de pesar, a infeliz mãe pegou d'um pau...*

que podia derramar alguma luz, foi constrangida ao silencio e exilada. Ou o tempo, durante o qual o joven csarino esteve longe

das vistas dos seus guardas, foi mais longo do que se tem admittido; ou o corpo encontrado morto no pateo do palacio e depois enterrado no Kremlin de Moscow não foi o de Demetrius Ivanovitch.

Ver-se-ha agora como o destino imprimiu novo aspecto a estes factos.

Passaram-se dez annos. O csar Feodoro falleceu muito novo — não sem o auxilio do seu ambicioso e muito poderoso sogro, dizem. Os moscovitas acharam-se sem um representante da linha real a quem podessem chamar para o throno. O *khan* dos tartaros ameaçava invadir do sul. O rei da Polonia, vindo do éste, preparava-se para se apoderar da corôa. Como os saxões, depois da morte de Eduardo, de Inglaterra, o povo russo voltou-se para quem lhe pareceu mais forte, e escolheu Boris Gudunov para seu csar.

Depois de certa hesitação, real ou fingida, Boris acceitou a corôa, mas semelhante ao filho usurpador de Godwin, estava convencido de que a nação não era verdadeiramente leal para com elle. Governava habilmente mas da memoria não se lhe apagava a lembrança dos crimes pelos quaes encurtara o caminho para o throno. Em breve se levantaria contra elle um d'esses crimes, embora acariciasse a crença de que estavam sepultos para sempre á curiosidade geral.

No anno de 1603, depois de Boris ter reinado durante cinco annos, levantou-se e correu um assombroso boato, illuminando como um relampago toda a superficie da Russia. O csarevitch não morrera e resurgia das scenas meio esquecidas do mysterioso massacre de Uglitch. Tinha sido reconhecido na provincia de Volynia, estudando latim n'um mosteiro. Tinha sido visto a guerrear entre os cossacos, bandidos do sul. Passára uma noite n'um convento em Novgorod-Severski, disfarçado em monge e seguira, não se sabia para onde, no dia seguinte, deixando um papel na sua cella, no qual declarava a sua origem e promettia voltar alli a recompensar o archimandrita do convento pela sua bondosa hospitalidade. Finalmente declarara a um nobre polaco em casa de quem estava então servindo, que se preparava para entrar na Russia e reclamar pelas armas a sua legitima herança.

O logar em que primeiro se tornou visivel este extraordinario personagem, foi em Bragin, na fronteira da Polonia. Um polaco nobre, o principe Adam Wisniowiecki era servido no seu banho por um rapaz, que elle tomára para a sua casa pouco tempo antes. O principe mandara-o buscar qualquer objecto de que precisava; o rapaz voltou

sem este. Zangado pela falta de attenção ao serviço de seu amo, Wisniowiecki deu-lhe um sopapo, chamando-lhe qualquer nome desprezível. Com lagrimas nos olhos o rapaz queixou-se amargamente, dizendo:

— Ah! principe Adam, se soubesse quem o está servindo não me tratava assim!

— E quem és então, e d'onde vens? perguntou admirado o principe.

— Eu sou o csarino Demetrius, filho de Ivan Vassilievitch.

Tal foi a resposta.

Demetrius, se realmente o era, começou de contar a sua historia extraordinaria. Conforme essa narrativa, o que succedera em Uglitch fora o seguinte. Um medico vallaico, chamado Simon, ao serviço do pequeno csarino, tinha estado secretamente relacionado com os agentes de Boris, que o haviam peitado — para entrar n'uma conspiração contra a vida de Demetrius. Receoso de recusar, e reconhecendo que esta recusa não o livraria de ser mais tarde accusado de haver commettido o crime, Simon acceitou os offercimentos que lhe fizeram.

Foi fixada uma certa noite para o assassinio, mas n'aquella noite o fiel medico substituiu o principe por uma creança escrava. O pescoço da creança foi cortado pelos assassinos em quanto Simon fugiu secretamente de Uglitch com o verdadeiro Demetrius, que ficou desde então livre das perseguições de Boris, umas vezes vivendo em mosteiros, outras entre as tribus de cossacos. O fiel medico morrera, mas como prova do seu conto, o mancebo apresentava um sinete russo, onde estavam gravados o nome e as armas de Demetrius, e uma cruz de ouro encastoadada de magnificas pedras, presente de seu padrinho o principe Ivan Mstislavski.

E' preciso observar-se que esta versão dos acontecimentos em Uglitch, differe tanto da official como da primeira que chegou aos ouvidos de Athanasius Nagoy. Mas deve dizer-se que o relatorio dos commissarios de Boris nunca se tornara publico. Permanecia occulto nos archivos em Moscow, e os mais bem informados contemporaneos, que acreditaram na morte do pequeno csarino, julgaram que ella tinha sido de noite.

A semelhança entre o pequeno Demetrius e o mancebo era completa, tanto quanto podia ser restabelecida. Tanto o Demetrius crescido como o pequeno, tinha um braço mais comprido do que o outro, e duas verrugas bem visiveis e caracteristicas na face. Na figura parecia-se com Ivan, o terrivel, e a sua physionomia era trigueira como a da csarina Maria.

Não eram necessarias tantas provas para

convencer Wisniowiecki. Deixando o seu ex-criado no quarto de banho, apressou-se em ir procurar a mulher, ordenando-lhe que preparasse um banquete para o csar de Moscow, que estava proximo a chegar como convidado. Depois escolheu os mais esplendidos vestuarios do seu guarda-roupa e as mais bellas armas da sua armaria e voltou para o quarto de banho seguido de bastantes criados. Comprimentando Demetrius como csar, ajudou-o com suas proprias mãos a mudar os humildes trajos de servo pelos fatos de um principe, e depois acompanhando-o, apresentou-o á gente de casa como filho de Ivan e verdadeiro soberano da Russia.

Durante os mezes seguintes não se fallou na Polonia senão na maravilhosa appareição de Demetrius. Descobriam-se diariamente novas provas de identidade, e a sua causa foi reforçada por novos e poderosos adherentes. O principe Adam, seu primeiro protector, levou-o para o castello de seu irmão Constantino Wisniowiecki, onde aconteceu estar alli um criado russo que declarou ter servido antigamente em casa do joven csarino, e reconheceu todos os signaes de identidade entre aquelle e o pretendente. Os polacos nobres vinham de longe e de perto em multidão vêr o csar fugitivo, que conquistou todas as sympathias pelas suas maneiras nobres e graciosas, a sua bella sciencia de equitação, os seus conhecimentos da lingua polaca, que fallava tão bem como a russa e, finalmente pelo seu respeito pelas instituições polacas, e em particular pela igreja catholica romana.

Emquanto Demetrius estava fazendo esta impressão favoravel na Polonia, um monge russo da igreja orthodoxa, chamado Gregorio Otrepiev, ia pelas aldéas cossacas annunciando a chegada do legitimo csar, e excitando-os contra o odiado intruso. Boris, que a principio considerára Demetrius como um simples aventureiro audacioso, começou de ficar sériamente inquieto. Mandou offerecer dinheiro e estados aos dois Wisniowieckis se elles lhe entregassem ás mãos o impostor. Os altivos polacos nem sequer se dignaram responder a semelhante pedido. Mas Constantino receioso de que o seu hospede estivesse tão perto da fronteira, mudou-o para a residencia de seu sogro, o palatino Mniszek que então governava o districto de Sandomir com todo o poder feudal.

Alli, foi Demetrius reconhecido outra vez por um velho soldado polaco, que tinha sido em tempos feito prisioneiro. Este veio dizer que durante o seu captiveiro tinha sido mandado a Uglitch, onde vira muitas vezes o

pequeno Demetrius. Elle tambem testemunhou a identidade do recém-vindo com o joven csar.

O palatino de Sandomir não fez difficul-



*Ajudou-o com as proprias mãos a mudar de vestuario...*

dade alguma em reconhecer o seu hospede como o csar de Moscovia. Demetrius mostrou-lhe as cartas que recebera do monge Otrepiev, nas quaes se declarava que as tribus cossacas estavam amadurecendo uma revolta. Mniszek convencionou associar os seus bens á tentativa do pretendente e levantar um exercito de polacos. Em troca ficou secretamente combinado que, tão depressa Demetrius se achasse senhor do throno moscovita, casaria com a formosa filha do palatino, Marina, e daria ao sogro a provincia de Smolensk, além de lhe pagar um milhão de florins.

Tornava-se, porém, urgente e necessario obter o assentimento do rei da Polonia, Segismundo III. Segismundo movia-se pela influencia do nunciô do Papa, e houve então uma negociação secreta entre o nuncio e Demetrius por intervenção de alguns jesuitas de Sandomir.

Era sabido que qualquer profissão manifesta da fé catholica seria fatal ás esperanças de Demetrius, sendo os russos tão fundamentalmente dedicados á sua propria igreja, e de-

testando tanto as crenças do occidente que as confundiam continuamente, até no nome que lhe davam de heresia do Luthero Romano. Mas o pretendente deu secretamente a sua adhesão á igreja catholica, e jurou a si proprio que, uma vez coroado em Moscow, havia de fazer todo o possivel para trazer os moscovitas ao gremio da fé romana. Isto foi bastante para o nuncio.

Havia porém, ainda muitos polacos de elevada categoria que recusavam acreditar na historia de Demetrius. Para os vencer, recorreu-se ao extraordinario estratagemas de fazer crêr que o pretendente era realmente um filho natural do grande rei polaco, Estevam Bathori; assim, milhares d'esses que nunca o supportariam como filho de Ivan o Terrivel, de boa vontade cederam á idéa de collocar um principe polaco no throno da Russia.

Seguiu-se a publica recepção de Demetrius pelo rei Segismundo. O rei polaco, no throno, a mão sobre uma mesa, rodeado pela sua nobreza, esperou que o nuncio conduzisse Demetrius que, avançando comovido e tremulo, de cabeça descoberta, beijou a mão que Segismundo lhe offerencia. Depois, em eloquente linguagem, o mancebo relatou a historia da sua vida, a milagrosa fuga e a subsequente vida errante. Concluiu fazendo appello á protecção do rei e ao seu auxilio para recuperar a corôa dos seus maiores.

Segismundo ouviu-o em silencio e fez-lhe menção de se retirar, enquanto o seu pedido ia ser meditado em conselho. Um camarista conduziu-o para uma sala proxima, onde esperou no meio de uma multidão de cortezãos pela resposta que ia decidir do seu destino. Pouco depois entrava o nuncio, que o levou pela mão novamente á presença do rei polaco. D'esta vez Demetrius ficou silencioso, de cabeça curvada, as mãos encruzadas sobre o peito em attitude supplicante, enquanto Segismundo se lhe dirigia:

—«Deus vos salve, a vós, Demetrius, principe da Moscovia! E'-nos conhecido o vosso nascimento por evidentes e fidedignas testemunhas; nós vos mantemos uma pensão de quarenta mil florins, e, como nosso amigo e hospede, vos permittimos aceitar a direcção e serviços dos vossos vassallos.»

O mancebo que mezes antes tinha sido um humilde criado em casa de Adam Wisniewiecki, e que n'aquelle momento era publicamente saudado por um grande rei, como herdeiro da Russia, ficou mudo e subjugado pela emoção. Pude apenas fazer uma profunda reverencia e retirar-se, deixando Segismundo vagamente descontente d'esta entrevista. Talvez o monarcha polaco tivesse

já o presentimento de que este humilde supplicante não provaria ser tão docil como o suppunha o nuncio de Sua Santidade.

A cerimonia do reconhecimento publico de Demetrius na côrte de Polonia foi uma ameaça que o czar Boris não podia desprezar por mais tempo. Mandou a Cracovia um embaixador, para fazer uma representação persuasiva a Segismundo e para pedir a extradicação do chamado principe de Moscovia.

Entretanto Boris reconheceu que não era bastante denunciar Demetrius como impostor. Se não era o filho de Ivan, era necessario explicar quem e o que realmente era. Segundo as instrucções recebidas, o embaixador do czar declarou que o pretendente era realmente aquelle mesmo Gregorio Otrepiev que estivera, representando como seu arauto, entre os cossacos. Foi fixado o apparecimento d'este tal Gregorio pelo anno de 1603. Era um monge expulso da ordem, de costumes dissolutos e ebrio, tendo passado a vida a percorrer os mosteiros russos. N'aquelle anno declarou-se que elle atravessára a fronteira até Lithuania, e induzira um padre polaco, por uma fingida confissão, a escrever ao seu rei, annunciando ser elle o perdido czarvitch.

Tal foi a situação arranjada contra Demetrius para defeza do czar. Foi corroborada por solemne excommunhão pelo patriarcha de Moscow, na qual o pretendente era indicado pelo nome de frei Gregorio, como um apostata, um rebelde e um magico, convicto de ter tentado introduzir a heresia latina na Russia, levantando igrejas catholicas no solo orthodoxo. Um tio de Gregorio Smirnoy Otrepiev, que bastante curiosamente conquistára a amisade e confiança de Boris, foi ao mesmo tempo para Cracovia, afim de confirmar a narrativa e reclamar seu sobrinho fugitivo.

Esta explicação não teve entre os contemporaneos de Demetrius tanto exito como o alcançado desde então entre os historiadores russos. Pergunta-se como este bebado monge russo adquirira o cavalleiroso porte, a habilidade na equitação e o conhecimento da lingua polaca que distinguia Demetrius. A historia da fingida confissão ao abbade polaco foi puramente uma invenção. Outra mais forte objecção para os russos d'aquelle tempo foi o favor e protecção concedidos aos outros Otrepievs. Se Boris realmente acreditasse que este monge era o Demetrius, certamente que os membros da sua familia não alcançariam taes favores.

Ainda estava, porém, para apparecer refutação mais decisiva.

O czar não conseguiu apesar dos seus esforços tolher o caminho ao seu inimigo que

promptamente reuniu tropas mixtas de polacos e de cossacos, com as quaes entrou na Moscovia e penetrou até a cidade de Putivl. Todas as cidades, na sua passagem, lhe abriram as portas sem resistencia. Foi em Putivl porém que a historia de Gregorio Otrepiev recebeu o ultimo golpe pela apparição em scena d'aquelle proprio heroe. Tendo em grande conta os seus serviços, felicitou Demetrius com insolente familiaridade, mas o pseudo-csarevitch pol-o immediatamente no seu logar. Pouco depois mandava-o retirar, e o monge em breve recahiu na obscuridade.

Boris começou então de tremer pelo seu throno e pela vida. Os seus crimes voltavam a resurgir em vinganças ameaçadoras. Levantou numerosos exercitos; mandou-os contra o invasor, mas os seus generaes eram-lhe desleaes e deliberadamente arrastavam a guerra. Notava-se que o csar tinha perdido a antiga energia, apenas podia andar, e tinha a apparencia de um homem perdido. Mandou secretamente uma grande parte dos seus thesouros para Astrakhan como preparativos de fuga para a Persia.

Como ultimo esforço contra o pretendente, procurou influir no animo da viuva csarina Maria, no convento onde ella ficára sempre desde os mysteriosos acontecimentos de Uglitch, e teve com ella uma longa conferencia na presença do patriarcha de Moscow. O que se passou n'essa conferencia nunca foi revelado; porém, depois d'ella, a mãe de Demetrius foi mais estrictamente vigiada do que era d'antes. Deduz-se sem duvida pelo que se seguiu que Boris tentára arrancar-lhe a declaração da morte do filho, e não conseguira.

Comquanto os grandes boiardos se mostrassem indifferentes em resistir ao pretendente, e o povo estivesse disposto a acreditar n'elle, havia na Russia um poder que se apresentava firmemente hostile. Esse poder era a igreja. Apesar do profundo segredo em que jaziam os compromissos de Demetrius com referencia á igreja romana, o clero orthodoxo farejava perigo n'um principe vindo da Polonia e sustentado pelas armas polacas. Sabia-se que era acompanhado de dois padres jesuitas, que diziam missa para as tropas; e que havia permitido que se dessem tiros em honra d'estes ritos scismaticos. Despertada uma vez esta desconfiança, estava destinada a ter fataes consequencias no decorrer do tempo.

Emquanto a causa do pretendente continuava duvidosa, deu-se um d'estes acontecimentos em que os espiritos supersticiosos

viram immediatamente o castigo de Deus. Levantando-se o csar Boris, um dia, da meza no palacio do Kremlin, começou a deitar sangue pelo nariz e pela bocca e expirou instantaneamente. Este fim dramatico, que apresenta mais outra vez extraordinario confronto com o conde Godwin, foi aceite como aviso de Deus pronunciando-se a favor de Demetrius. O patriarcha de Moscow e alguns boiardos conseguiram coroar o joven filho de Boris: mas o seu reinado foi muito curto. Basmanoff, o mais bravo e o mais leal dos generaes de Boris, induziu o exercito a declarar-se pelo filho de Ivan. Seguiu-se um tumulto, o Kremlin foi invadido pelo povo, e a familia de Boris internada na prisão, em que, pouco tempo depois, o novo coroado csar e sua mãe foram estrangulados.

Durante este tumulto, deu-se um notavel incidente. O presidente da commissão que fora encarregada de investigar dos casos de Uglitch era um grande boiardo, chamado Shinski, figura sinistra na historia do tempo.



...as mãos cruzadas sobre o peito em attitude supplicante...

Este homem foi tambem chamado pelos moscovitas, no meio da excitação, para declarar se o pequeno Demetrius tinha sido realmente morto. Shinski, sem a menor hesitação, affir-

mou que o cadaver que lhe fôra mostrado não era o do csarevitch, mas sim o d'um filho de um padre. E' inutil acrescentar que este depoimento provou a falsidade da narrativa que o proprio Shinski em tempo apresentára sob as ordens de Boris..

Faltava só agora a Demetrius tomar posse do throno. Porém antes de entrar em Moscow tinha de cumprir um acto de justiça ou de vingança. O patriarcha que o excommungara e o denunciara como o apostata monge Gregorio, e fizera coroar o filho de Boris, retratou-se e fez juramento de fidelidade, desde que viu victoriosa a causa de Demetrius. Mas o novo csar, generoso em perdoar a todos os outros inimigos, não mostrou compaixão para com o padre orthodoxo. Ordenou que fosse preso no altar-mór, despojado das vestes patriarchaes e rebaixado á posição de monge. A destituição foi logo seguida de nomeação de um novo patriarcha na pessoa de Ignacio, bispo de Riazan.

Ignacio não era moscovita; era grego cypriota por nascimento. Expulso da ilha de Chypre no tempo da conquista pelos turcos, refugiou-se em Roma, onde passou alguns annos em termos aparentemente amigaveis com a santa Sé. Vindo para a Russia no reinado de Feodoro, e ganhando a sympathia do csar pela narrativa dos seus soffrimentos, obtivera o bispado de Riazan.

Póde bem imaginar-se com que disposição o clero russo, já desconfiado do novo csar, se achou collocado debaixo das ordens de um estrangeiro que era suspeito de ter entrado na communhão catholica durante a sua residencia em Roma. Esta medida de mau presagio foi attribuida ás insinuações dos dois padrès jesuitas que acompanharam Demetrius da Polonia, e que se dizia lhe davam conselhos secretos.

No mez de junho, de 1605, Demetrius entrou na capital á frente das suas tropas. O seu primeiro acto foi dirigir-se á cathedral, onde houve officio solemne. O segundo foi de visitar o tumulo de Ivan o Terrivel, na igreja de Michael Archanjel. Cahiu de joelhos, beijou o tumulo chorando e exclamou:—Oh! meu pae, o teu filho orphão reina, e deve-o á tua celestial intervenção! Os espectadores commoveram-se em movimento de sympathia e murmuraram uns para os outros,—Realmente este é o filho do terrivel csar!

Uma cousa só faltava para confirmar o titulo de Demetrius. Reparava-se que elle tão prompto em testemunhar o seu respeito á memoria do pae deixasse passar um mez inteiro sem procurar a presença da mãe. E' verdade que os Nagoyes consideraram-o como sobrinho, e tinham tomado posição na côrte

correspondente ao seu parentesco. Mas o povo murmurava sobre o abandono da csarina viuva cujos soffrimentos e character religioso se impunham ao seu respeito.

O csar então arranjou satisfazer o desejo do povo. Convidou a csarina a deixar o convento e a ir para Moscow, e o proprio Demetrius foi ao encontro d'ella, seguido de numeroso sequito avido de vêr com os proprios olhos o encontro entre os dois e de se convencer da realidade da união entre elles.

A certa distancia no caminho foi levantada uma magnifica tenda. O csar entrou n'ella sózinho e a csarina á sua chegada foi conduzida até o interior onde os deixaram juntos. Houve suspensão d'alguns momentos, e depois no meio do mais frenetico entusiasmo correram-se as cortinas da tenda e viram-se a mãe e o filho unidos em terno abraço. A multidão dava expansão ao seu jubilo com gritos de alegria e desde essa occasião cessaram todas as duvidas. A csarina tornou a entrar na carruagem e seu filho, novamente reconhecido continuou a andar respeitosa-mente ao lado d'ella até que chegaram ao Kremlin, onde ella foi alojar-se no convento indicado para sua residencia, enquanto se não construia um novo que a piedade do csar ordenára se levantasse em sua honra.

Desde esse momento todos os privilegios e todas as rendas da czarina lhe foram restituídas. O seu nome, segundo a antiga regra na Russia, apparecia em qualquer decreto, e o seu filho visitava-a diariamente e consultava-a nos negocios do estado.

Poucos dias depois d'este acontecimento, Demetrius foi coroado com toda a solemnidade conforme o antigo cerimonial dos czars da Moscovia. Tanto quanto a vista humana podia abranger, via-se o csar firmemente sentado no throno, o seu nascimento fôra de toda a duvida, e os seus direitos reconhecidos pela nação inteira. Comtudo havia ainda um partido forte que secretamente não acreditava ser elle o filho do seu antigo csar e de olhar invejoso vigiava o mais insignificante signal para se confirmar na suspeita.

Encontravam-se os inimigos do novo csar, principalmente entre os grandes da nobreza moscovita. Aceitaram-o como chefe, em parte, porque estimavam uma mudança no novo governo de Boris Godunov, e em parte porque temiam o povo. Mas bem depressa se arrependeram da condescendencia, e logo principiam de procurar a opporrtunidade de se libertar d'este desconhecido que se assenhoreara do poder. A' frente da facção descontente estava Shinski, aquelle mesmo que alternadamente testemunhára que Demetrius estava morto, e que ainda vivia.

O novo csar breve lhes deu motivo para conspirarem. Observara-se que elle mostrava extranha indifferença pelos antigos costumes moscovitas, e preferencia pelos da Polonia. Modelou a sua côrte pela do rei Segismundo. Empregou como secretario de confiança um polaco. Fallava constantemente a lingua polaca e dizia-se que a fallava melhor do que a russa. Quebrou quasi completamente a etiqueta chinesa dos antigos csars, andando livremente entre os seus subditos. Depois, como Pedro o Grande dispoz-se a introduzir na Russia a civilização do occidente, e francamente censurava os seus nobres boiardos do seu barbarismo e ignorancia.

Isto tudo não lhe teria sido fatal, se não ultrajasse ao mesmo tempo os preconceitos religiosos d'elles. Guardára-se profundo segredo da sua união com Roma, mas por numerosas indicações fez levantar involuntaria suspeita de que não era adepto verdadeiro da igreja orthodoxa. Serviam-se á sua meza comidas que a igreja grega prohibia; fallando com os bispos, empregava algumas vezes as phrases de *vossa religião* ou de *vossa igreja*. Escandalisára toda a cidade de Moscow, concedendo licença aos jesuitas de construir uma igreja dentro do sagrado precinto do Kremlin. Lançou impostos sobre o clero. Que pensariam ainda os seus subditos, se tivessem conhecimento da sua activa correspondencia com o Papa e de que o nuncio papal, da Polonia, lhe recordava a promessa de trazer a Russia á communhão latina?

Todavia, para reparar até certo ponto, as suas inclinações pela Polonia, levantou uma questão com o rei Segismundo, sobre o seu direito ao titulo de imperador, que Segismundo lhe recusára dar. No decorrer da discussão o rei polaco fez uso de uma ameaça bem notavel. Mandou dizer a Demetrius que Boris Godunov ainda estava vivo, tendo-se refugiado em Inglaterra, e que elle, Segismundo, podia irritado restituil-o ao throno. Não é difficil vêr n'esta missiva o mais pro-

vocante dos sarcasmos. Queria isto dizer ao supposto imperador que a sua resurreição fôra uma astucia de que se sahira bem uma vez, mas que podia ser ainda desfeita.

Idéa semelhante occorreu pelo mesmo tempo a um impostor do sul da Russia, que levantou reclamação, dizendo-se filho do csar Feodoro, irmão mais velho de Demetrius. Demetrius tratou o pretendente com muita mais intelligencia de que mostrara Boris para com elle. Escreveu-lhe convidando-o a vir a Moscow:— «se a sua historia é falsa, será executado; se é verdadeira, trat-o-hei como o filho de meu irmão». Esta carta destruiu a pretensão.

Durante todo este tempo, o csar não se havia esquecido da donzella a quem tinha jurado fidelidade quando era ainda simples aventureiro na Polonia — a formosa Marina. Tinha posto de parte o Papa, com desculpas plausiveis, quasi tinha quebrado com o rei Segismundo, mas o seu coração conservara-se fiel á filha do palatino. Um dos seus primeiros actos, depois de se ter estabelecido em Moscow, foi mandar um embaixador á Polonia para a pedir em casamento e para lhe levar as mais escolhidas joias

do thesouro dos csars. De tempos a tempos, como os preparativos do enlace se tornassem morosos, o apaixonado e impaciente csar mandava novos mensageiros a solicitar que viesse.

Ha n'este doloroso e accidentado drama uma scena que prende a attenção e emociona:— a d'este homem tão novo — apenas vinte e trez annos — sentado n'um throno pouco firme, rodeado de espiões e de traidores, que o consideravam hereje e intruso prompto a affrontar a colera da nação inteira e o perigo de perder corôa e vida, por causa da mulher que amava. Finalmente o seu ardente desejo foi satisfeito. Em 12 de maio de



...foi visitar o tumulo...

1606, Marina entrou em Moscow, e com ella infelizmente a ruina e a desgraça.

Já tinha corrido o boato insidioso de que a escolha do czar, de uma noiva polaca, era o primeiro passo para effectuar a traição para com o paiz em favor dos polacos e de que os conspiradores lhe faziam cargo. Com effeito, o casamento d'um czar orthodoxo com uma polaca hereje, feria os preconceitos dos populares, assim como os puritanos inglezes se sentiram do casamento de Carlos I com Henriqueta Maria. A população accumulava-se nas ruas e conservava-se silenciosa, d'aspecto ameaçador, enquanto passava a csarina, escoltada por um corpo de quinhentos polacos armados.

Por desastrosa coincidência, dois embaixadores de Segismundo chegaram ao mesmo tempo, acompanhados de uma igual e numerosa comitiva. Pareceu á imaginação do povo sempre odiento e desconfiado que o exercito polaco estava levantando arraiaes em sua propria casa. Os polacos déram tambem motivo a despertar-se este sentimento popular pelo modo insolente de se apresentar e de proceder. Houve desordens nas ruas, á noite, provocadas pelo seu comportamento reprehensivel com as mulheres moscovitas. Na coroação de Marina, ostentaram o seu desacato pelo cerimonial grego, e encontrando a cathedral, como todas as igrejas gregas, sem assentos, imprudentemente se empoleiraram sobre os tumulos.

O estouvado noivo ainda accrescentou combustivel para o fogo, satisfazendo caprichos femininos. A czarina oppoz-se á cosinha russa e insistiu em ser servida por cosinheiros da Polonia, o que fez accordar a idéa de que ella queria, sem respeito, violar as regras da igreja orthodoxa, no capitulo da comida. O czar viu-se obrigado a annunciar que sua mulher havia de seguir a fé grega, mas o seu proceder era formal negativa a similhante affirmação. Ella desejou levar para a cerimonia da coroação uma *toilette* importada de Paris, em vez de vestir as sagradas vestes, immemorialmente usadas pelas czarinas de Moscow. Fôra apenas collocada a corôa na sua cabeça, e já avisos de proximo perigo principiavam de chegar a Demetrius, de todos os lados; e demagogos ousados abertamente apregoavam nas ruas que elle era um simples impostor.

Signaes e avisos foram egualmente desprezados pelo mancebo, deslumbrado pelo brilhantismo do seu proprio exito. Em 26 de maio, justamente quatorze dias depois da chegada de Marina, observou-se que numerosos soldados de um acampamento perto da cidade entravam em Moscow e se mistura-

vam com os habitantes da cidade. O expressivo symptoma passou desapercibido a Demetrius. A' noite, assistiu a um banquete onde se demorou até o alvorecer do dia.

Na volta para o palacio, quando atravessava uma varanda, encontrou alli escondido um conspirador. Nada suspeitando, o czar perguntou-lhe se tinha alguma missiva para elle. O homem deu umas desculpas quaesquer, incoherentes, e foi-se embora, sem ser detido. Dirigiu-se immediatamente á casa de Shinski, onde estavam reunidos os chefes da conspiração para lhes dizer que Demetrius regressára ao palacio. Decidiu-se o ataque immediato.

Shinski e os outros sahiram para a rua perfeitamente armados. Reunindo gente em redor, approximaram-se do Kremlin. Os guardas que tinham sido peitados de antemão, abriram as portas de par em par. Shinski conduziu os seus companheiros até a igreja da Assumpção, onde parou um momento para os exhortar á revolta: «Christãos orthodoxos! gritava, morte aos herejes!» O grito era repetido ferozmente por todos. No mesmo instante o grande sino do Kremlin tangeu agudamente pela madrugada, dando signal que foi repetido pelos tres mil sinos da Santa Moscow.

Ao primeiro tanger do sino, Demetrius saltou da cama em que se havia deitado apenas, e veio perguntar a rasão de similhante alarme. Recebeu a resposta de um irmão de Shinski, que aconteceu estar alli esperando, assegurando ao czar que era simplesmente por causa de um incendio. Depois correu a reunir-se aos conspiradores que já se approximavam.

Um minuto depois chegava aos ouvidos assustados de Demetrius o clamor e a grita de todos os sinos de Moscow e da multidão furiosa. Vestindo-se apressadamente mandou o seu fiel secretario Basmanof informar-se do que estava succedendo. A aparição de Basmanof nas escadas do palacio levantou um grito desesperado da população armada que estava fóra. «Abaixo o impostor!»

Era o signal de morte. Basmanof refugiou-se, chamando por todos os alabardeiros que formavam a guarda do palacio, mas que eram bem poucos para reagir contra a multidão. Os aggressores enxamearam pelas escadas e invadiram o quarto onde o joven czar os esperava, com Basmanof a seu lado. «Olá, czar de máu presagio, até que afinal estás acordado!» disse em ar de chofa o primeiro que entrou no quarto. Basmanof collocou-se de frente de seu amo, enquanto Demetrius armado com uma espada fugia para o terraço, para onde outros atacantes já tinham seguido caminho, e arrojou-se sobre elles, gritando:

— «Miseraveis, eu não tenho sido um Boris para convosco, não!»

Muitos dos conspiradores cahiram mortos, mas afinal Basmanof foi morto e o czar teve de recuar. Ao mesmo tempo os alabardeiros que estavam reunidos na entrada do palacio para a guardar foram rechaçados para dentro. Diligenciaram chegar até Demetrius e arrastaram-o para o interior do edificio sempre fogosamente perseguidos. A morte era certa pelas armas de fogo que os aggressores possuíam, enquanto que os soldados do czar não as tinham. Forçavam-se portas sobre portas e os fieis alabardeiros iam sendo impellidos até chegarem a ficar reduzidos á defeza do ultimo quarto. Então descobriu-se que o czar tinha desaparecido.

Ferido e ensanguentado, Demetrius corraera por toda a serie de quartos até chegar a uma janella que deitava para uns terrenos incultos nas trazeiras do palacio, no logar onde antigamente se levantava o palacio de Boris. A janella tinha a altura de trinta pés do chão, mas o homem perseguido deu um salto d'ahi para baixo. Com o salto quebrou uma perna e desmaiou pela dôr que soffrera. Antes que tivesse podido vir a si ou que podêsse ter fugido, um formigueiro de inimigos saltaram sobre elle, tomaram-o e trouxeram-o para fóra. Quando passou pelos seus fieis guardas, então já prisioneiros, acenou-lhes com a mão para lhes dizer um ultimo adeus.

Não foi morto immediatamente. Os que o capturaram brincaram com elle como um gato com o rato. Arrancaram-lhe as vestes imperiaes e envolveram-o na tunica d'um cozinheiro. «Vejam o czar de todas as Russias!» e escarneciam. «Está outra vez vestido com a roupa que lhe pertencia».

Um dos nobres boiardos, disse-lhe:

— Cão, dize-nos quem és e d'onde vens?

— Todos vós, respondeu a victima com voz firme, sabeis que eu sou o vosso czar, o filho legitimo de Ivan Vassilievitch. Perguntae-o a minha mãe; mas, se quereis a minha morte, dae-me ao menos tempo para fazer a minha confissão.

— E' assim que eu confesso este polaco de máu agouro, retorquiui brutalmente um dos da canalha; e descarregou-lhe em pleno peito um arcabuz. No meio de gritos:

— O que diz o polaco, o hystrião?

— Elle confessa ou não a sua impostura?

— Cortem-o em pedaços!

Os enfurecidos sanguinarios cahiram sobre a preza, e não largaram o cadaver enquanto o não estropiaram a ponto de ficar completamente desfigurado.

Depois de ter sido arrastado pelas ruas da cidade, o corpo de Demetrius foi exposto

durante tres dias á vista da populaça. Mas a ferocidade dos executores annullou os seus proprios fins, pois muitos d'aquelles que vi-



*O joven csar esperava-os com Basmanof a seu lado*

ram assim os restos mutilados e despedaçados, perguntavam se era realmente o corpo do czar. Correu o boato de que Demetrius tinha illudido os guardas do palacio, que tinha fugido para os cossacos e havia de voltar a tomar posse do throno.

Na terceira noite, os guardas que vigiavam o cadaver, descobriram sobre elle um tenue raio de luz azul pallido em que, na sua ignorancia sobre as leis da putrefacção, julgaram vêr obra de bruxaria. O corpo foi enterrado apressadamente n'um cemiterio fóra de portas. N'essa noite houve uma violenta tempestade e no seguinte dia estava aberta a sepultura e o corpo achava-se deitado sobre a superficie da terra.

Um terror supersticioso apoderou-se do povo inteiro. Segredava-se que este ente extraordinario, que se tinha feito passar como filho de Ivan, era realmente uma creatura de natureza diabolica, um magico ou feiticeiro que apprendera a arte magica entre os finlandezes, e possuia o poder de morrer e de voltar outra vez á vida. Para se libertarem d'aquelle monstro, queimaram o corpo n'uma fornalha, collocaram as cinzas n'uma peça e descarregaram para fóra das portas de Moscow. Tal foi o fim d'esta vida extraordinaria

que difficilmente encontra similar na historia ou no romance.

Não parece que fosse em verdade o pequeno que se dizia morto em Uglitch no anno de 1591. Apesar das narrativas d'este mysterioso acontecimento differirem muito, todas são concordes no ponto da morte do csarevitch. Não ha realmente duvida de que elle fora assassinado por instigação de Boris Godunov; illumina-se a treva que peza sobre este caso, pelos esforços de Boris para occultar sempre o facto do seu crime. Verdade é que o pretendente foi depois reconhecido pela csarina como seu filho, mas tambem Arthur Orton foi reconhecido pela mãe de Roger Tichbourne. A csarina e sua familia tinham sido fundamente insultados por Boris, e tinham toda a razão de acolher o triumpho do que estava obrigado, por seu proprio interesse, a tratal-os com as mais elevadas honras e deferencias.

Nem tão pouco foi este brilhante aventureiro o monge Otrepiev. O absurdo d'essa explicação já foi demonstrado. Póde chegar-se á solução do enigma, reunindo cuidadosamente certos pontos por onde se tocou na descripção d'esta extranha carreira.

O primeiro facto que surprehende extraordinariamente é a promptidão com que foi recebida a pretenção. O principe Adam está no seu banho; o criado, para se desculpar d'um acto de negligencia, diz-lhe que é o legitimo csar das Russias. E o principe aceita este conto sem um momento de hesitação, e immediatamente começa a tratar o seu criado como csar, e d'ahi por diante o caminho seguido pelo pretendente é suave até ser publicamente reconhecido pelo rei Segismundo. Note-se, que nunca foi explicado, por que fórma entrou este rapaz ao serviço do principe Adam.

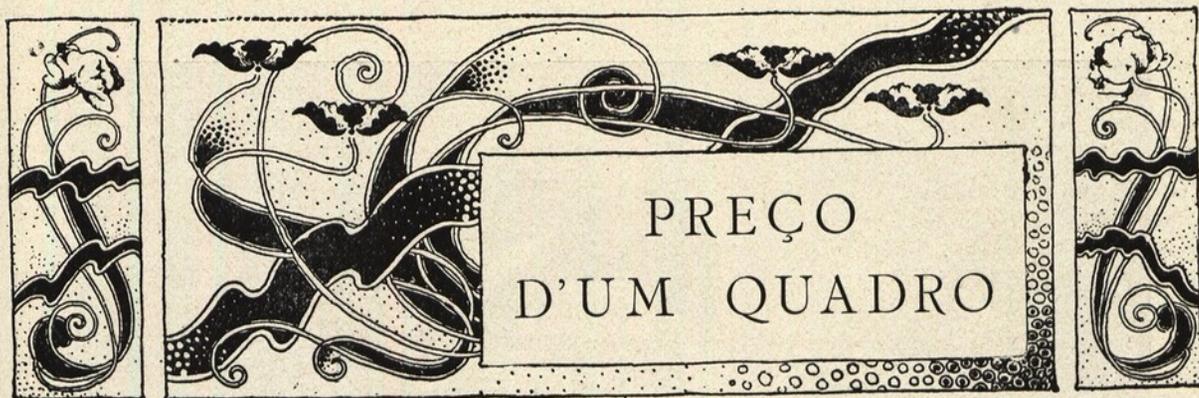
Se isto assim foi, resta uma pergunta a fazer. Quem eram, pois, esses poderosos amigos occultos que, depois de terem primeiramente arrastado este rapaz para representar aquelle papel, e de o terem introduzido em casa do seu alliado, o principe Adam, ajudaram tão firmemente os passos da sua subsequeute carreira?

Póde deduzir-se resposta plausivel da propria narrativa feita. Qual é o caminho que assegura a Demetrius o apoio dos polacos? A sua recepção na igreja romana pelos jesuitas — outra comedia; porque, note-se, o pretendente era, por certo, um catholico, se não por nascimento ao menos por educação. Quem é que finalmente induz Segismundo a apoiar as suas pretenções? O nuncio do papa por intervenção dos jesuitas. Quem acompanha Demetrius na sua curta carreira, e quem é mais publicamente estimado por elle, com escandalo de seus subditos? Os padres jesuitas. Quem se encontra partilhando das responsabilidades do poder, dando-lhe conselhos secretos, suggerindo-lhe medidas favoraveis a Roma? A quem foi permittido construir uma igreja catholica na mais sagrada região em toda a Russia? Aos mesmos jesuitas.

Não é necessario acrescentar que, annos antes d'estes acontecimentos, a Companhia de Jesus, toda poderosa na Polonia, fundara collegios perto da fronteira russa, e mandara missionarios áquelle paiz, um dos quaes teria sido talvez Gregorio Otrepiev, e tinham-se gloriado com a esperanza de trazer os moscovitas ao gremio romano.

Foi esta maravilhosa sociedade, que em dado momento pareceu destinada a governar o mundo inteiro, que concebeu, e realmente executou, o arriscado projecto de fabricar um csar, e de o collocar no throno de todas as Russias?





## O RETRATO DA DUQUEZA DE DEVONSHIRE

POR THOS. GAINSBOROUGH

Ao mesmo tempo que as atenções do publico artista erão solicitadas pela exhibição da pintura readquirida do celebre retratista inglez Gainsborough, a *Duqueza de Devonshire* que reproduzimos na pagina seguinte, um outro retrato do mesmo mestre, d'uma outra *Duqueza de Devonshire* era exposto tambem na galleria dos Srs. Henry Graves e C.<sup>a</sup> em Pall Mall. Não se chamava Georgiana, como a primeira, mas dizia-se Isabel, esta duqueza de Devonshire, mais conhecida por lady Betty Foster. A historia d'esta duplicação de obras muito similares está descripta em documento authenticico.

Lady Betty poisou para o retrato de Gainsborough pelo anno de 1778, tendo ella propria feito a encomenda do retrato. O artista fez primeiramente o esboço para retrato de todo o corpo, mas quando foi mostrado a lady Betty esta disse preferir uma pintura mais pequena. A figura já estava delineada na tela, mas o pintor prometeu que havia de cortar-a no tamanho desejado.

Lady Betty gracejou n'essa occasião com Gainsborough, recordando-lhe a opinião então corrente de que as suas pinturas eram geralmente muito amaneiradas e não possuíam os mais solidos meritos de Reynolds; ao qual elle respondeu, que podia pintar em qualquer estylo, mesmo no de Reynolds, e que, para lhe ser agradavel, n'esta pintura havia de misturar a sua propria maneira de pintar com as qualidades que ella parecia tanto admirar no seu grande rival. Quando acabou o quadro, não podendo lady Betty concedel-o para expôr, permittiu que Gainsborough fizesse a copia que todavia elle nunca acabou.

Tendo casado com o duque de Devons-

hire, lady Betty deu a pintura como lembrança ao pae do sr. Foster, o qual agora conta esta historia e a authentifica, pedindo-lhe que não se desfizesse d'ella emquanto visse. Mais tarde o pintor Thomas Laurence dirigiu-lhe o pedido de permittir que deixasse completar a copia que estava por acabar pelo original que elle possuia e foi-lhe concedida a licença. Todavia Laurence, introduziu-lhe modificações, carregando consideravelmente a côr das faces e dos labios. O sr. Foster pae, tendo-se mudado para Wolverhampton, fez enrolar a pintura para a viagem e levou-a consigo para a Australia. Estava guardada, enrolada n'uma caixa comprida, rotulada «canna de pescar». Apesar d'este disfarce, a pintura foi roubada emquanto estava em Sydney. Foi, comtudo, recuperada pelo *Shipping Office*, onde o ladrão a depositára com o fim de a transportar para Inglaterra. Depois da commoção causada pelo roubo da pintura dos srs. Agnew, o sr. Foster levou o retrato para Londres e tem desde então estado em Inglaterra. O quadro foi adquirido recentemente por 30.000 lbs. ou seja cerca de 180 contos por Mr. Pierpont Morgan, o celebre millionario americano, conhecido pelo titulo de imperador dos *trusts*, os grandes syndicatos de producção.

Gainsborough é, como Reynolds, considerado um dos primeiros retratistas-pintores inglezes e os seus quadros são como os do seu rival disputados a peso d'ouro. Ambos se dedicaram com carinhosa e bem suggestiva arte á reproducção da imagem de mulheres, e d'estas as mais bellas quizeram ter a gloria de perpetuar a lembrança da sua formosura nas telas dos admiraveis pintores.





A DUQUEZA DE DEVONSHIRE — QUADRO DE THOS. GAINSBOROUGH

# MODAS

## COSTUMES DE CARNAVAL

A PROXIMA-SE a época festiva do carnaval e amiudam-se as reuniões, os bailes e as *soirées* onde a mocidade, em contraste frisante e curioso, se encarrega de prolongar e de manter as tradições do passado, como para demonstrar o elo symbolico da continuidade da vida. São sempre os novos que fazem resurgir as velhas usanças: por isso o velho carnaval resurge todos os annos, sempre loução e esturdião, despreoccupado e alegre. É uma época aproveitada para festas familiares e intimas, onde a mascara do disfarce gentil ou extravagante substitue a mascara do convencionalismo habitual. A comedia humana é espectáculo que não finda; é representação onde não desce o panno; apenas se renovam os actores ou se transformam os *travestis*. N'este mez, mercê do calendario, o disfarce é permitido em plena liberdade. Cada um escolhe o seu, independentemente das convenções ou dos preconceitos que obrigam as attitudes determinadas e reflectidas. Ha mais verdade nos re-

folhos do dominó ou no costume scintillante e pittoresco do que na casaca grave e insi-



JAPONEZA

pida ou na *toilette* roçagante e seria das grandes ceremonias mundanas.

Damos em seguida uma descripção suc-

cinta dos diversos costumes de Carnaval, apontando de uma fôrma geral a *toilette* que pelas illustrações a leitora modificará segundo a conveniencia de momento.

diversos tons de azul claro. O corpo do vestido tem as costas lisas, e é ajustado á cintura por uma larga faixa de setim azul escuro, bordada como o galão. Nas costas, grande nó

sem pontas. A frente do corpo aberto em V. pequeno. Galão azul bordado, guarnecendo igualmente a frente e o decote. Mangas largas, abertas e cahidas. Meias de seda, sapatos de setim. Nos cabellos, pentes e pregos de oiro. Leque japonéz.



COSTUME DE CARNAVAL

**Japoneza** — Vestido em crepe da China vermelho velho, bordado, aberto e atravessado sobre uma saia de setim amarello, tambem cruzado e guarnecido de galão de setim azul escuro, com bordados ou applicações em

A parte de traz da saia em largas pregas lisas, cujos lados exteriores são forrados de bandas de velludo. Uma grande grinalda de folhagem guarnece a saia em baixo, toda em volta, e segura atraz as pregas de *faille*. O corpo do

**Costume de carnaval** — Saia curta em *faille*

coberta de renda preta bordada a oiro. Corpo liso, em setim amarello, de forma *princeza*, recortado em grandes dentes ou tiras ponteagudas, com guizos doirados nas extremidades. Tira de velludo na frente, fechando em pregas. Mangas largas, em preguinhas de gaze recortada. Decote nas costas arredondado, e adiante em forma de V. Sobre o corpo bandas de velludo preto recortadas em grandes dentes ponteagudos. Gola de velludo preto com guizos. Renda de oiro guarnecendo o decote. Sobre a cabeça, capete ponteagudo, com uma aureola formada de pontas de velludo preto enfeitado com guizos. Cabellos cahindo sobre os hombros. Meias de seda, sapatos de setim.

**Hespanhola** — Saia curta em *faille* com avental em grossa rede de froco. A parte superior do avental feita em rede de froco mais fina e uma grande faixa de *faille* cortando o avental a meio e reunindo as duas redes.

mesmo *faille* decotado, aberto em V, com collete em bico de velludo. A parte de cima é coberta com rede de froco. Collete atacado a meio das costas. Ao peito uma grande rosa pallida. Luvas compridas em pelle de *Suède*. Leque de renda. Coifa de froco prendendo os cabellos, com rosetas collocadas em diadema. Meias de seda, sapatos de setim.

xo uma fivella ingleza. Mangas tufadas abertas adiante sobre um fundo liso de *faille*; são tufadas até o cotovello, ajustando-se por um pequeno punho na extremidade. Manto de

**Costume Egypcio—**

Vestido de seda pekim heliotrope, velludo e *faille*, no mesmo tom e *surah* listrado de azul e branco, perolas e galões de ouro. Saia curta, sobre a qual atraz se forma uma segunda meia saia listrada horizontalmente, principiando dos lados e encurtando para a cintura em forma de *peplum* e na frente outra segunda meia saia em *faille* liso, disposta em *paniers* ou tufos. Avental em *surah* listrado enfeitado, e armando tambem o corpo em decote redondo guarnecido em volta de galão doirado, finalizando de cada lado sobre as bandas do avental a que se prende por fivelas doiradas. Capacete de metal doirado com penacho de plumas. Ventarola de pennas. Botinas de pelle de cabrito e meias de seda heliotrope.

**Zanette—**Costume em seda e *faille* liso, côr de rosa velho e azul. Lado esquerdo da saia curta, em seda branca, tecida de verde e rosa velho, com o vestido de *faille* côr de coiro, partindo do meio da frente e encurtando sobre o lado. A parte de diante e a parte do lado direito em *faille* rosa velho com quadrados de velludo cortado. Corpo de seda e em velludo verde com abas lisas, encrusado sobre o peito e decotado em forma de V. Completa e fecha o corpo umas presilhas e em bai-



HESPAÑHOLA

*faille* azul, forrado de *surah* rosa velho com grande cabeça de *faille* côr de rosa e pregado nos hombros com laços de fita côr de rosa desmaiado. No pescoço duas feiras de perolas, caindo sobre o peito. Luvas de pel-

lica. Chapéo côr de rosa com penacho de plumas verdes. Meias e sapatos de setim verde.

**Imperia**—Costume em seda tecido em

da a oiro sobre o lado direito do corpo e uma banda de *surah* botão d'oiro sahindo do mesmo lado direito, passando sobre o hombro esquerdo, descendo sobre o peito e cahindo atraz sobre o braço esquerdo. Um sacco de



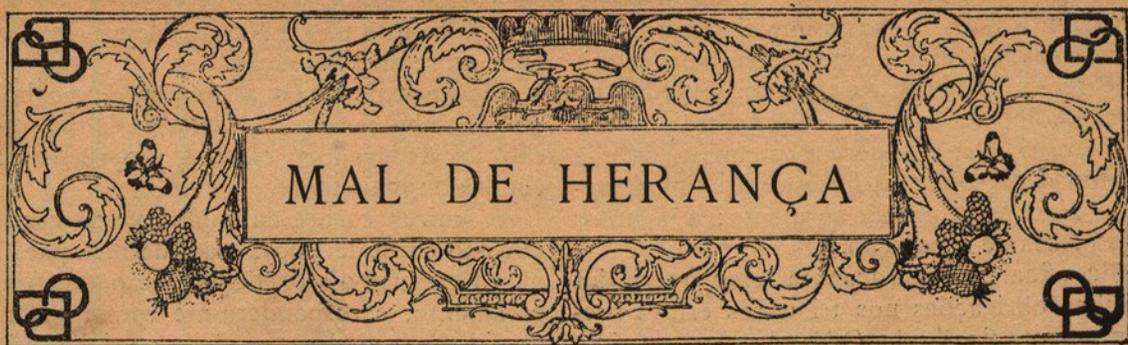
EGYPCIA

ZANETTE

IMPERIA

vermelho velho, *surah* apropriado, *surah* amarello, botão d'oiro e enfeites de flores. Saia em seda, com avental de *surah* vermelho. Grinalda de espigas e flores campestres no lado esquerdo. Corpo em seda, redondo, decotado em forma de V. Largas pregas de seda, tecida

fantasia em setim vermelho, com um leque forrado de *surah* côr de oiro velho. Umbrella de setim do mesmo tom com laço apropriado. Chapéo de palha com largas abas voltadas e laços de fita vermelha. Meias e sapatos de setim vermelho. Luvas de pellica branca.



## MAL DE HERANÇA

*O auctor, notavel e popular romancista inglez, aproveita esta dramatica novelia para tratar, sob um aspecto commovedor, a terrivel hereditariedade alcoolica; soccorre-se, para o effeito da narrativa, das modernas doutrinas e praticas do hypnotismo e da suggestão, e descreve com agudo interesse na simplicidade descriptiva a poderosa influencia da esperança e da imaginação sobre um espirito doente, na forma de degenerado.*

### CAPITULO PRIMEIRO

N'um domingo, pelas nove da noite, em vinte e trez de dezembro de 18.., na estação de Euston, enclinava-me para fóra da portinhola da carruagem do expresso da Escossia e Jorge Chute dava-me do caes da *gare* o aperto de mão de despedida.

— Adeus Roberto, disse-me elle, Lembra-te de me procurares á tua volta, logo que chegues. Fico ancioso de saber noticias. As nossas boas amigas de Cleator são ainda um pouco extranhas para ambos nós, tu bem o sabes, sobretudo para mim. Meus cumprimentos para myss Clousedale — tambem para mistress Hill. Adeus!

Acenei-lhe com a mão em quanto o comboio se afastava rapido da *gare*. Elle tinha jantado comigo n'aquella noite, em minha casa, no Temple, e acompanhara-me até Euston para assistir á minha partida. Jorge Chute, tinha mais vinte e cinco annos do que eu, todavia era o meu amigo mais intimo. Fôra desde novo muito amigo de meu pae. Quarenta annos antes tinham sido companheiros e empregados no escriptorio de um procurador na provincia. Depois separaram-se pelas suas carreiras. Jorge Chute veio a ser o mais considerado sollicitador de Londres, onde prosperava, e meu pae, Roberto Harcourt, juiz na India. Comquanto separados pela distancia de meio mundo, mantiveram sempre a mesma amisade. Eu nasci na India, e quando aos quatorze annos fui mandado para Inglaterra para principiar a minha educação n'um collegio publico, foi Jorge Chute que me installou um Harrow. Em tempo proprio mandou-me para Oxford, e depois abriu-me carreira no tribunal. Estive cinco annos como *junior*, e devi-lhe em grande parte o meu exito. Elle era mais de que um

amigo — era para mim um pae adoptivo. Mas de todas as benevolencias de que lhe era devedor e pelas quaes lhe era em extremo grato, havia uma que mais do que qualquer outra me ligava a elle muito affectuosamente. Fôra por sua intervenção que eu conhecera Lucy Clousedale. Lucy tinha vindo da sua casa em Cumberland a Londres para o consultar sobre a situação em que estava a sua herança. Ella tinha vinte e dois annos e seus paes tinham morrido ha muito. A sua unica companheira na vida fôra uma velha criada que ficára solteira, mas a quem apesar d'isto chamavam mistress Hill. Jorge Chute, impressionado por vêr a pobre orfã sem relações d'amisade, convidou a para a sua propria casa em Cheyne Walk. Foi alli que a encontrei, e logo me preendi na admiração da sua pessoa, porque realmente nunca vira mulher mais encantadora. A saudavel frescura da sua esplendida mocidade, a doce simplicidade do seu convívio e a naturalidade desaffectedada das maneiras fizeram-me profunda impressão. Isto deu-se pelos principios de maio, e nos dois mezes seguintes ella era considerada pelas nossas relações como intima e convidada para toda a parte. Lucy conversava com uma leve e graciosa acentuação do norte e cantava deliciosamente antigas canções inglezas. Tudo era novo para ella e tudo achava maravilhoso.

Sentia-me feliz porque a nossa convivencia progredia em amisade e da amizade passara a amor. Antes de deixar Londres, em fins de junho, Lucy prometteu ser minha mulher. Ajustámos casar somente na proxima primavera, mas visital-a-hia em sua casa pelo Natal. Passámos juntos em casa de Jorge Chute a sua ultima noite em Loúndres. O tempo corria doce

e para nós feliz. A suavíssima claridade d'um pôr de sol de Londres estendia-se pelo estreito e sereno Tamisa em quanto, sentados no terraço, olhávamos para a velha ponte de Battersea. Antes de se acenderem os candieiros, ella cantou «Um passeio no bosque». Eu tinha comtudo n'alma um grande tormento: a idéa dos seis mezes de separação.

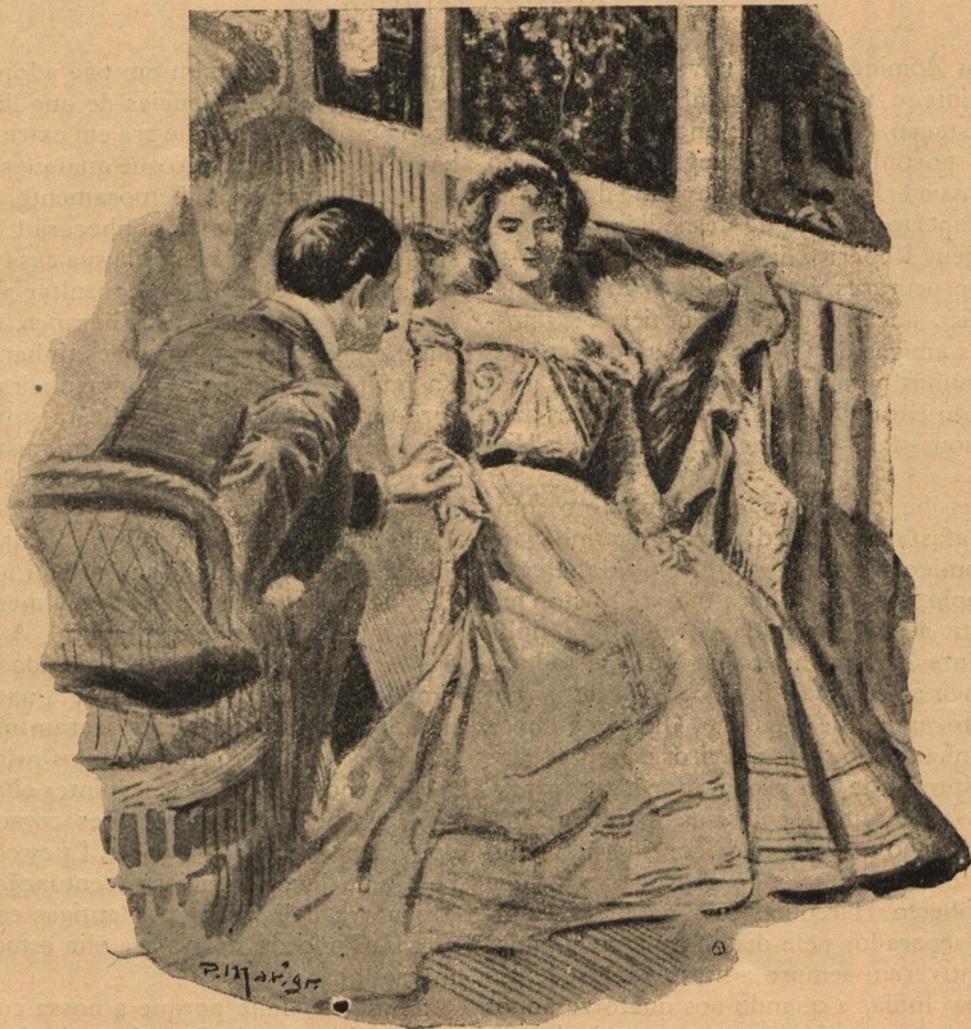
Mas afinal tudo isso acabára. A longa serie das minhas obrigações nos tribunaes estava presentemente finalizada. O Natal estava proximo e eu partia no expresso para Cumberland. Recostei-me para traz, aconcheguei-me no meu logar e entretive a primeira hora de jornada em reler um masso de cartas antigas que trazia na carteira. Na sua maioria eram de Lucy — delicadamente escriptas na mais nitida calligraphia. Notei pela segunda vez que, sob este aspecto especial, duas d'ellas eram diferentes.

— Não, esta não é boa... Hein? disse elle com expressiva entoação.

Julgava-se perito em assumptos de graphologia. E tinha razão. Por temporaria indisposição foi explicado o caso. A propria Lucy o confirmou mais tarde.

As unicas cartas da minha velha carteira que não eram de Lucy, eram de meu pae. Tinha-lhe escripto a participar-lhe o meu futuro casamento, e respondera-me com tanta cordialidade quanta na verdade eu tinha direito de esperar. Elle confiava em que a minha resolução fosse acertada, que o meu proceder não fosse nem prematuro nem precipitado, e que visse claro ante mim o meu futuro. O unico e bem significativo periodo da sua carta era uma especie de aviso:

«Sobretudo, meu querido filho, deixa-me esperar e confiar que a mulher que ha de ser



*O tempo corria doce e para nós feliz.*

A letra era irregular, e as phrases sacudidas, inconsequentes. Por acaso, Jorge achavá-se no meu quarto quando recebi uma das duas cartas e n'essa occasião mostrei-lh'a:

tua, e minha filha, provenha de uma boa e saudavel geração. Vivendo n'este paiz onde a natural selecção no casamento é estorvada pelos preconceitos de casta, agora mais claramente

do que nunca, vejo quão terríveis são as consequências da hereditariedade, não sómente nos vícios physicos, mas também nas inúmeras fórmulas de máus costumes que correspondem a uma determinada doença.»

Deixei o expresso correio da Escocia em Penrith ás tres da madrugada, mas a casa de Lucy era no districto das minas de ferro de Cleator Moor, e ainda tinha de passar segundo entroncamento antes de chegar ao limite da minha jornada. Este entroncamento era já no centro das montanhas de Cumberland. Ainda não tinha alvorecido quando alli cheguei. O chão estava coberto de espesso gêlo, a noite fria, e eu tinha de esperar meia hora pelo comboio local. Por indicação do factor, entrei na sala de espera da pequena casa de madeira da estação. Ardía allí um bello fogo sobre ladrilhos, e alguns mineiros estavam sentados em redor, fumando nos cachimbos de argilla, com os cotovellos sobre os joelhos, e as candeias de mina penduradas dos pulsos. Déram-me logar ao pé do fogo, mas continuaram na sua conversa sem attenderem á minha presença. Perguntei-lhes se seguiam no comboio para Cleator. Responderam: «Sim, e que trabalhavam nas minas de Clousedale, no poço conhecido por *Owd Boney*.» Sube que *Owd Boney* queria significar osso velho, e aquella denominação tinha directa referencia á historia da mina. Colhi também que aquelles homens viviam na proxima cidade de Cockermouth e voltavam n'aquella manhã novamente para a sua mudança quinzenal de residencia, em turno de trabalho.

— Mas na vespera de Natal! disse eu admirado — certamente teem folga no dia de Natal?

Riram-se e responderam-me que para os mineiros todos os dias eram eguaes.

— Domingo ou segunda é tudo o mesmo — disse um. A machina do topo da mina não pára para os officios da igreja.

— E as caldeiras estão sempre tão sequiosas como o velho Geordie Clous'al, o enguiçado — disse um outro; e riam-se em frâncas e basculejadas gargalhadas, deitando baforadas de espesso fumo sorvido nos cachimbos e cuspidos sobre o fogo.

O comboio parou na *gare* e apitou. Entrei com os mineiros para a mesma carruagem, e seguimos para o paiz das minas. O dia começava de apparecer agora sobre as rochas cobertas de neve. As montanhas ficavam para traz de nós, e entravamos n'uma larga extensão de brejos. Mais adiante com o augmento da luz acinzentada pude vêr as edificações de madeira de muitas minas, e o fumo e chammas das baixas chaminés dos fornos de fundição. A neve cahia mais fina e rara a cada milha que se adiantava, e o chão descoberto

coloria-se de vermelho e preto como se estivesse cheio de cinzas e de escorias de ferro.

— Fallaram do velho Jorge Clousedale, disse: Quem é?

— Um homem já morto, informou um dos mineiros.

— O que era elle?

— O dono de *Owd Boney* e da metade das minas de Cleator.

— Algum parente de miss Clousedale, de Clousedale Hall? — perguntei.

— Lucy? disseram ao mesmo tempo muitas vozes.

— Sim, Lucy, se lhes apraz.

— O sequioso velho Jorge Clous'al era avô de Lucy.

Estava com intensa curiosidade, mas este tratamento familiar irritara-me ao mesmo tempo:

— Devo informal-os por uma vez que miss Clousedale é pessoa de minha amisade e que estou em viagem para a visitar.

Comprehenderam-me immediatamente e desculparam-se com a mais humana simplicidade.

— Não é falta de respeito por miss Lucy. Não lhe desejamos senão mil bens. Paga-nos o pão que comemos e nada temos contra ella.

Nada mais se disse até chegarmos á distancia de uma milha da aldêa, que tinha entrevisto de longe, estendida sobre a superficie negra atravez de uma columna de fumo. Então um dos mineiros, inclinando-se para a janella da carruagem e apontando para a casa que estavam rapidamente passando, disse:

— Ahi está Clousedale Hall, senhor.

Levantei-me de subito e olhei. A casa era uma grande moradia quadrada, de construcção moderna, sem caracter particular, erguida silenciosa do terreno por de traz de espessos grupos de arvores, agora todas despidas de folhas. Tinha descoberto o sol, a humidade tornara-se brilhante sobre os tectos de ardosa e rebrilhava espelhenta sobre a herva dos campos. Sahia fumo das chaminés e justamente, n'aquelle momento, alguém levantava e afastava a cortina branca de uma das janellas. Tal era a casa de Lucy. Emquanto o comboio passava, notei que pouco longe do portão de Clousedale Hall havia um pequeno grupo de casas abarracadas e n'um canto, no extremo mas proximo d'ellas, um pequeno botequim. A linha ferrea corria tão perto que lhe pude ler a taboleta. Era o «Clousedale Arms».

Apeei-me na estação e olhei em redor a vêr se teria alguém á minha espera. Ainda era cedo, oito e meia, e a manhã estava fria, mas em todo o caso eu alimentara uma tenue esperanza de que Lucy tivesse apparecido na *gare*. Pelo menos julgara que mistress Hill estivesse.

Nem uma, nem outra. Não havia carruagem, nem animal, nem criado de especie alguma. Quando os mineiros se retiraram, a plataforma ficou vazia, só para mim e para os moços do caminho de ferro. Falei com o factor.

luto socego e descanso durante estes dias proximos. Não é caso de perigo e espero que não tenha inquietação e menos ainda receios. Porém n'estas circumstancias, sou involuntariamente obrigada a pedir-lhe que não venha por ora a Clousedale Hall. Tomei a liberdade de lhe alugar quartos no *Wheatsheaf* na villa onde espero que esteja conforta-



*Mettendo a mão na algibeira tirou uma carta...*

— Não ha aqui quem que leve a minha mala para Clousedale Hall? perguntei.

— Então o senhor é o cavalheiro que esperam — disse e, mettendo a mão na algibeira do casaco, tirou uma carta.

Era-me dirigida, porem não era de letra de Lucy. A carta vinha de mistress Hill, datada de domingo 23 de dezembro, ás 9 da noite.

Meu caro sr. Harcourt.

Com pezar o previno de que Lucy ficou repentinamente doente e que o doutor julga necessario que ella tenha abso-

velmente, até o momento em que eu possa convenientemente e sem perigo dar á minha querida menina a felicidade de lhe pedir mudança da sua residencia para esta casa.

Com todas as desculpas, profundo pezar e bem contrariada, sou, meu caro sr. Harcourt,

Sua muito sincera,  
Martha Hill.

— Bem. Leve a minha mala para *Weatsheaf* disse.

Elle levantou-a do chão, pôz-se a caminho e eu segui-o verdadeiramente desgostoso, desanimado, desnorreado.

#### CAPITULO SEGUNDO

**N**A hospedaria esperava-me prompto o almoço, mas não pude tocar-lhe sem primeiro ter escripto a Lucy. Relatava-lhe o que soubera com respeito á sua doença, quanto desejava o seu completo restabeleci-

mento, quanto desconsoladora fôra para mim a decepção de não a vêr logo á minha chegada, alem de muitas cousas demasiadamente intimas para as repetir aqui. Depois de ter mandado esta carta por mão propria, sentei-me para almoçar

e a propria hospedeira amavelmente veio servir-me.

Era uma mulher de Cumberland, simples, de meia idade, muito grave e sisuda, mas um tanto mais expansiva do que em geral são as da sua raça. Chamava-se Tyson; o marido tinha o quer que fosse de *sportman*; viviam na propriedade de Clousedale.

A senhora Tyson tinha muito que dizer sobre Lucy, a quem ella conhecia desde a infancia — da sua bondade para os pobres, da sua doçura para com todos, da sua generosidade, repartida por muitos meios, e em geral das qualidades de espirito e de coração que a faziam estimar do povo em decidida preferencia a outra qualquer do districto onde nascêra e se creára. Não me surpreendeu que, aos olhos d'aquelles que a conheciam ha mais tempo e mais intimamente, a minha escolhida fosse considerada tão bôa como formosa. Fui informado que ella concorria para varias instituições locais de caridade ou de beneficio popular: para a associação dos homens de trabalho, para uma aula nocturna, destinada aos mais necessitados, e para um ramo da ordem *Rechabite*\* que ella ajudára a estabelecer. Parece que á sua propria custa — estando situada a igreja parochial a duas milhas de distancia no valle — levava a sua generosidade a ponto de construir e de dotar uma capella para uso da communidade que residia nos altos pedregosos, em volta dos poços das minas nas quaes as famílias trabalhavam em successivas gerações. A mulhersinha narrava com entusiasmo todás estas acções caridosas, e quando lhe perguntei sobre a saude de Lucy, se alguma vez teria inspirado cuidados, respondeu-me: — Não; e que só duas vezes, tanto quanto se podia lembrar, tinha estado muito doente, e que os dois ataques os tivera n'estes seis mezes ultimos.

— Nada grave, certamente? disse.

— Que eu saiba não, respondeu a estalajadeira, mas para a pobre menina parecia que a melhor alegria que conhecia, e nunca achava bastante, era a de fazer bem, chegando-se á beira de qualquer. Era cruel e penoso vel-a ir com a phisionomia pallida de casa em casa com o seu cesto e a sua bolsa. Foi n'uma d'essas occasiões que ella obteve do seu novo parocho escocezo o estabelecimento dos votos rechabites. A gentil figurinha percorria ella mesma o povoado, persuadindo os mineiros a tomar aquelle compromisso: — «Uma bôa

cousa para alguns d'elles, ou antes para todos, é a mulher d'um estalajadeiro que lh'o diz».

A minha longa viagem de noite cançara-me; recolhi-me ao quarto e dormi profundamente. Um pouco pela tarde acordei, e occorreu-me então que talvez podesse, para me tirar do desasocego em que estava e que não podia evitar de sentir, ir procurar o medico de Lucy. N'esta idéa, depois de ter jantado alguma cousa, fui procural-o, tomando previa indicação da estalajadeira.

O doutor não estava em casa. Estava no dispensario publico da aldêa. Sube que este dispensario era uma outra caridade de Lucy. O quarto exterior estava cheio de mulheres e de creanças, esperando a vez de entrar no consultorio. Como ficasse entre ellas, emquanto levavam o meu bilhete ao doutor, ouvi pronunciar o nome da minha adorada, acompanhado de elogios e de bençãos.

— Ha de receber a recompensa no ceo, dizia uma mulher.

— Deus ha de pagar-lhe, dizia outra.

O doutor chamava-se Godwin. Achei um homem de phisionomia dura, n'uma cabeça bem modelada e de olhos pardos e firmes, olhar de aço reluzente. Fôra educado na Allemanha, e sube depois que elle se envaidecia em estar a par de todos os progressos modernos da sua sciencia. Isto, e o seu caracter pessoal resolutivo, deram-lhe uma certa superioridade sobre o genero antigo dos clinicos da provincia, não obstante saber-se que elle era um atheu e que nunca frequentava a igreja.

Expliquei-lhe que era da amizade de miss Clousedale, e pareceu me que elle estava ao corrente das nossas intenções. Perguntei-lhe se a doença d'ella era grave, e respondeu-me com menos promptidão de que eu esperava.

— Não, não é grave — por agora, disse.

Como não adiantasse mais nas explicações, atrevi-me a perguntar-lhe se os incommodos de Lucy eram indisposições femininas. Respondeu-me depois d'alguns momentos: — Sim; e ficou novamente silencioso.

— Alguma doença de nervos, sem duvida? — disse, ao que elle me respondeu: — Sim; mais uma vez, repetindo as minhas palavras mechanicamente. Depois olhou para mim; e com precipitação perguntou-me se tencionava permanecer no districto. Fiquei irritado com aquella reserva, e disse-lhe que Lucy estava para ser minha mulher, que tinha vindo expressamente, em virtude d'uma combinação anterior ajustada em Londres, para a visitar; que pelo desejo da sua dama de companhia e do seu proprio, conforme tinha comprehendido d'uma carta recebida, fôra ficar na hospedaria da aldêa, mas que tencionava mudar os meus aposentos para Clousedale Hall, tão de-

\* Associação de temperança cujos membros se obrigam á abstenção de bebidas alcoolicas e cujo nome se deriva do facto contado na biblia de que um dos descendentes de Jonadabe, filho de *Rechab* se abstinha de todas as bebidas alcoolicas, e até mesmo de plantar vinhas.

pressa elle me podesse asseverar que a minha presença alli não prejudicava a doente.

— Ha de esperar ainda alguns dias — disse. Julguei que o tal doutor me estava tratando com pouca cortezia e não disfarcei o meu aborrecimento. Quando o deixei, cheguei ao excesso de lhe dar a entender que talvez pensasse, sendo necessario, telegraphar para um especialista. A minha ameaça não produziu effeito algum. O homem conduziu-me até á porta com a mais fria polidez envolto no silencio d'uma esphinge. Voltando pela rua principal da aldêa, passei ao cahir d'aquella noite de inverno por uma igreja de estylo gothico, em tijolo encarnado, situada no meio d'um povoado de edificações muito pobres. Era a capella mandada construir e dotada por Lucy. Reconheci-a pela pedra de fundação na qual em lettras doiradas havia uma inscripção em honra da minha querida Lucy. Havia luzes lá dentro, a porta estava aberta, e entrei. Algumas mulheres estavam decorando as janelas e o madeiramento visivel do tecto, com o auxilio de escadas de mão, seguras por dois ou trez mineiros.

Quando voltei a *Wheatsheaf*, perguntei se tinha vindo algum recado de Clousedale Hall. Não navia carta, mas esperava-me alguém que tinha vindo visitar-me. Era o sacerdote. Chamava-se elle Mac Pherson, escocez, de meia idade, de aspecto severo. Vinha dizer-me

vedrio, elle resolvera avisar-me do adiamento forçado da minha combinada visita.

— Está assim tão gravemente doente ? perguntei.

— Receio que o esteja, respondeu.

— Mas que doença tem ella ?

Hesitou um momento, e depois concluiu :

— Não posso verdadeiramente dizer.

— Teve-a já alguma vez ?

— Duas vezes.

— E restabeleceu-se nas duas occasiões ?

— Sim, graças a Deus, porém com demora, em todo o caso.

Principiava a sentir uma colera interior, irresistivel. Tanto este homem como o doutor, faziam-me perder a paciencia pela sua reserva calculada.

— Então aconselha-me a que volte para Londres ?

— Por agora, — replicou.

— Sem a vêr ?

— Vêl-a, seria impossivel.

— É o seu proprio desejo ?

Hesitou ainda, depois respondeu gaguejando: — Sim; creio ser esta a impressão que tive.

A minha paciencia estava quasi exhausta quando felizmente vi fóra de casa o sacerdote. N'este mesmo momento entrava outro homem o limiar da porta: — um rapaz alto, robusto, peito largo, um sacco de caça ao tiracollo e

um espingarda no braço. Era Tyson, o estalajadeiro. Saudou-me rapidamente e passou para a sala. Havia n'aquelle homem um ar de franqueza e de energia, que desde logo me atrahiu; e, tendo deixado o parochico, seguiu o meu estalajadeiro até uma sala de recepção, decorada de vermelho, nas trazeiras do botequim. Deu-me alegres boas vindas, e começou logo a chasquear da visita que acabára



P. M. 37

A senhora Tyson viera servir chá ao marido.

que a minha carta tinha sido recebida, mas que miss Clousedale não estava bem para poder responder. Por isso, pelo seu proprio al-

de receber, chamando-o *Sr. Piloto do Céu*, e dizendo-me que era a primeira vez que sua reverendissima se houvera dignado atraves-

sar os humbraes da porta de *Wheatsheaf*. Su-be em seguida que Mac Pherson era um fanático da temperança, e Tyson estava convencido de ter sido esta a qualidade principal que o levára á sua nomeação de parochó, obtida pela protectora do «seu modo de ganhar a vida.»

— Nem admira — disse Tyson — vendo a lição que ella está recebendo todos os dias da sua propria vida, pobre senhora!

— Que lição? perguntei ancioso.

— Nunca ouviu falar do velho Jorge Clousedale?

Recordei-me da conversa dos mineiros no comboio.

— Do sequioso velho Jorge? disse.

— Esse mesmo — confirmou o estalajadeiro. — Ella está sofrendo a praga.

— Qual praga? perguntei, cada vez mais intrigado.

— Então o senhor não conhece a historia de Clousedale?

Tive de confessar que não obstante miss Clousedale ser pessoa da minha amisade íntima, nada sabia da familia d'ella. A senhora Tyson viera servir chá ao marido.

— Cala-te João! Não atormentes a cabeça do nosso hospede com semelhantes contos de velhas.

Approximei a minha cadeira para perto do fogão e fingindome curioso e sceptico: — Uma historia de pragas? Quero ouvil a a todo o transe.

Tyson riu-se. — Então vou contar-lh'a como a ouvi — e ao mesmo tempo que mastigava, com a bocca cheia, começou a sua narrativa.

— O velho Jorge Clousedale, o avô de Lucy e o fundador da fortuna da familia de Clousedale era um cruel e duro patrão. Dizia-se d'elle que se via uma pobre velha e viuva apa-

nhar cinzas de refugio da casa da fundição, para aquecer os setus velhos ossos n'um dia de inverno, elle não duvidava afastal-a com



*Era um patrão duro e cruel...*

ameaças e desabridamente. N'um domingo de manhã dois dos seus mineiros, voltando para casa da igreja do valle, lá em baixo, quando o atravessavam, apanharam uma pedra encarnada e brilhante. Era bom e rico minerio de ferro excellente. Era um achado que lhes promettia grandes resultados. Os homens combinaram nada dizer da descoberta enquanto não conseguissem o privilegio de concessão e comessem a explorar a mina por sua propria conta.

Um dos dois foi firme na sua combinação; mas o outro quebrou o segredo. Enquanto o primeiro estava juntando dinheiro para indemnização ao dono da propriedade, o segundo foi a casa do seu patrão, contou-lhe a descoberta e aceitou uma gratificação de vinte libras. Dentro d'uma semana Jorge Clousedale tinha comprado o privilegio de uma outra mina, e estava perfurando um outro poço. O mineiro, que fôra trahido, endoideceu de raiva. Procurou o parceiro infiel e sovou-o valentemente, pondo-lhe a vida em risco. O homem foi preso, e Jorge Clousedale foi ainda o magistrado que o processou. Foi sentenciado a alguns mezes de prisão.

O pobre rapaz era o unico amparo da mãe, e quando foi levado para Carlisle a pobre ve-

dendo a cabeça com os insultos da velha, Clousedale agarrou n'um chicote que estava pendurado na parede, zurziu-a e mandou-a para o inferno, e que não se atrevesse a mostrar a cara outra vez n'aquella casa. A mulher atirou-se para elle e gritou: — Rufião brutal! É você que ha de ir para o inferno; mas antes que vá, ha de ter no corpo o fogo d'elle e ha de soffrer d'uma sêde tal que nunca será saciada! Ha de beber e beber até morrer, os seus filhos hão de beber e os seus netos e bisnetos para todo o sempre, e atravez das gerações!

— Mas, objectei, não quer dizer que a praga tivesse sahido certa?

— Julgue como quizer, disse Tyson; mas em menos de seis semanas Jorge Clousedale foi atacado d'um ardor abrazador no interior e bebeu, bebeu e bebeu e em doze mezes estava morto.

— Quantos filhos teve?

— Só um — o moço Jordi, como nós o chamavamos. Jordi riu-se do velho conto quando lh'o disseram, mas aos quarenta annos foi atacado da mesma sêde abrazadora e aos cinquenta abriu-se-lhe a sepultura de beberrão incorrigivel.

— E... Lucy? Miss Clousedale?

— Essa era apenas recém-nascida quando o pae morreu e não teem perdido tempo nem ensejo de a educar na temperança. Eu ri, Tyson riu-se e a mulher tambem e todos rimos ao mesmo tempo. — Uma boa e velha historia de bruxaria, disse com certo estremecimento interior, que não podiadominar. Admiro-me que façam caso d'estas pragas.

Mas o caso fizera-me impressão. Voltei a fallar n'elle mais do que uma vez. A mina, que tinha sido a primeira causa de desordem, era a que tinha o nome de *Owd Boney*. Trouxe a riqueza para a familia Clou-

sedale e era a fonte principal da fortuna de Lucy. Seu pae morrera rico, mas os seus ultimos dez annos foram annos de soffrimento e



*Ha de ter no corpo o fogo do inferno...*

lha dirigiu-se a casa de Jorge Clousedale. Este appareceu-lhe no vestibulo, e ella injuriou-o, chamando-lhe traidor e tyranno. Per-

de terror. A insaciavel sêde que o atormentava principiára por ataques periodicos que cresceram mais e mais frequentemente, apparecendo primeiro com intervallo de seis mezes, depois de tres, e finalmente de um apenas. Portanto em limitado circulo, a febre ardente apertára o homem como uma serpente mortifera e suffocou-o por fim.

A historia do meu estalajadeiro devia interessar-me em qualquer occasião, mas n'aquelle momento parecia ter uma horrivel fascinação. N'outras circumstancias teria apenas supposto

que ao poder da imaginação se devesse somente aquelle destino espantoso; porém com as insinuações mysteriosas da doença de Lucy tornára se-me difficil pensar desapaixonadamente.

Não me atrevia a formular os receios que me inundavam a alma. Resolvi definitivamente «dormir sobre o caso», e fui para a cama. Algumas horas depois acordei n'um pezadêlo de tormentoso somno, e ouvi lá fóra o canto de hymnos nas ruas. Tinha-me esquecido de que era a vespera do Natal.

## CAPITULO TERCEIRO

A unica resolução que me trouxe a manhã foi que escreveria a mistress Hill, pedindo-lhe licença para a ir visitar. Assim fiz, com muitas expressões de cuidado, não encobrando o desasocego em que estava. Propunha-lhe ir pelo decorrer da tarde a Clousedale Hall, mas pedia-lhe uma resposta, encorajando-me a fazer-lhe aquella visita.

Era o dia de Natal, e os sinos tocavam para os officios divinos. Fui para a igreja. O banco debaixo do pulpito estava vazio — era o banco de Lucy. Tinham-o ornamentado com hera e azevinho e algumas vergonteadas de tojo florido. Havia lá uma grande concorrência, principalmente de mineiros e seus filhos. O celebrante era o reverendo Mac Pherson, o meu visitante da noite antecedente. Entre a segunda lição e o sermão pediu orações para todos os presentes, pela amiga e doadora d'elles, a protectora da sua igreja, que áquella hora de regosijo permanecia doente em casa. Muitas cabeças se inclinaram immediatamente recolhidas em oração fervente. Quando sahia no fim dos officios, alguém tócou-me no braço. Era um homem de idade madura, com physionomia prazenteira, e com uns pequeninos olhos brilhando por traz de uns grandes oculos. Disse-me chamar-se Yondale, e era o gerente das minas de Clousedale. Annunciou-me que ia distribuir-se o jantar habitual do Natal para as creanças pobres, offerecido por miss Clousedale nas escolas da igreja — Desejaria estar presente? Seguimos juntos. A escola estava cheia de pequenos, todos muito desairosos, muito sujos, muito bulhentos, mas muito felizes, a despeito da sua condição. Cantou-se a acção de graças e depois foram trazidas numerosas panellas quentes. As creanças espreguiçaram-se de saciedade, antes mesmo de terem exgotado os pratos. Déram-se graças, e depois o meu amigo dos oculos levantou-se por duas vezes para exhibir um discurso. Começou por lamentar a ausencia da adorada bemfeitora, que por bondade de coração fornecera aquelle jantar de

Natal ás creanças, mas que por motivo de doença não podia vir partilhar da boa acção. Exhortou em seguida a que rogassem a Deus se compadecesse d'ella e a tirasse do valle sombrio onde cahira para ser guia e benção de todos os que a amavam e veneravam. Uma joven professora sentou se ao orgão, e depois os pequenitos levantaram-se e cantaram «Salvos nos braços de Jesus». Era mais do que eu podia supportar, e sahi furtivamente, desapercibido. N'aquella tarde soffri uma terrivel decepção. Todo o tempo esperei e desesperei por uma resposta á minha carta dirigida á dama de companhia. Não veiu nenhuma, mas pelo cahir da noite veiu uma carta dapropriá Lucy.



Era escripta n'aquella mesma fórma irregular que tanto me surprehendera nas duas cartas recebidas em Londres e com aquellas mesmas sacudidas e inconsequentes phrases.

Não posso resolver-me a transcrevel-as para aqui. Cada syllaba queimava por si no meu

A vendedeira inclinara-se sobre o balcão...

cerebro como se fosse dedo de fogo ali pousado. Pedia-me, rogava-me, supplicava-me que não fosse a casa d'ella. Desejava ferventemente

guardae-me e preserva-me!» escrevia ella. Esta carta um unico effeito podia produzir. Peguei no chapéu e dirigi-me para Clousedale



...mysterio que não estou disposto a suportar mais tempo...

a minha indulgencia, o meu perdão, o meu eterno esquecimento como quem era indigna do meu amor e da minha dedicação. Ella estava doente, muito doente, mas tambem havia ainda peor do que a doença. Que a deixasse desligar-se do nosso ajuste de casamento. Tinha sido a alegria e o encanto da vida d'ella, mas agora era o terror e o tormento da sua existencia. Que voltasse para Londres e nunca mais pensasse n'ella. Que Deus lhe perdoasse e se compadescesse d'ella.— «Meu Deus, sêde bom para mim,

— Ella sabia-o bem de mais, — disse a outra.— Ainda hontem a senhora lhe dêra meia libra para ella sahir furtivamente e ir buslhe uma garrafa de qualquer coisa, e quando voltou nem lhe recebeu um vintem de troco.

— Foi então o medico que advertira Maggie?

— Parece que sim, não me disseram as particularidades.

Para chegar a Clousedale Hall tinha de percorrer um caminho em curvas, bordado de arvores, que, comquanto estivessem despidas

Hall. Emquanto atravessava a aldêa andava precipitadamente, mas ao chegar ás travessas desatei a correr. Ao aproximar-me do grupo de casas abarracadas que estavam junto do portão da casa e que vira do comboio, estava banhado em transpiração e batia-me o coração fortemente. Para não destruir o meu intento com semelhante violencia de proceder fui até *Clousedale Arms*, e pedi um calice de brandy. Era uma d'estas casas de venda de feitorio antigo que tem a loja dividida em compartimentos, como as divisorias gradeadas das caixas de bancos ou de bilheteiras de caminho de ferro. Entrei n'um d'estes compartimentos, repousei e bebi o meu brandy, emquanto diligenciava colligir os meus pensamentos e determinar o que havia de fazer. Estava uma mulher no compartimento proximo ao meu, e a vendedeira inclinára-se para lhe fallar em voz baixa, mas eu ouvi.

— Tenho pena que Maggie perdesse o seu logar — disse uma das duas.

de folhas, faziam um barulho surdo vibrando ao vento que principiava de se levantar. Encontrei com dificuldade a porta, não havendo nenhum candieiro aceso na estrada, e tendo apenas para me guiar a tenue luz que apparecia por entre as persianas das janellas do andar de cima. Não foi facil obter que me dessem attenção e só depois de uma longa demora appareceu, em resposta ás fortes pancadas que batera, um criado baixo, de meia idade, com uma luz na mão, tendo a porta entre-aberta apenas para me dizer que a senhora estava doente bastante, e que a governante não a podia abandonar.

Não estava para ser despedido com semelhante desculpa e, passando bruscamente pelo velho para dentro da sala de entrada, disse-lhe que levasse immediatamente o meu nome a mistress Hill pedindo-lhe que me viesse ver no mesmo instante. Não foi preciso que o fizesse; porque, enquanto estava fallando, a propria mistress Hill desceu precipitadamente a escada, como se estivesse escutando no patamar de cima e correspondia assim á minha imperiosa intimação.

Achei-a extremamente agitada e tristemente transornada. Em logar da graciosa senhora de idade, no seu bem talhado vestido de seda, com maneiras suaves e fallas brandas — a companheira da minha querida em

para um quarto sem fogão. Depois, fechando a porta e fallando em segredo, começou com mil explicações e desculpas, dizendo que tinha muito pezar em ser tão pouco hospitaleira o que tambem era uma causa para a infelicidade de Lucy. Quando lhe perguntei se poderia ver a minha adorada, pareceu cahir n'um estado de extrema perturbação, declarando que era impossivel e o doutor tinha prohibido todas as visitas, á excepção das do



*Levantava a vidraça quando a estreitei nos braços...*

Londres — vi ante mim uma mulher nervosa e hysterica, vestida com um saiote e capa. Tirou o candieiro da mão do criado e conduziu-me

sacerdote. E quando lhe perguntei se ella tinha conhecimento do assumpro da carta que Lucy me mandára, a sua perturbação augmen-

tou e protestou que, não obstante ter sido escripta sem o seu conhecimento, estava convencida de que o que a suggestionára havia de ser pelo melhor.

— É pois verdade, então? Terei de me vencer de que a doença de Lucy está longe de uma esperança de restabelecimento?

Fiz a pergunta, esperando uma prompta negativa. A indecisão e a incerteza da resposta irritaram-me.

— Não posso dizer — não estou certa — o doutor sabe-o melhor.

Perdi a paciencia e respondi sem cerimonia:

— Então pelo doutor saberei, ainda que tenha de lh'o arrancar das goellas, este disfarce d'um mysterio que é demasiado para mim, e não estou disposto a supportar mais tempo.

Com isto sahi e fechei a porta atraz de mim. Metteu-se me em cabeça que Lucy era victima de uma conspiração, e que os dois homens, o doutor e o sacerdote, eram os causadores de tudo. Com o coração e os miolos em braza fui galgando as curvas do caminho, por ali abaixo. Nos olhos da imaginação estava vendo a minha querida noiva, como no brilho passageiro d'um relampago, primeiro com os seus olhos brilhantes, cheios de vida, de saude, de felicidade e de amor, e depois cahida no laço de qualquer hedionda maqui-nação.

Fui despertado das minhas visões por uma repentina apparição. Era a de uma mulher que sahia de *Clousedale Arms* no momento em que eu passava pela porta. Era nova; cobria-lhe a cabeça um pequenino chaile preto; a presença suja e abandonada. Ella sahia a furto da travessa, deteve-se um instante quando me approximei, e, meia voltada, quasi decidida a retroceder. N'aquelle momento, pela luz da janella vi-lhe a cara. Senti um choque terrivel. Aquella cara tinha uma feia similhaça com o rosto de Lucy. Quando olhei outra vez já a mulher tinha desaparecido. Tomei animo e segui-a, chamando-a repetidas vezes. Os seus passos perdiam-se na escuridão.

— Espere! gritei, e adiantei-me para a seguir. Vi-a entrar no portão de *Clousedale Hall*.

— Espere! gritei-lhe ainda outra vez, e apressei-me, resolutu. Quando cheguei á alameda o ruido dos passos tinha cessado e o vulto desaparecido. Sentia apenas sobre a cabeça o ranger dos ramos das arvores despidas de folhas, torcidos pelo vento.

Acerquei-me novamente da casa e com os

dois punhos cerrados bati pesadamente á porta. D'esta vez foi a propria mistress Hill que abriu. Ella tinha o aspecto de ter enlouquecido.

— Mistress Hill, disse, sinto ser grosseiro, mas peço para ver miss Clousedale, preciso vel-a immediatamente.

Ella desatou n'um choro soluçado e eu entrei em casa. Observei então que tudo alli estava em desordem. Os criados, com candieiros nas mãos, subiam e desciam as escadas, entravam e sahiam dos quartos no andar terreo.

— Onde irei encontral-a? disse-me ella. N'esta interrogação a pobre creatura fazia uma clara confissão. Lucy tinha sahido de casa. Tinham-a presa e vigiavam-n'a constantemente, mas ella conseguira fugir. Aproveitando-se da opportuna ausencia de mistress Hill, quando pouco antes a fôra procurar e insistira para lhe fallar, Lucy desapparecera e ninguem sabia o que era feito d'ella.

— Santo Deus! — Pensei no meu recente encontro, e um grande terror se apoderou de mim. Sahi de casa, precipitadamente, e n'um momento corri para o portão de entrada. Julguei sentir alguém passar por mim na escuridão. Parei e estendi os braços para o lado do som, mas... ninguem. Depois ouvi rastejar alguma coisa na relva, como se fôra o vestido de uma mulher. Era com certeza e o som esbatia se em direcção á casa. Em seguida, vi distinctamente o vulto de uma mulher passando defronte das janellas illuminadas pelas luzes que vinham e hiam d'um lado para o outro. Corri atraz d'ella e agarrei-a. Levantava a vidraça corrediça d'uma janella para saltar para dentro, quando a estreitei nos meus braços.

— Quem é? — perguntei, e ella soltou um grito e suavemente implorando, respondeu:

— Deixe-me ir, deixe-me ir!

— Não deixo, emquanto não souber quem é.

— Deixe-me!

— Quem é? repeti ancioso.

As nossas vozes attrahiram os criados, que vieram correndo para o quarto com as luzes. Então vi o rosto da mulher que segurava nos braços.

Era Lucy. Lucy, a minha adorada, o meu amor, a minha querida, a que havia de ser minha mulher, Lucy, a bem amada de todos, a alma santa, o coração generoso, a dôce e linda flôr immaculada, ainda em botão, e agora transformada n'uma pobre e infeliz dipso-maniaca sob o terror auto-suggestivo de uma praga!

(Continua).

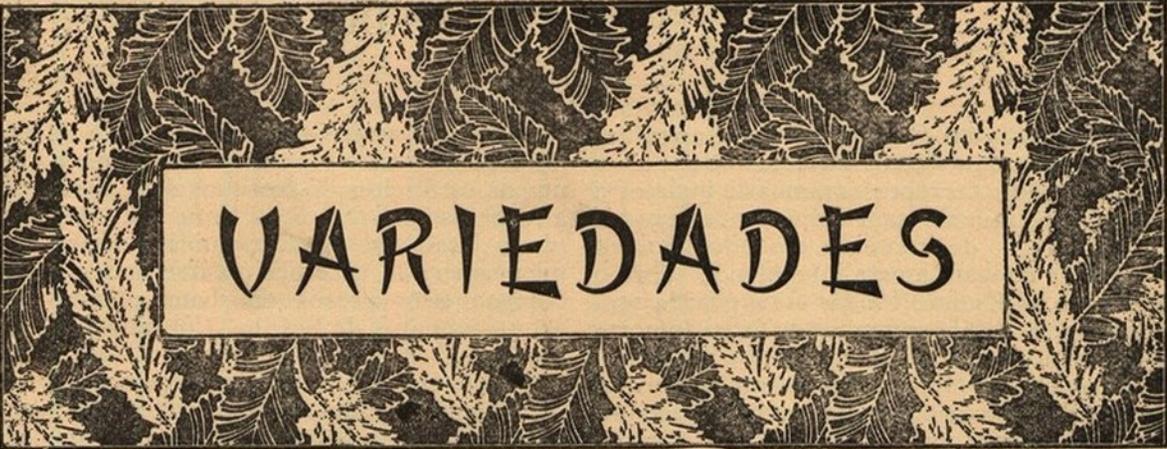
(Segundo HALL-CAINE).



METEOROLOGIA

Observatorio do Infante D. Luiz

Novembro e Dezembro	Barometro		TEMPERATURA						Chuva		Ozone	
	Nivel do mar		às 9 h. da manhã		maxima		minima		Millimetros		Graus	
	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901
1	770,7	763,9	13,4	14,0	16,9	16,4	13,0	11,7	4,9	0,0	5,8	5,3
2	770,5	766,8	14,6	11,4	19,6	17,5	11,6	9,5	0,0	0,0	8,5	6,2
3	766,3	765,4	16,6	12,3	18,7	17,7	12,7	9,6	0,0	0,0	9,0	4,0
4	765,6	760,9	13,3	14,2	19,7	17,6	11,1	12,5	0,0	0,0	7,7	4,3
5	765,3	763,3	16,6	12,2	18,2	20,6	14,3	13,0	0,0	0,5	5,0	7,5
6	765,9	763,3	13,7	14,3	17,0	17,6	12,9	12,9	2,1	0,0	8,5	5,0
7	767,0	762,4	13,0	13,8	19,1	17,7	12,1	12,6	0,0	—	5,5	5,0
8	767,0	763,9	13,3	12,6	16,4	17,9	11,2	10,9	2,7	0,0	8,3	4,2
9	768,8	766,2	11,9	11,9	18,6	17,0	10,1	9,7	0,0	0,0	6,5	4,3
10	768,7	760,2	15,2	9,7	16,9	16,8	12,5	7,4	0,0	0,0	8,0	4,5
11	770,2	765,4	14,0	7,3	15,9	16,5	11,5	4,3	0,0	0,0	8,2	7,0
12	770,0	759,8	13,8	9,6	17,6	17,0	10,8	7,8	0,0	0,0	8,3	5,7
13	768,3	753,9	16,2	14,6	18,6	17,6	15,1	12,8	1,0	21,2	10,0	9,8
14	767,0	752,8	14,9	16,3	16,2	18,2	12,0	11,1	2,6	3,2	8,5	7,5
15	768,0	747,7	12,5	14,6	15,8	16,9	11,4	10,6	0,2	21,0	7,2	9,5
16	761,7	759,6	15,9	12,4	17,8	15,0	12,2	9,8	2,7	2,6	7,3	5,0
17	762,5	761,6	14,4	11,0	15,6	15,2	11,8	9,2	1,5	5,0	10,0	0,7
18	763,1	772,4	11,7	10,0	15,0	16,3	9,9	8,7	0,0	0,0	7,2	7,8
19	761,7	773,2	10,0	10,9	14,4	13,9	9,1	10,5	0,0	0,0	7,3	7,5
20	762,2	771,7	11,4	10,9	14,6	13,7	10,2	10,1	0,0	0,0	7,0	3,2
21	762,9	767,4	12,3	11,5	15,1	15,8	10,0	9,7	0,6	0,0	8,0	6,3
22	768,1	766,3	11,0	8,8	15,5	13,0	8,1	7,5	0,0	0,0	6,2	5,0
23	768,0	764,9	14,2	10,4	15,7	14,2	12,1	8,3	0,0	0,0	7,5	6,0
24	766,4	764,4	14,3	9,5	16,3	15,3	12,6	7,8	6,5	0,0	9,5	5,8
25	766,9	762,7	14,7	4,5	16,5	9,3	12,7	2,3	0,7	0,0	9,3	5,5
26	765,3	762,2	14,1	5,4	17,0	10,6	12,3	3,7	0,4	0,0	6,5	4,0
27	759,8	761,4	13,8	5,3	14,9	10,9	9,3	3,7	6,8	0,0	7,5	8,7
28	752,0	766,6	10,2	5,7	12,7	10,6	6,0	5,5	11,9	0,0	10,0	6,5
29	756,4	768,2	8,2	5,5	11,6	12,0	9,3	4,5	10,9	0,0	8,0	6,8
30	759,4	768,2	11,1	7,2	15,5	13,1	9,2	6,1	9,4	0,0	5,2	6,0
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	763,8	768,1	14,3	7,4	15,3	13,2	11,5	6,1	6,3	0,0	9,0	8,2
2	765,9	767,7	13,5	8,8	14,6	13,6	10,5	8,7	0,5	0,0	9,5	6,0
3	771,7	765,5	11,7	9,8	15,5	15,4	9,7	8,7	0,4	0,0	8,0	8,0
4	773,8	765,0	6,5	9,3	12,4	14,9	6,2	8,2	0,1	0,0	4,5	5,8
5	773,1	766,8	8,1	7,2	14,6	14,2	5,7	6,0	0,3	0,0	5,3	7,2
6	773,4	768,3	6,3	10,0	14,6	12,3	5,9	8,2	0,1	0,0	7,0	9,8
7	773,2	771,5	13,4	8,3	17,3	12,8	11,3	6,3	0,1	0,0	5,5	5,2
8	772,0	773,1	8,2	8,6	10,8	14,4	8,2	7,5	0,1	0,0	6,7	5,5
9	770,2	773,8	6,9	10,3	12,9	14,4	6,3	7,5	0,0	0,0	7,5	7,5
10	770,9	771,8	8,2	12,4	12,7	16,1	6,6	10,2	0,0	0,0	8,5	8,8
11	771,5	768,0	7,0	12,3	12,3	14,9	5,6	9,5	—	0,0	4,5	8,3
12	772,0	762,6	8,0	8,8	13,4	10,6	6,3	8,8	0,0	0,0	7,3	10,0
13	774,0	760,2	9,0	9,9	15,3	12,1	6,2	7,9	0,0	3,4	6,0	8,2
14	772,6	759,9	9,5	9,1	14,9	11,6	6,1	6,7	0,0	4,5	6,8	8,3
15	773,1	760,4	8,2	2,6	14,1	9,5	6,8	1,9	0,0	0,4	7,5	8,5
16	775,0	757,5	9,0	5,7	14,2	9,5	7,8	4,6	0,0	—	7,5	6,5
17	770,9	743,3	9,0	5,6	11,9	8,5	7,7	5,0	0,0	10,2	6,5	9,7
18	772,0	747,6	6,9	5,7	11,5	8,0	6,0	4,9	0,2	7,5	8,5	10,0
19	771,2	745,4	11,5	8,0	12,7	10,1	11,0	4,9	24,2	5,4	5,2	10,0
20	770,9	754,6	11,5	6,0	12,2	9,0	10,9	5,1	7,3	5,6	5,5	10,0
21	770,6	759,1	11,1	7,5	14,8	15,5	10,6	6,6	2,9	1,3	2,5	9,5
22	770,1	748,7	14,9	11,1	16,9	12,2	13,2	8,5	12,1	27,0	8,8	10,0
23	770,8	764,8	15,3	10,0	16,1	12,6	13,1	7,8	10,4	2,8	7,0	9,3
24	771,2	766,6	14,2	11,7	16,1	14,7	13,0	9,9	1,0	0,4	7,5	10,0
25	769,8	760,5	10,7	11,0	15,2	11,8	10,4	8,3	0,0	12,5	4,7	8,8
26	769,2	763,8	11,8	10,0	15,7	12,3	11,9	7,7	0,0	5,1	4,8	10,0
27	769,2	765,2	14,6	10,6	15,6	13,4	13,0	8,9	1,2	0,4	8,0	9,5
28	771,1	764,3	15,2	13,7	17,2	14,6	14,1	12,5	1,6	34,9	7,0	10,0
29	771,8	768,3	14,5	13,0	17,6	15,4	14,0	11,7	1,8	5,1	5,7	8,2
30	768,4	770,1	13,8	9,7	15,7	12,3	11,4	8,7	0,0	0,2	7,5	6,3
31	770,1	768,8	11,5	9,4	14,0	12,8	10,1	8,6	2,7	0,0	9,0	5,5



# VARIEDADES

## PERUS

AGUARELLA DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. MARIA SIMÕES

OS SERÕES fazem, n'este numero, a sua primeira tentativa de reproducção typographica a tres cores d'uma aguarella expressamente pintada e amavelmente offerecida pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Simões. Está longe a nossa gravura de traduzir com fidelidade a frescura de tintas e a exactidão de côr, as quaes distinguem o original, trabalhado com o saber e com a arte da premiada expositora nos salões do Gremio Artistico. Que nos perdôe a gentil artista amadora, mas as melhores reproducções de quadros que temos visto feitos por este processo, de obter com tres cores de impressão apenas, o amarello, o ver-

melho e o azul, sobrepostas todos os tons e todas as cambiantes, alteram a tonalidade geral, quando comparadas com os originaes, e a distincta pintora, discipula estimada de Silva Porto, sabe muito bem esta attenuação obrigada das tiragens. Não é uma copia; é uma simples reproducção typographica, o que é differente.

Os *Serões* reconhecem-se profundamente penhorados pela obsequiosa colloboração, toda despreocupada de justas vaidades, que a distincta pintora da notavel tela *Jogando as cristas* mostrou não ter, entregando a sua esplendida aguarella á nossa modesta reimpressão.

Sem alarde de vaidades descabidas, os *Serões* teem a consciencia de ter até agora realiado algum progresso n'este genero de publicação; e, para o seu preço em extremo diminuto, conseguido apresentar grande numero de boas gravuras, cuidadosamente impressas. D'este seu empenho e esforço, tem alcançado o favor publico e acolhimento excepcional. Procuramos melhorar ainda o aspecto geral, utilizando os modernos processos coloridos de gravura typographica, poucô a pouco, e de quando em quando; porque todas estas innovações apenas se conseguem realisar cabalmente, quando uma larga tiragem compensadora permite a despeza correlativa, como succede em publicações mais ou menos congeneres no estrangeiro. Lá, o mercado é grande; a leitura muito procurada; a revista, o *magazine* é companheiro habitual e indispensavel de toda a gente, no interior das casas e na rua, em comboios ou em omnibus; é leitura variada e mais barata do que o livro, ao qual tem feito na Inglaterra, na Allemanha, na America e em

França uma concorrência intensiva. E' vêr como as obras dos melhores romancistas e dos melhores pensadores se imprimem primeiro nas revistas; as edições subsequentes em livro são a confirmação do exito alli obtido.

Os *Serões* teem conseguido vulgarisar alguns trabalhos notaveis e ineditos de escriptores portuguezes, e n'este mesmo intuito outras obras se seguirão. Ainda como esclarecimento da quantidade de leitura que os *Serões* fornecem nas suas 72 paginas, é curiosa a verificação já feita de que seis paginas compactas de prosa da nossa revista no seu typo pequeno mas bem claro e legivel, equivalem a vinte e duas no formato e no typo vulgar dos romances em livro. E por isso affirmamos ser o seu preço em extremo reduzido. Procura-mos assim attingir mais larga tiragem, só então remuneradora; e fiamos a nossa melhor e quasi unica propaganda na recommendação espontanea de que dos *Serões* façam, como temos verificado acontecer, os nossos felizmente já numerosos leitores.

## MEMENTO ENCYCLOPEDICO

NOVEMBRO — **26 França** — Voltam ao trabalho todos os mineiros de Denain.

**27 Soldão** — Os representantes da Inglaterra e da Italia, reunidos em Roma, encarregados da delimitação de fronteiras em todo o Soldão e Erytrêa chegam a uma intelligencia sobre o assumpto. — *Estados Unidos* — Os guarda agulhas associados dos caminhos de ferro do norte dos Estados Unidos, declararam-se em greve. — *Allemanha* — O conselho federal approva o orçamento da marinha o qual ascende a 200 milhões de marcos.

**28 Portugal** — Trasladação das ossadas dos reis D. João II, o *Principe Perfeito*, D. Affonso V, o *Africano*, rainha D. Isabel, esposa d'este, e principe D. Affonso, filho d'aquelle, da casa capitular e da capella de Nossa Senhora da Piedade para a capella do fundador no mosteiro da Batalha. A cerimonia realisou-se com a assistencia de suas majestades.

**29 Columbia** — Os commandantes dos navios, de guerra, recebem dos liberaes a rendição de Colon e entregam a administração da cidade ao Dr. Alban.

**30 Columbia** — É officialmente confirmada a ruptura das relações diplomaticas entre a Columbia e Venezuela. Foi a Columbia quem fez a notificação do rompimento. — *Republica Argentina* — Um violento incendio destroe uma grande fabrica de tecidos no bairro italiano Dell Acqua em Buenos Ayres, cujos prejuizos são enormes e ficando sem trabalho 1500 operarios. — *Hespanha* — A princeza das Asturias dá á luz um infante que será baptisado com o nome de Affonso André. — *Africa do Sul* — São desterrados mais 9 chefes boers. Uma proclamação ingleza declara abolidas differentes leis da Republica.

DEZEMBRO — **1 França** — É nomeado director da Comédie Française o actor Guitry. — *Inglaterra* — Celebra-se em Londres em Hyde Park um grande comicio de protesto contra a exoneração do general sr. Redvers Buller.

**2 Portugal** — Inauguração do congresso colonial na sala *Portugal* da Sociedade de Geographia com a assistencia de Suas Magestades e alteza o Principe Real. — *Italia* — Inaugura-se solememente em Cagliari um monumento a Verdi. — *Polonia* — Accentua-se na Polonia prussiana o movimento de opinião contra a Allemanha. Os commerciantes fazem os seus pedidos á França. — *Asia* — Accentua-se a rivalidade entre a Inglaterra e a Russia. — *Estados Unidos* — O sr. Hutin, presidente da Companhia do canal inter-oceanico do Panamá, entrega ao vice-presidente Roosevelt uma offerta formal de venda dos direitos da companhia aos Estados Unidos. — Abertura do congresso americano, o orçamento geral do Estado para 1902-1903 fixa as despezas em 610:827:688 dollars.

**3 Italia** — Declara-se fallido em Genova o

banqueiro Scartezzini com um passivo de oito milhões de liras. — O *comité* dos dalmatos renuncia os direitos do Instituto de S. Jeronymo a favor da Assistencia do Vaticano. — *Hespanha* — Realisa-se em Jerez um importante comicio operario para pedir a liberdade para os companheiros presos em consequencia dos acontecimentos de Sevilha, Corunha e Barcelona.

**5 Austria** — O partido progressista germanico expulsa o seu chefe, Wolff, obrigando o a demittir-se do seu mandato parlamentar, em consequencia de questões intimas do partido. — *Inglaterra* — Um violento incendio destroe a Bolsa de Liverpool em consequencia de uma explosão.

**6 Estados Unidos** — O senador Maccomas defende no senado o projecto de lei punindo com a pena de morte os auctores de attentados contra os presidentes, funcionarios do estado ou chefes de estado estrangeiro. — *Portugal* — O *Diario do Governo* publica a reforma da Escola de alumnos marinheiros. — *India* — Em Loheia no Yemen, são mortos 40 soldados turcos n'um combate com os indigenas que se revoltaram contra os impostos.

**7 Inglaterra** — A Inglaterra envia 6:000 libras para pagamento de indemnisação aos americanos prejudicados pela guerra do Transvaal. — *Estados Unidos* — É apresentada ás camaras uma proposta para ser concedida á viuva de Mac Kinley uma pensão de 5:000 dollars. — *Brazil* — Descobre-se uma conspiração monarchica no Rio de Janeiro com o fim de derubar a republica e sendo apprehendido bastante armamento.

**8 Servia** — Os operarios e estudantes de Belgrado fazem uma grande manifestação contra a nova lei sobre a imprensa e o direito de reunião.

**9 Austria** — Os jornaes começam uma campanha contra os duellos tendo-se publicado um documento com 300 assignaturas dos homens mais notaveis, esperando-se que se conseguirá uma reforma legislativa que evite os duellos. — *Russia* — O popular romancista Maximo Gorki é desterrado para o Caucaso. — *Nicaragua* — O ministro dos negocios estrangeiros de Nicaragua e o ministro plenipotenciario dos Estados Unidos assignam a convenção que cede a esta nação uma parte do territorio da largura de 6 milhas, seguindo o traçado do canal.

**10 França** — Parte dos accionistas do *Figaro* reclamam perante os tribunaes que sejam repostos os antigos director e gerente. — *Austria* — Produz-se uma grande manifestação anti-allema em Lemberg por occasião da inauguração da estatua do poeta polaco Yeuski tendo, o consulado allemão sido apedrejado. — *Estados Unidos* — Celebra-se em Chicago um grande *meeting* de protesto contra a guerra boer. — A camara dos deputados approva o

projecto de lei dos premios á marinha mercante.

**12 — Suissa** — A assembléa federal elege presidente da confederação para 1902 o conselheiro Zemp, de Lucerne pertencente á direita catholica e o conselheiro Deucher de Thurgovia, vice-presidente. — *America Central* — É publicado um decreto convocando 60:000 homens da reserva em Buenos Ayres para 1 de janeiro. — *Estados Unidos* — A commissão senatoria do canal isthmico approva o projecto Morgan.

**13 Russia** — O governo auctorisa o ministro das Obras Publicas a dispender em 1902, 200 milhões de rublos nas construcção de duas linhas ferreas, uma de S. Petersburgo a Viatha e outra de S. Petersburgo a Moscow. — *Estados Unidos* — Alguns clubs revolucionarios organisam uma subscrição para levantar um monumento a Colgosz, o assassino de Mac-Kinley. — *Venezuela* — Cessam as communicacões da Allemanha com a Venezuela. — *Nicaragua* — A commissão commercial da camara dos representantes de Washington decide apresentar um relatório favoravel ao projecto do canal isthmico de Nicaragua. Os estados unidos de Nicaragua assignam um protocollo concedendo aos seus vinhos e fructas a entrada com franquia nos Estados Unidos.

**15 Hespanha** — As fabricas de fiação em Berga suspendem o trabalho por desavenças entre os patrões e operarios. — *Porto Rico* — O jornal *A Tribuna* propõe que a ilha de Porto Rico e as ilhas dinamarquezas constituam um estado autonomo que se chamaria *Estado Antilhano* e que teria por capital S. João de Porto Rico. — *Africa* — Termina a greve dos pedreiros em Tãnger por terem chegado a um accordo os patrões e operarios á cerca das 8 horas de trabalho. — *Allemanha* — Os estudantes polacos fazem ruidosas manifestações contra Shicman, que se occupou n'um discurso da questão polaca.

**15 Hespanha**. — A imprensa de Las Palmas protesta contra o accordo hispano-argentino, que se suppõe pactuado, com a clausula de serem admittidos nas Canarias durante 20 annos, livres de direitos, os cereaes argentinos. — Reunem-se em Barcelona os trabalhadores da arte metallurgica que querem o dia de 9 horas de trabalho, votando a greve geral em vista da recusa dos patrões. Deixaram por este facto de trabalhar 16:000 operarios. — *Portugal* — Regressa de Lourenço Marques a Lisboa a bordo do paquete *Zaire* a penultima expedição militar enviada ás possessões africanas. — *Estados Unidos* — O presidente Roosevelt recusa acceitar dez milhões de dollars para estudantes pobres, offerecidos pelo millionario Carnegie. — *França* — Termina o *meeting* monstro dos operarios dos caminhos de ferro realisado na Bolsa do trabalho de Paris, votando-se a protecção contra o excesso de trabalho e contra a exploração que os operarios soffrem; concessões de pensões e aposentacões, protestar contra as despedidas arbitrarías que as companhias fazem, defender a lei de Berteaux do limite do tempo de trabalho,

felicitar os deputados que a votaram e pedir que ella seja approvada no senado. — *Belgica* — Constitue-se o *comité* para a celebração do anniversario do nascimento de Victor Hugo em Bruxellas. — *Allemanha* — Os estudantes polacos organisam manifestações contra os deputados do *reichstag*. — *China* — Um violento incendio destroe 800 casas em Cantão fazendo numerosas victimas.

**16 Italia** — O papa pronuncia uma allocução contra o projecto de lei do divorcio apresentado na camara pelo socialista Berenini. — São nomeados os bispos de Saragoça, Madrid e Jaen. — *Bulgaria* — O gabinete bulgaro dá a sua demissão em consequencia dos incidentes relativos á realisacão do emprestimo. — *Estados Unidos* — O senado ratifica por 72 votos contra 6 o tratado Hay-Pauncéfate. — *Russia* — E' descoberta uma conspiração nihilista contra o czar e contra varios personagens de influencia na cõrte, sendo cortados os canos de abastecimento d'aguas e estas envenenadas na residencia imperial de Tzarteweselo achando-se duzentas pessoas envenenadas por este motivo.

**17 Hespanha** — Realisa-se em Barcelona um *meeting* em que tomam parte 6:000 grévistas. — A rainha regente auctorisa o ministro da fazenda a apresentar ás camaras um projecto de lei, baixando a 2 1/2 por cento do juro dos emprestimos do Banco de Hespanha ao thesouro. — *Noruega* — A camara auctorisa o governo a contrahir um emprestimo de 35 milhões de corõas.

**18 Filippinas** — A camara dos representantes approva por 163 votos contra 128 o projecto da pauta aduaneira das ilhas Filippinas. — *Argelia* — O governador cria uma direcção geral especial destinada a centralisar tudo quanto diga respeito a indigenas residentes no territorio submettido á jurisdicção civil. — *Africa portugueza* — E' aberta ao trafico civil e ás importações para as minas do territorio portuguez a linha ferrea de Lourenço Marques.

**19 França** — sr. Roger Ballu, inspector das Bellas Artes e professor da escola das Artes decorativas é exonerado das suas funcções por ter dirigido expressões injuriosas ao governo n'uma reunião politica celebrada no dia 15 nos arredores de Paris. — *Inglaterra* — deputado Okelli é condemnado a dois mezes de prisão, por ter, em varios discursos, ameaçado os proprietarios de que não receberiam as rendas dos colonos irlandezes.

**20 Allemanha** — A policia convida as sociedades polacas a que fallem allemão nas suas reuniões. Os pangermanistas preparam uma exposição ao Reichstag, solicitando a supressão de direitos politicos aos polacos, dinamarquezes, alsacianos e lorenos que vivam sob o regimen allemão. — *Belgica* — A camara dos representantes approva o projecto de lei apresentado pelo governo á cerca do assucar.

**21 Venezuela** — O general Mendonza presidente do Estado de Carabobo, subleva-se contra o general Castro, presidente da Republica.

**22 França** — E' inaugurada em Paris a estatua de Baudin. — *Italia* — A camara dos de-

putados approva o projecto das medidas financeiras com a supressão de impostos no valor de 25 milhões de liras. Os direitos de barreira sobre a farinha e o pão serão abolidos gradualmente. Cria-se um imposto progressivo sobre as heranças—*China*—O governo de Pekin dirige uma nota á Russia perguntando-lhe quando terminará a evacuação da Nandchuria e lhe entrega a linha ferrea. Pede tambem que lhe seja reduzida a indemnisação assignalada para manutenção do caminho de ferro e protesta contra o monopolio mineiro que exerce a Russia.

**23** *Inglaterra* — Chamberlain acceta o of-

ferecimento da Australia que consiste em mandar mil homens para a Africa do Sul.—A alliança protestante dirige um protesto a lord Salisbury contra a invasão de padres e freiras que pretendem estabelecer-se na Inglaterra.—*Africa Portugueza* — E assignado o *mudus vendi* entre o governador geral de Lourenço Marques e lord Milner, resultando ficar o caminho de ferro portuguez em eguaes circumstancias aos das colonias inglezas durante a guerra do Transvaal.

**24** *Republica Argentina* — A camara vota uma lei prohibindo a exportação de cavallos e muares.



## THEATROS

*Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Dezembro*

DEZEMBRO 2 — *A creança de 90 annos*, comedia drama em 2 actos (Theat. da Trindade).

7 — *A segunda mulher de Tanqueray* drama de Arthur William Pinero, traducção dos srs. Luiz Galhardo e Mauuel Penteado (Theatro de D. Maria).

10 — *Sorte* comedia em 4 actos de A. Capus, traducção do sr. Accacio de Paiva (Theatro de D. Amélia).

15 — *O filho artificial*, comedia em 3 actos

de Bouchier, traducção do sr. Freitas Branco (Theatro do Gymnasio).

17 — *A corrida do facho*, peça de Paul Hervieu, traducção do sr. Accacio Antunes (Theatro de D. Amélia).

*O Supplicio d'um pae*, drama em 5 actos arranjado de uma peça de Dumas pelo sr. Luiz Galhardo (Theatro do Principe Real).

18 — Abertura da epocha lyrica do Real Theatro de S. Carlos com a opera *Tosca*.



## NECROLOGIA

NOVEMBRO 28 — ANTONIO GISBERT, em Paris, pintor hespanhol notavel pelos seus quadros sobre assumptos hespanhoes.

29 — PI Y MARGALL, 77 annos, em Madrid, illustre publicista e politico republicano.

29 — GUILHERME TIBERGHEN, em Bruxellas, celebre philosopho belga.

DEZEMBRO 3 — BISPO DE LAMEGO, D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, 54 annos, em Lamego.

7 — CONDE DE VILLA FRANCA, 80 annos em Lisboa, litterato e politico distincto.

15 — BAPTISTA MACEADO, em Lisboa, conhecido folhetinista, actor e auctor de varios comedias e revistas.

16 — MARQUEZ DE ANGEJA, 56 annos em Lisboa, fidalgo muito conhecido e popular.

16 — JULES GABRIEL HERBETTE, 62 annos em Paris, antigo embaixador da França em Berlim.



## PHOTOGRAPHIA PRATICA

*Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.*

### Como se fazem quadros para projecções

De todos os quadros em vidro para projecções, os melhores e mais perfeitos são os photographicos

Ha outros meios de os preparar, porém, a sua composição exige mais ou menos paciencia e habilidade de mão sobretudo se se desejar qua-

dros coloridos. Para fazer simples desenhos a traço, applica-se um pedaço de vidro transparente sobre o desenho que se deseja reproduzir, copiando-se com um pincel fino molhado em tinta preta ou com uma penna molhada em tinta da China um pouco espessa. Para que o traço se fixe facilmente sobre a superficie do vidro, deve limpar-se este muito bem com branco de Hespanha e cobril-o depois com uma

camada muito ligeira d'uma substancia sobre a qual a tinta da China adhire facilmente, tal como a gelatina ou o fel de boi. As tintas de côr applicam-se tambem mais facilmente sobre o vidro assim preparado.

Alguns pintores cobrem o vidro com uma camada de essencia de therebentina distillada que se deita na superficie como o collodio e deixa se seccar verticalmente n'um supporte.

Em logar de se applicar o vidro ordinario pôde-se, com um lapis duro, copiar sobre um vidro despolido muito fino. Logo que o desenho esteja prompto enverniza-se a superficie despolida, o que a torna transparente.

São variados os processos para obter os desenhos sobre vidro ou sobre outra qualquer substancia transparente.

Entre outros processos, indicaremos dois que são bastante praticos :

1.º Faz-se com um lapis o desenho, com as dimensões necessarias, sobre um pedaço de gelatina. Os traços destacam-se, portanto, em negro por projecção, podendo se preencher os com tinta preta em pó, que se applica logo que o desenho esteja terminado.

Um outro processo consiste em cobrir de negro de fumo uma chapa de vidro e desenhá-lo com uma agulha, que deixa os traços brancos, e fixar o desenho, como no desenho a lapis conté sobre o papel.

Querendo applicar uma gravura ou uma photographia das dimensões necessarias e á qual não se deseje dar outra applicação, podem passar-se sobre o vidro da seguinte fórma :

Limpa-se bem o vidro e deita-se-lhe uma camada de verniz de essencia, deixando se seccar. Mo'ha-se a gravura em alcool e secca-se imperfeitamente entre duas folhas de mata borrão, collocando-se ainda humida sobre a camada de verniz e apertando-a bem em todos os sentidos de maneira a fazer sahir as bolhas de ar que se contiverem entre o papel e o verniz. No dia seguinte molha-se o papel e fricciona-se com o dedo fazendo sahir o papel quasi completamente de maneira que fique apenas uma pelicula extremamente fina, devendo chegar-se a este resultado sem estragar a gravura. Finalmente, para acabar de dar ao quadro a transparencia necessaria deita-se-lhe por cima uma certa quantidade de verniz de espirito de vinho, espalhando-o sobre toda a superficie do papel e escorrendo-o em seguida.

Querendo fazer quadros colloridos ou colorir os que o não são, taes como as photographias, ha tres maneiras diferentes de operar :

1.º Pintar com tintas de aguarella, tornando as transparentes por meio de applicação de uma camada de verniz branco de espirito de vinho sobre a chapa pintada; logo que a camada esteja secca, pinta-se novamente, se as primeiras tintas apparecerem fracas e enverniza-se ainda uma vez: é este o processo mais simples.

2.º As pessoas habituadas a pintar a oleo preferem servir-se do processo seguinte :

Empregam-se as tintas em bisnagas como

para a pintura ordinaria. Desfazem-se o mais possivel sobre um vidro com uma espatula ou vareta de vidro, juntando lhe pouco a poucoverniz copal, e utilisam-se em seguida; ou preparam-se previamente em séries de côres necessarias que, uma vez diluidas com o verniz, são fechadas em pequenos frascos. Antes de dissolver as tintas com o verniz, se se apresentarem um pouco gordas ao tiral-as das respectivas bisnagas, deitem-se sobre mata-borrão destinado a beber o oleo. As tintas assim desengorduradas misturam-se melhor com o verniz.

3.º Uma outra receita que nos parece ainda mais facil :

Desenha-se o traço sobre o vidro com tinta lithographica desfeita a secco n'um *godet* e em seguida desfaz-se com essencia e algumas gottas de verniz copal. Quando o traço esteja secco, applica-se a côr com as tintas de aguarella, em paus e diluidas com o liquido seguinte :

Agua 20 partes, gomma 4, assucar 2 e uma ou duas gottas de acido phenico para evitar o bolôr. Enverniza-se : com gomma laca dissolvida no alcool (gomma laca branca, 8 grammas; alcool a 95 graus, 100 cc.)

Este verniz emprega-se aquecendo ligeiramente o vidro. Pôde-se dispensar o envernizamento se se cobrir a pintura com um segundo vidro.

N'estes trabalhos só se devem empregar as côres transparentes que são o azul de Berlim, o carmim de cochonilha, o carmim de garança, a laca amarella, o verde vegetal e a terra de Sienne queimada.

Para os negros emprega-se a tinta da China ou a tinta ordinaria de escrever ou ainda o negro de fumo dissolvido em verniz de quadros.

Podem finalmente empregar-se os vernizes de côr que se encontram preparados no commercio, mas o seu emprego, visto a sua grande fluidez e evaporação rapida, apresentam algumas difficuldades.

Taes são os processos empregados pelos pintores que produzem geralmente este genero de quadros. Pôde-se seguir exclusivamente um ou outro d'estes methodos ou simultaneamente, mas em verdade na pratica encontram-se uma infinidade de pequenas difficuldades, das quaes se triumphá á força de paciencia e tempo. Só uma grande experiencia nos trabalhos d'este genero permittirá evitar os escolhos que se encontram no começo. Estes processos são tambem applicaveis aos positivos sobre vidro ou gelatina.

Qualquer que seja o methodo seguido ha uma cousa a evitar por todos os meios possiveis, é a poeira que pôde cahir sobre a pintura ainda fresca e ahi deixar depositos imperceptiveis, que uma vez ampliados dão um máu effeito sobre o quadro. Deve-se verificar o mais cuidadoso aceio na casa onde se trabalha, o que se evita supprimindo todas as tapetarias inuteis e tudo de onde possam sahir fios voltijando no ar. Os fatos são muitas vezes causa do insuccesso, sendo conveniente trabalhar com uma blouse usada,

### Emprego do borax nos reveladores de hydroquinone e de iconogène

Mr. Watherhouse indica no *Photo-Era* a vantagem do emprego do borax nos reveladores de hydroquinone e iconogène em substituição do carbonato. Com esta modificação os reveladores conservam-se por mais tempo e evitam a junção do brometo para se obter os negros transparentes.

A formula indicada para o banho de hydroquinone é a seguinte:

Agua.....	1000 gr.
Sulfito de soda.....	100 »
Borax.....	30 »
Hydroquinone.....	10 »

e para o de iconogène:

Agua.....	1000 gr.
Sulfito de soda.....	100 »
Borax.....	25 »
Iconogène.....	10 »



## PACIENCIAS

**F**AZER *paciencias* é dos passatempos mais estimados e mais vulgarizados. Para muitos o habito de fazer *paciencias* attinge a intensidade da paixão, quando não chega a constituir um vicio innocente. E' um exercicio de attenção e de habilidade imaginosa que não fatiga o espirito e contenta-o fartamente na *réussite*. Permite o isolamento na conversação geral, quando se quer; e não inibe de entrar n'ella, quando convenha; a sua manipulação, em geral complicada, aguça o entendimento e acompanha-o na elaboração do pensamento e da reflexão; o desejo de attingir a resolução procurada absorve tão docemente, que se esquecem até as teimosas contrariedades, accumuladas, como nuvens negras, no intimo da consciencia. Os melhores e mais poderosos espiritos usam das *paciencias* como distracção habitual. Para citar alguns, lembramos Bismarck, o grande chanceler de ferro, que todas as noites, antes de recolher, apoz o seu trabalho exaustivo, fazia a sua *paciencia* em volta da mesa do serão, sob a luz abatida do candieiro, onde se reuniam a familia e os intimos, em momentos de descanso distensivo e bom. Portanto os *Serões*, mercê de um dos seus mais prestimosos collaboradores, comecem hoje a offerecer aos seus leitores algumas *paciencias* menos conhecidas, senão inteiramente ineditas, como aquella que segue sob o nome de:

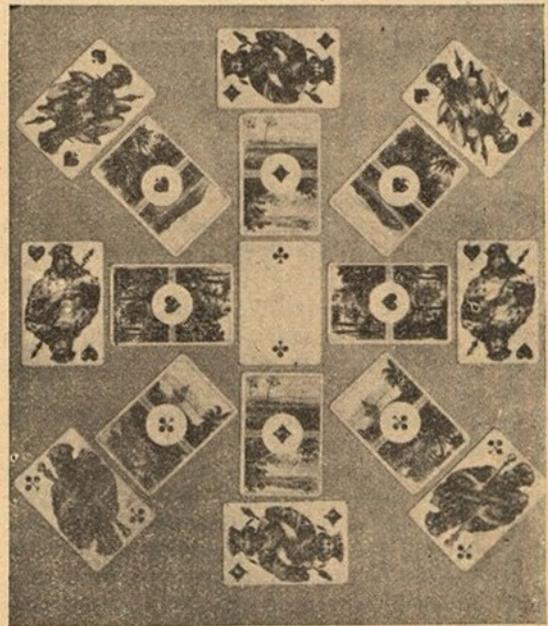
### Cruz de Malta

(Dois baralhos completos — Não enaipada)

Colloquem-se sobre a meza as cartas na disposição adiante indicada, formando uma estrella.

No centro, um dois de qualquer naipe, os quatro azes vermelhos em fórmula de cruz; por cima d'elles e atravessados os quatro reis também vermelhos. Nos espaços comprehendidos entre os azes vermelhos, disponham-se os azes negros e sobre elles também atravessados os reis negros. Dispostas assim estas cartas, vão-se tirando do baralho oito cartas, uma a uma, começando a sua collocação exteriormente na parte superior ao rei vermelho da

linha vertical e successivamente junto de cada um dos oito reis nos oito bicos da estrella.



Logo que estejam assim dispostas estas primeiras 8 cartas, verifique-se em primeiro lugar se ha alguma ou algumas que convenha collocar sobre o dois que está ao centro, isto é, para começar em três, depois quatro, cinco, etc., e assim seguidamente no sentido ascendente até ao rei que se tira dos reis negros da estrella; chegando ahi retrocede-se, isto é, volta-se a pôr um valete, continuando com dama, dez, etc., no sentido descendente até chegar novamente a dois, ao qual segue um az que também se vae buscar aos azes negros da estrella, e começar de novo a subir até rei para descer até az e assim successivamente, ficando bem assente que os azes e os reis a tirar são sempre os negros e nunca os vermelhos.

Como raro será que as 8 cartas exteriores appareçam todas seguidas, de certo ficarão algumas sem collocação sobre o dois do centro; verifique-se então se entre ellas algumas ha que possam collocar-se umas sobre as ou-

tras para formar familias, devendo-se ter em conta que as cartas na direcção das linhas vermelhas se collocam sempre no sentido descendente, escolhendo a de menor valor e collocando as outras sobre ella, isto é: havendo um dois colloque-se um tres, sobre este um quatro etc.; e que na direcção das linhas negras se procede inversamente, isto é: procure-se a de maior valor, por exemplo um valète, e colloque-se sobre elle a dama, o dez, etc., sempre no sentido descendente.

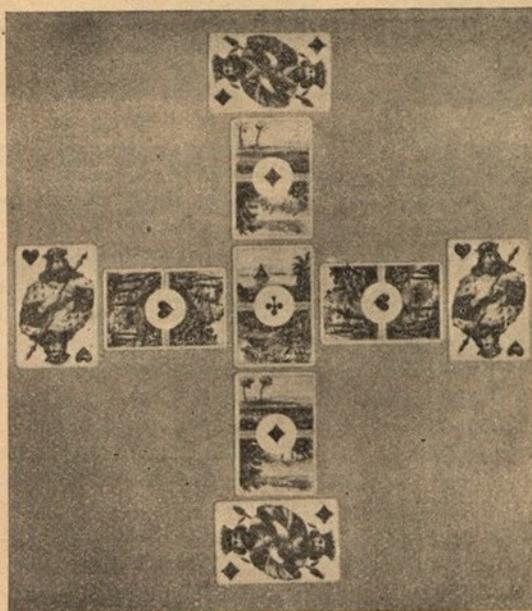
Esta operação tem por fim arranjar o maior numero de cartas possivel para serem collocadas no monte que se está formando sobre o dois do centro.

Póde, attendendo ao seguimento do monte, trocar-se uma carta de uma linha vermelha por outra de uma linha negra; exemplo: no monte central está um quatro e precisa-se de um cinco para continuar a ordem ascendente; se por acaso houver n'uma das linhas negras um seis sobre um cinco e nas linhas vermelhas houver um sete, póde passar-se o seis da linha vermelha para sobre o sete da linha negra que é a linha descendente até encontrar o cinco que se procura e se colloca sobre o quatro do monte central assim como as cartas que se lhe seguem por ordem hierarchica.

Para se conseguir um bom resultado com estas trocas é necessario ter muita attenção e criterio habituado.

A paciencia considera se terminada quando se consegue collocar sobre o dois central as

cartas exteriores á estrella, acabando portanto n'um az como indica a figura seguinte:



E' muito difficil conseguir se este resultado, e as pessoas que não forem dotadas do maximo de paciencia, para só por esta forma o conseguir, poderão servir-se do recurso de recolher todas as cartas exteriores, sem as baralhar, começando pelas de cima da linha vertical e só mais uma vez recommençar a paciencia, o que ainda assim não é muito facil terminal-a com exito.



## CONHECIMENTOS UTEIS

**Modo de beber leite.** — Muitas pessoas dizem que não digerem o leite; ora, salvo raras excepções, toda a gente digere com facilidade esta excellente e bem natural bebida, porém com uma condição indispensavel — sabel-o beber.

O leite é sempre alcalino, coatêm não somente assucar, manteiga e albumina, mas ainda uma substancia albuminoide especial que se denomina *caseina*, coagulavel pela acidificação ou em presença de determinados fermentos, como aquelle que serve para a preparação dos queijos. Ora, quando o leite chega ao estomago coagula-se em presença dos acidos e dos fermentos que aquelle contêm normalmente. Estes coagulos são em seguida dissolvidos pela acção dos succos digestivos. Comprehende-se, portanto, com facilidade que se houver uma avultada e rapida ingestão de leite, se fôr bebido em grandes goladas, se formará no estomago um coagulo volumoso, um grande bloco de queijo, que será sem duvida mais vagarosamente dissolvido e d'uma digestão mais difficil e mais penosa do que, ao contrario, se houver a precaução de beber o leite em pequenos golos, interrompidos, lentamente ingeridos. Praticamente, deve gastar-se pelo menos cinco minutos para beber um copo de leite da grandeza ordinaria, vulgar.

Basta, portanto, saber beber bem leite para que este seja facilmente digerido. Da mesma causa provém a necessidade de cortar o leite com agua de Vichy ou de Vidago, para estomagos debies e enfraquecidos. A agua mineral alcalina e ainda a simples agua commum promove a producção de coagulos menos compactos e por isso mais facéis de desagregar. A regra experimental e racionalmente justificada é beber o leite sempre a pequenos golos..

**Da frescura dos ovos.** — Para reconhecer a idade recente dos ovos tem sido indicados varios processos dos quaes o mais vulgar consiste na applicação da lingua sobre uma das extremidades do ovo. Se houver sensação de frescura, o ovo é recente; se é antigo, parece que a casca é quente ao tocar-a com a lingua. Os ovos frescos são um pouco mais transparentes no meio, e o contrario se dá nos ovos velhos. O ovo fresco afunda-se dentro d'agua, o velho chega a sobrenadar com o decorrer do tempo. A casca d'um ovo velho é vitrea, em quanto que a d'um ovo fresco parece recoberta d'uma camada de cal. A casca d'um ovo fresco secca immediatamente a ser retirado da agua fervente; se ficar molhada, desconfie-se da frescura.

**O automovel agente therapeutico contra a tuberculose, e a bicycletta contra a neurasthenia.** — Um medico, do maior pendor e predilecção pelo automobilismo, escreveu, ha pouco, ao *Times*, narrando as suas observações sobre a acção benéfica que sobre os predispostos para a tuberculose e sobre os que principiam a soffrer-lhe as primeiras investidas, exerce o passeio em auto n'uma velocidade superior a 40 kilometros por hora. Constitue um novo tratamento de pleno ar. Virificou levantamento de forças, melhoria de disposição moral, accrescimos de appetite, tendencia á diminuição da tosse, que se confirma na permanencia das melhoras, após dias de tratamento.

A bicycletta tem sido indicada como meio curativo de diversos males; mas em *doenças da vontade* parece ser decisiva a sua acção benéfica. Alem das doenças chamadas physicas ha tambem aquellas que se denominam vulgarmente *moraes*, que se tem tornado mais frequentes com o *surmenage* intellectual, com a residencia em climas depressivos pelo calor e infecciosos pela febre, com o abuso das bebidas alcoolicas e estimulantes, com a violencia da vida moderna, com a luta pela riqueza e pelo prazer. A neurasthenia é a mais vulgar d'essas affecções chamadas *moraes*; caracteriza-se em geral pelo *spleen* e pela perda de vontade.

Ha pouco ainda aconselhava-se aos neurasthenicos viagens e distracções, como tambem o repouso e o isolamento, conforme os casos e a sua forma; mas esquecia-se assim que a

falta de gosto e de vontade inibia de executar o tratamento e de tirar d'elle o beneficio previsto. Os passeios a pé quasi se tornam automaticos para o neurasthenico que diariamente passa pelo mesmo sitio, cruza o mesmo itinerario, sempre insipido, sempre desprendido da acção exterior. Ora, o doutor Berillon, professor de psychologia physiologica, tem verificado que a acção cyclista produz no neurasthenico manifestação de decisão e de autoridade, sentimentos que se apagam em regra nas victimas d'aquella doença. Parece que a attenção forçada ao equilibrio, ao movimento, aos incidentes do caminho provoca uma salutar reacção no organismo deprimido. Claro está que o uso da bicycleta não é therapeutica infallivel, mas está provado ser um coadjuvante poderoso e efficaç.

**Glycerina perfumada.** — Como se sabe, a glycerina tem em alto grau a propriedade de absorver o perfume das flores, e alem d'isto a de amaciar a pelle, sendo excellente para os cabellos. Deitam-se dentro de glycerina de boa qualidade bastantes flores de lilaz, jacynthos, narcisos, lyrios, violetas, rosas, jasmims e deixam-se permanecer durante tres semanas para ceder todo o seu perfume á glycerina; e depois tiram-se, obtendo-se um oleo perfumado que excede as mais finas essencias. Como a glycerina se pode misturar com agua em qualquer proporção, deitando algumas gotas d'este oleo em agua, obtem-se uma deliciosa agua perfumada para lavagens e banhos. Como é sabido, a glycerina, apesar da sua apparencia oleosa e chimicamente um alcool.

## PROBLEMAS

### Resoluções do numero anterior

N.º 18 — 12 decim; 5 decim.

N.º 19 — 36 annos; 12 annos.

N.º 20 — *Xadrez*:

- BRANCOS  
1. Ra. para 3 T  
2. Xeque e mate.

- PRETOS  
1. Qualquer

### Num. 21.

Um trem parte de *A* para *B*, distante 216 kilometros, ás 2 horas da manhã. Tres horas e meia depois parte de *A* para o mesmo ponto um segundo trem que percorre por hora 4 kilometros mais do que o primeiro o chega 1 hora antes d'aquelle. A que horas chegou cada um dos trens a *B*?

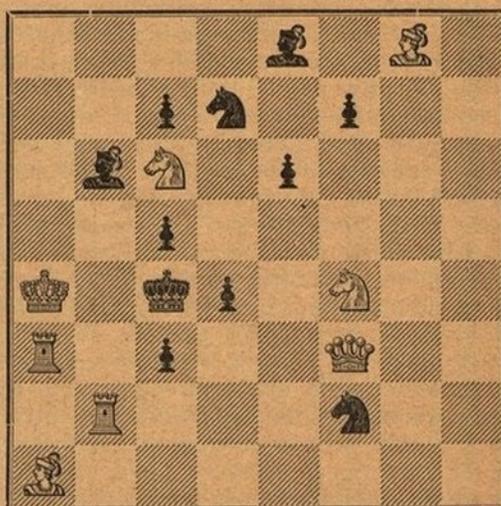
### Num. 22.

Um tanque pode encher-se em  $26 \frac{1}{4}$  horas por dois tubos differentes, ao mesmo tempo. Se se fizerem funcionar separadamente, o maior gastará 18 horas menos que o mais pequeno em encher o tanque. Quantas horas empregaria cada tubo n'esta operação?

### XADREZ

Num. 23

PRETOS (4 peças)



BRANCOS (10 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lances

